



O QUE É SER PROFESSOR/A?

*Perspectivas e reflexões
contemporâneas da docência*

Marilena Rosalen, Cristiana Madureira, Louise Lima,
Alexandre Cruz e Everton Viesba
(Orgs.)



O que é ser professor/a?

Perspectivas e reflexões contemporâneas da docência

Marilena Rosalen, Cristiana Madureira, Louise Lima,
Alexandre Cruz e Everton Viesba
(Org.)



Nota 1: Esta obra foi elaborada de forma colaborativa, tornando-se uma coletânea. Os capítulos respeitam as normas técnicas e recomendações da ABNT. Alguns capítulos podem ser derivados de outros trabalhos e apresentações em eventos acadêmicos, todavia, os autores foram instruídos ao cuidado com o autoplagio. A responsabilidade pelo conteúdo de cada capítulo é de competência dos/as respectivos/as autores/as, não representando, necessariamente, a opinião da editora, tampouco da equipe organizadora e organizador.

Nota 2: A equipe organizadora, autoras, autores e editora empenharam-se para fazer as citações e referências de forma adequada, dispondo-se a possíveis acertos caso, inadvertidamente, alguma referência tenha sido omitida. Apesar dos melhores esforços de toda a equipe editorial, é inevitável que surjam erros no texto. Deste modo, as comunicações das leitoras e leitores sobre correções são bem-vindas, assim como sugestões referentes ao conteúdo que auxiliem edições futuras.

© **COPYRIGHT DIREITOS RESERVADOS.** A V&V Editora detém direito autoral sobre o projeto gráfico e editorial desta obra. Organizadoras e autores detêm os direitos autorais de publicação do texto na íntegra. O trabalho *O que é ser professor/a? Perspectivas e reflexões contemporâneas da docência*, organizado por Marilena Rosalen, Cristiana Madureira, Louise Lima, Alexandre Cruz e Everton Viesba também está licenciado com uma Licença de Atribuição Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional, permitindo seu compartilhamento integral ou em partes, sem alterações e de forma gratuita, desde que seja citada a fonte.



Impresso no Brasil
Printed in Brazil

O que é ser professor/a?

Perspectivas e reflexões contemporâneas da docência

Marilena Rosalen, Cristiana Madureira, Louise Lima,
Alexandre Cruz e Everton Viesba
(Org.)

V&V Editora
Diadema - SP
2024

Conselho Editorial

Profa. Dra. Marilena Rosalen	Prof. Dr. Ivan Fortunato
Profa. Dra. Angela Martins Baeder	Prof. Dr. José Guilherme Franchi
Profa. Dra. Eunice Nunes	Prof. Dr. Luiz Afonso V. Figueiredo
Profa. Dra. Luciana A. Farias	Prof. Dr. Flávio José M. Gonçalves
Profa. Dra. Maria Célia S. Gonçalves	Prof. Dr. Giovano Candiani
Profa. Dra. Rita C. Borges M. Amaral	Prof. Me. Arnaldo Silva Junior
Profa. Dra. Silvana Pasetto	Prof. Me. Pedro L. Castrillo Yagüe
Profa. Ma. Beatriz Milz	Prof. Me. Everton Viesba-Garcia
Profa. Ma. Marta Angela Marcondes	Profa. Ma. Letícia Moreira Viesba
Profa. Ma. Erika Brunelli	Profa. Ma. Sarah Arruda

Expediente

Coordenação Editorial: Everton Viesba-Garcia
Coordenação de Área: Marilena Rosalen

Organização

Organização: Marilena Rosalen, Cristiana Madureira, Louise Lima, Alexandre Cruz e Everton Viesba

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação da Coordenação e/ou Conselho Editorial da V&V Editora, sendo aprovados na revisão por pares para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q3 O que é ser professor/a? Perspectivas e reflexões contemporâneas da docência. Marilena Rosalen, Cristiana Madureira, Louise Lima, Alexandre Cruz e Everton Viesba (organizadores) – Santo André: V&V Editora, 2024.

200 p. : 16 x 23 cm

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-6063-035-2

DOI 10.47247/MR/6063.035.2

1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Rosalen, Marilena. II. Viesba, Everton

CDD 371.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

V&V Editora

Santo André, São Paulo – Brasil

Tel./Whatsapp: (11) 94019-0635 E-mail: contato@vveditora.com

vveditora.com

SUMÁRIO

REFLEXÕES PARA UMA PRÁTICA TRANSFORMADORA	10
Everton Viesba, Marilena Rosalen, Cristiana Madureira, Louise Lima e Alexandre Cruz	
A CABEÇA PENSA POR ONDE OS PÉS PISAM	14
Edna de Lima Munin	
A DOCE ARTE DE ENSINAR: DA ALEGRIA AO DESAFIO	18
Sônia Couto Ramos	
A IMPORTÂNCIA DAS NARRATIVAS NA CONSTRUÇÃO SOCIOEDUCATIVA DO TERAPEUTA OCUPACIONAL	
Naiad Quinhone Pimentel	
A PAIXÃO POR ENSINAR ENFERMAGEM.....	28
Adriana Camilo Leovergilio de Andrade	
A PERSPECTIVA ANTIRRACISTA DA DOCÊNCIA.....	32
Bianca Yara Pereira Alves	
DA TELA AO PRESENCIAL	36
Bianca Lopes Santos	
DO CONHECIMENTO AO RECONHECIMENTO: OS APRENDIZADOS CONSTANTES DE UMA PROFESSORA.....	40
Bruna Gimenez da Silva	
O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER? PROFESSORA, COM MUITO ORGULHO!.....	44
Bruna Carolina Lopes Pedraga	



CONSTRUÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DO SER PROFESSOR: RELATO E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE EM SAÚDE	50
Suzana Cristina Almeida	
DESAFIANDO LIMITES: A PROFISSÃO DOCENTE NAS PERIFERIAS E A EDUCAÇÃO COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO EM MEIO ÀS ADVERSIDADES SOCIAIS E ECONÔMICAS	56
Luiz Eduardo Melo Weisheimer	
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE : PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL E PRÁTICA COLABORATIVA NA APS	60
Caroline Freire	
ALÉM DO SABER: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS DE GERAÇÕES	65
Charles Yea Zen Chow	
DIAGNÓSTICO DA DOENÇA CÁRIE E SUAS PERSPECTIVAS EM 2023	69
Beatriz Tomé Martins de Moraes	
DA ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA – UMA TRANSIÇÃO DE VALOR.....	74
Ligia Maria Oliveira Conte Silva	
SER PROFESSOR É ESTUDAR SEMPRE	79
Eduardo Figueiredo Teles Faria	
O INÍCIO DA DOCÊNCIA: REFLEXÕES DE UM JOVEM DOCENTE	83
Alexandre Monteiro de Camargo	
SALA DOS PROFESSORES: CONVERSA SOBRE O ADOECIMENTO DOCENTE....	88
Daiane Carvalho da Silva	
A PRÁTICA REFLEXIVA NA DOCÊNCIA COMO MEIO DE RESPOSTAS	94
Vitória Cristina Ferreira Santos	
SONHOS SEMPRE VEM PARA QUEM SONHA COM VONTADE.....	98
Viviane Gonçalves	

SER PROFESSOR POR AMOR NÃO DEIXA DE SER DESAFIADOR	102
Giovanna Augusto Ravazi	
NARRATIVAS DOCENTES: TRILHANDO FRONTEIRAS CULTURAIS E CONSTRUINDO MINHA IDENTIDADE NA EDUCAÇÃO	106
Julio Cesar Domiciano	
PARA ALÉM DOS MÉTODOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO EDUCACIONAL	112
Larissa Alves Barros	
AS DIFICULDADES E OS APRENDIZADOS DE SER PROFESSOR – MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA.....	116
Otávia Patrícia Gomes	
TRANSFORMANDO VIDAS POR MEIO DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL: A HUMANIZAÇÃO DA ESCOLA COMO AGENTE TRANSFORMADOR.....	121
Eubes Alves de Oliveira Santos	
O QUE É SER PROFESSOR? A PEDAGOGIA DO COMPRIMIDO.....	126
Joselia Maria da Silva	
PERSPECTIVAS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL.....	130
Bianca Santantonio Silles	
O QUE É SER PROFESSOR: UM ENSAIO SOBRE A VIDA.....	134
Lucas Zenni Salomão	
PORQUE ME TORNEI PROFESSORA?.....	137
Mariana de Almeida Medawar Tavares	
“PRÔ, VOCÊ É MENINO OU MENINA?” VIVÊNCIAS DE UMA AUXILIAR DE INCLUSÃO TRANSGÊNERO EM SALA DE AULA	143
Jordana de Sena Campos	
PROFESSOR DO COTIDIANO.....	147
Queila Vicente Fonseca Santos	



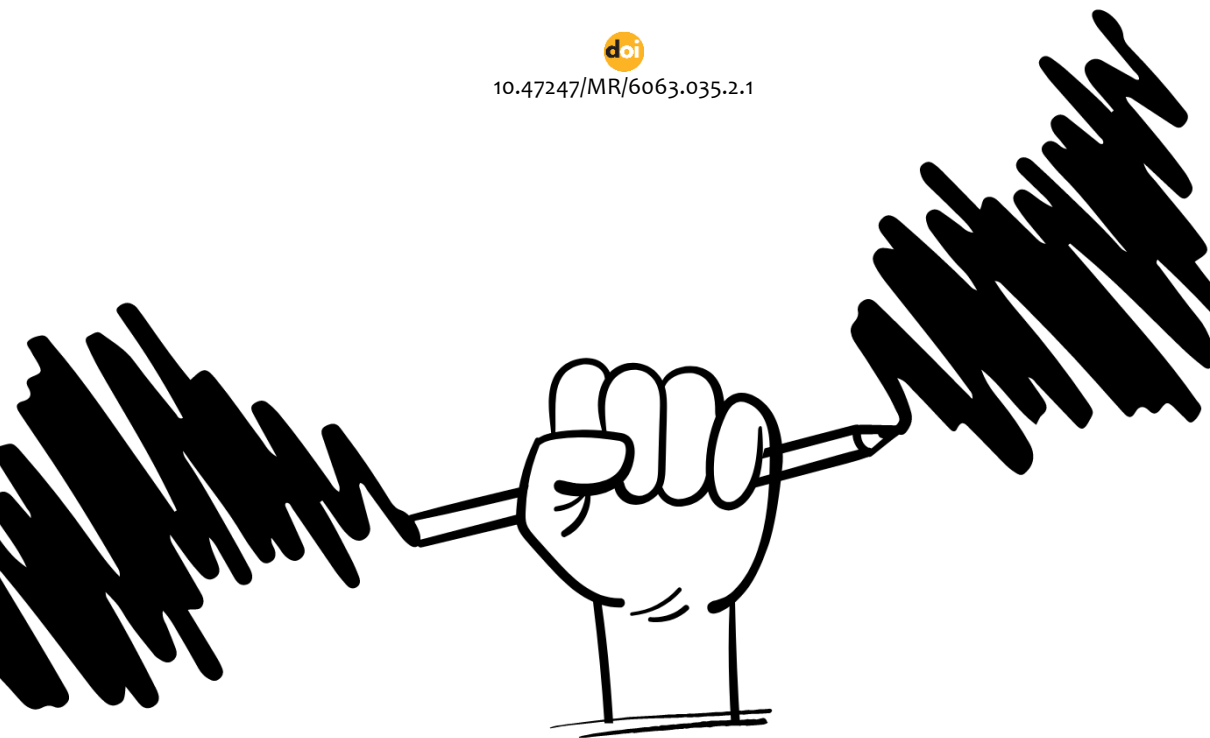
ESCOLA: BUSCANDO SIGNIFICADOS ENTRE TEORIA E PRÁTICA	151
Ricardo Maciel Lopes	
SOBRE A DIMENSÃO POLÍTICA DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE: REFLEXÕES DE UM PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE O NOVO ENSINO MÉDIO	156
Anderson Ricardo Júnior da Rocha Silva	
O PROCESSO DE TORNAR-SE PROFESSORA.....	161
Bruna Acioli Silva Machado	
SER PROFESSOR: VOCAÇÃO OU NECESSIDADE?	165
Sandra Mara Medeiros França	
SER PROFESSOR NA ATUALIDADE: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS DESAFIOS ENFRENTADOS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO	170
Mauricio Hernandes	
TRAJETÓRIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA : UMA JORNADA DE ENSINAMENTOS, ARTE E VOLUNTARIADO	174
Beatriz Oliveira Bezerra	
O QUE É SER PROFESSOR? UM SER INACABADO QUE SE CONSTITUI DIARIAMENTE ENTRE ENSINAR E APRENDER.....	178
Taís da Silva Amaral	
Sobre as organizadoras e os organizadores	182
Sobre as autoras e os autores	185
Índice remissivo	193
Ficha técnica	194

REFLEXÕES PARA UMA PRÁTICA TRANSFORMADORA

*Everton Viesba, Marilena Rosalen, Cristiana Madureira,
Louise Lima e Alexandre Cruz*



10.47247/MR/6063.035.2.1



O exercício da docência no século XXI exige uma prática que vá além da simples transmissão de conhecimentos. Ser professor, hoje, implica ser um agente de transformação, capaz de promover mudanças significativas tanto na vida dos estudantes quanto na sociedade como um todo. Para isso, é essencial que os educadores adotem uma postura reflexiva, que lhes permita questionar e reinventar constantemente suas práticas pedagógicas, em busca de métodos que realmente façam a diferença.

Este exercício é complexo e multifacetado e envolve a formação integral dos indivíduos. Este livro, em seu segundo volume, emerge como uma continuação necessária e aprofundada das discussões iniciadas na disciplina homônima do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PECMA) na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Este prefácio pretende oferecer uma visão panorâmica das reflexões e debates que sustentam as páginas que seguem.

O primeiro volume deste trabalho teve como objetivo delinear os contornos iniciais do que significa ser professor no século XXI. Para tanto, foram utilizadas como metodologias de escrita o ensaio e a carta pedagógica, as mesmas adotadas neste volume. Desde o fim do século passado, os desafios e as complexidades do ensino se intensificaram, impulsionados pelas mudanças tecnológicas, sociais e políticas. Este segundo volume, portanto, não apenas atualiza essas discussões, mas também as expande, explorando novas dimensões e perspectivas da prática docente.

Para entendermos “o que é ser professor” a partir de reflexões contemporâneas, se faz necessário entender a emergência de uma prática transformadora. Esta, por sua vez, é comumente entendida por valorizar e contextualizar o ensino, conectando-o às realidades e vivências dos estudantes. Isso significa levar em conta suas experiências, seus saberes prévios e as especificidades culturais de suas comunidades. Ao valorizar essas dimensões, nós, professores, não apenas tornamos a aprendizagem mais significativa, mas também promovemos um ambiente inclusivo e respeitoso, onde todos se sentem valorizados e capazes de contribuir.

Outro ponto necessário à reflexão é a inovação pedagógica, componente crucial dessa abordagem transformadora. Incorporar novas metodologias, tecnologias e recursos didáticos pode enriquecer a experiência de ensino e aprendizagem, tornando-a mais dinâmica e envolvente. No entanto, a inovação não deve ser um fim em si mesma, mas um meio para alcançar objetivos educacionais mais amplos, como o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da capacidade de resolver problemas.

E o terceiro ponto que podemos destacar, a partir da realização da disciplina e das discussões que serão apresentadas aqui, diz respeito à formação continuada dos professores. Em um mundo em constante mudança, precisamos estar sempre atualizados e preparados para enfrentar novos desafios. Isso envolve a participação em cursos e treinamentos e a criação de comunidades de prática, onde podemos



compartilhar experiências, trocar ideias e apoiar uns aos outros. A formação continuada deve ser vista como um processo colaborativo e coletivo, essencial para o desenvolvimento profissional e pessoal dos educadores.

Estes três pontos se convergem entre um capítulo e outro, basicamente formando um constructo sobre “o que é ser professor”. Neste livro, diversos autores apresentam suas reflexões sobre a identidade docente, a formação de professores e os desafios enfrentados no cotidiano. As narrativas aqui compiladas foram cuidadosamente curadas para oferecer um panorama abrangente e diversificado das múltiplas facetas da docência, destacando tanto as dificuldades quanto as conquistas.

Uma das principais preocupações deste volume é a questão da formação continuada dos professores. Os capítulos dedicados a este tema discutem as teorias e práticas de formação, além de apresentarem experiências pessoais concretas de desenvolvimento docente.

Outro tema central é a integração das tecnologias digitais na educação. A pandemia de COVID-19 acelerou a adoção de ferramentas digitais no ensino, revelando tanto potencialidades quanto limitações. As reflexões aqui presentes abordam desde a implementação de tecnologias em sala de aula até o impacto dessas ferramentas na formação da identidade profissional. A inclusão e a diversidade também ocupam um lugar de destaque neste volume. As escolas são microcosmos da sociedade, e os professores precisam estar preparados para lidar com uma diversidade de estudantes em termos de gênero, etnia, classe social e necessidades educacionais especiais. Os capítulos que tratam deste tema oferecem reflexões sobre como promover um ambiente educacional inclusivo e equitativo.

A relação entre teoria e prática é outro tema de reflexão. Muitos dos autores deste volume são tanto pesquisadores quanto professores em sala de aula, quer seja na Educação Básica ou no Ensino Superior, o que lhes confere uma perspectiva única sobre como as teorias educacionais podem ser aplicadas na prática. Este diálogo entre teoria e prática é essencial para a construção de uma pedagogia que seja ao mesmo tempo reflexiva e eficaz. Há ainda reflexões sobre a gestão escolar e o papel do professor como líder. Em tempos de mudanças rápidas e imprevisíveis, a liderança educacional se torna crucial. Os capítulos dedicados a este tema discutem as competências necessárias para a liderança escolar e como os professores podem exercer um papel de liderança em suas comunidades escolares.

Este segundo volume também se preocupa em explorar as emoções e a subjetividade na prática docente. Ser professor é um trabalho emocionalmente exigente, e reconhecer e lidar com essas emoções é essencial para a saúde mental e profissional dos educadores. A relação com a comunidade é outro aspecto importante da docência contemporânea. As escolas não existem em isolamento; elas são parte de uma rede mais ampla de relações sociais. Os capítulos dedicados a este



tema discutem como os professores podem construir parcerias com as famílias e a comunidade, fortalecendo o vínculo entre escola e sociedade.

Finalmente, este volume, em sua totalidade, se destaca com uma visão esperançosa e inspiradora sobre o futuro da docência. Os desafios são muitos, mas as possibilidades de transformação e inovação são igualmente vastas. Os autores aqui reunidos acreditam no poder da educação e na capacidade dos professores de fazer a diferença. Portanto, agradecemos a todos os autores e colaboradores que contribuíram para a realização deste livro e da disciplina “Reflexões e Perspectivas Contemporâneas da Docência”. Esperamos que as reflexões aqui apresentadas inspirem e enriqueçam a prática docente de todos os leitores, promovendo uma educação mais justa, inclusiva e transformadora.

É o que nós, organizadoras e organizadores, desejamos.

Boa leitura!

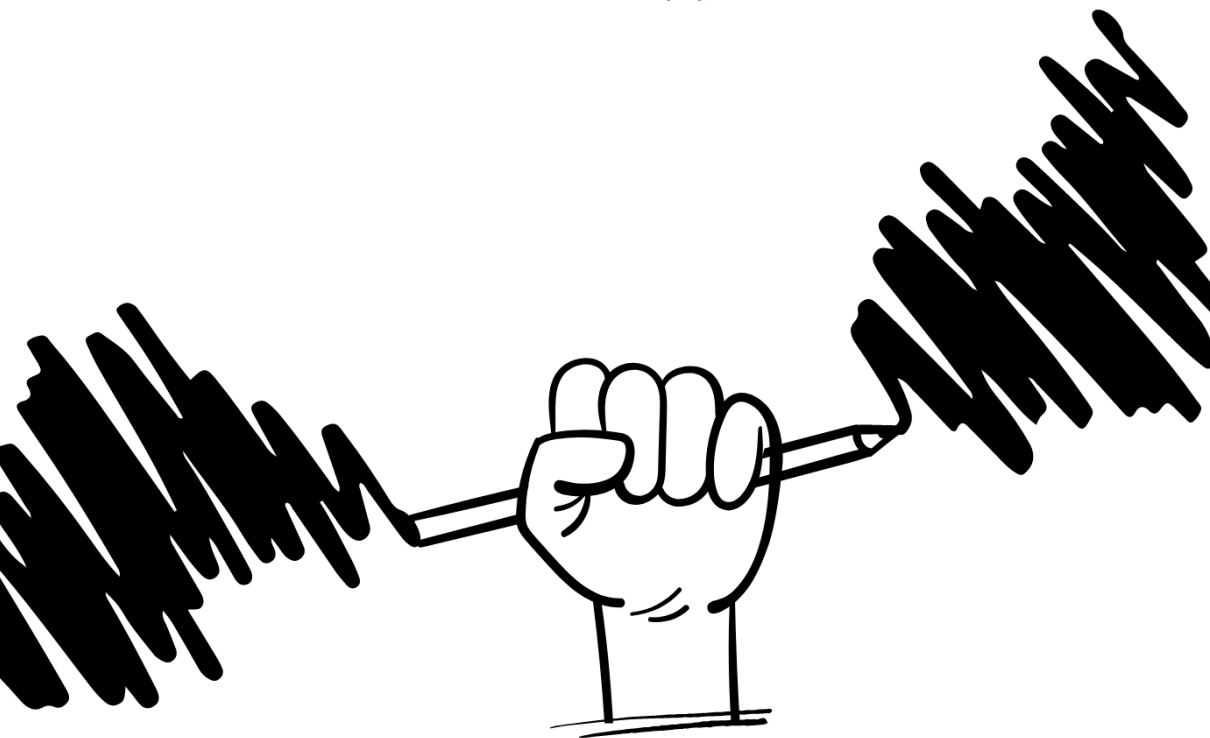


A CABEÇA PENSA POR ONDE OS PÉS PISAM

Edna de Lima Munin



10.47247/MR/6063.035.2.2



Uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura e à releitura do grupo, provocá-lo bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto.(FREIRE, Paulo. 25. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Estava saindo de uma padaria, acompanhada do meu querido e saudoso pai, quando de repente escuto alguém me chamando em voz alta. - Professora! Nós olhamos e uma adolescente veio ao meu encontro e com um forte abraço me falou, - Que saudades de você e olhando para o meu pai continuou, ela foi a melhor, simplesmente por me ouvir. Modéstia parte fiquei envaidecida, principalmente ao ver a felicidade do meu pai, alguém pode pensar, mas é só uma professora, mas o sucesso de uma pessoa não se mede, assim como os atletas, no ponto de chegada e sim no ponto de partida. Ao retornarmos para casa, meu pai encantado com esse simples momento, tive uma sensação nostalgia, pensando no processo, nos caminhos que me levaram até aquele momento tão significativo e marcante, pois ser professora não mudou só a mim, e sim a todos a minha volta.

Nascida em uma família nordestina e cristã, de mãe analfabeta e pai com o ensino fundamental, a exigência com os estudos nunca foi prioridade, minha irmã mais velha se casara aos dezesseis anos, a irmã do meio saiu da escola no sexto ano para cuidar na irmã mais nova que tinha acabado de nascer e minha mãe não poderia parar de trabalhar devido a necessidade de ajudar no sustento da família, sendo assim já recebendo a educação da importância da busca de um trabalho honesto, independente qual fosse, e um casamento precoce, devido às questões morais seria o ideal para nossa cultura. E como o planejado culturalmente o esperado aconteceu, casei aos dezesseis anos, saí da escola no segundo ano do ensino médio, logo engravidei e quando minha filha completou seus dois anos de idade senti a necessidade de voltar ao mercado de trabalho e é aqui que começa minha caminhada na construção dessa professora que me tornei.

'Uma ostra tranquila não produz pérolas.' Início das provocações

Sem estudos, e precisando trabalhar, fui ser vendedora em uma loja de roupas infantis, e a dona da loja tinha uma filha da mesma idade que eu, a qual, a mãe falava com muito orgulho, sobre seu desempenho na escola, esforço no cursinho, colocação no vestibular, seu sucesso no estágio, e por consequência entrada com destaque em uma multinacional. Fiquei encantada com aquela história e naquele momento me senti provocada a entender o porquê ela trilhou aquele lindo e merecido caminho e o porquê eu não havia pensado diferente e cheguei com a mesma idade sendo vendedora de segunda a sexta e nos finais de semana fazia faxina. Voltando para casa intrigada em um ônibus lotado comecei a pensar sobre quais caminhos que eu poderia trilhar para ter um emprego e ganho melhor.



A partir dessa experiência comecei a procurar um emprego que me disponibilizasse um maior tempo para terminar meus estudos e consegui entrar em um colégio particular da elite de São Paulo e as provocações aumentaram de forma exacerbada, pois ali, tirando um Senhor que trabalhava na portaria há mais de 50 anos, todos possuíam curso superior. Foi nessa fase que os gatilhos começaram a fazer efeito, já que minha filha também era provocada, pois sendo bolsista também pude perceber que ao ajudá-la nas atividades escolares comecei a aprender sobre a história do Brasil, português, matemática como nunca tinha visto antes nas escolas que estudei.

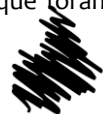
Realidade, possibilidade e oportunidade

Acredito que a rica experiência trabalhando em uma escola, teve uma grande influência na escolha da minha formação em pedagogia, além das oportunidades e incentivos educacionais, como por exemplo a proposta de estágio remunerado que me impulsionaram e o valor da parcela mais acessível, sem contar com o apoio do meu esposo que sem seu auxílio não teria conseguido, já que cuidava da minha filha. Confesso que o sonho sempre esteve ligado a área da saúde, como enfermagem ou medicina, mas estes, estavam fora da minha realidade, mas o que a pedagogia tem a ver com a saúde? sim, muito a ver, o contato e o cuidado com as pessoas. E foram essas experiências de cuidar, ouvir, mediar e ensinar que me fizeram ser a Educadora que sou hoje, defendo a ideia de que as escolhas são feitas a partir do que temos como referência e como base de reafirmação, trago a fala Paulo Freire, para agregar esse conceito.

“Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, Por isso mesmo pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os de classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária.”(Freire, 1996.)

Hoje defendo a ideia de que como educadores, temos a responsabilidade de adequar a nossa fala à realidade do público de educandos a qual estamos assistindo e disponibilizar, através da educação e da mediação, provocações sobre as diversas formas de pensar e identificar, culturas, valores, crenças, gostos e trazendo como resultado, quem sabe, a construção do respeito pelo diferente. Trago em meus treinamentos diários algumas falas, tais como: Só temos saudades daquilo que vivemos e só almejamos aquilo que conhecemos e que hoje através da tecnologia podemos ter uma tempestade de ideias e possibilidades e que dentro da sua realidade podemos aumentar as chances de oportunizar novas conquistas, antes não imaginadas, ou como podemos salivar com alguma comida que nunca provamos?

Paulo Freire, a qual foi um grande provocador das minhas reflexões fala que o pensar diferente dos sujeitos são certos ou errados a partir da forma que foram



apresentados a eles. “Pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos. Pensar certo não é que – fazer de quem se isola, de quem se “aconchega” a si mesmo na solidão, mas um ato comunicante. Não há por isso mesmo pensar sem entendimento e o entendimento, do ponto de vista do pensar certo, não é transferido, mas coparticipado. Se, do ângulo da gramática, o verbo entender é transitivo no que concerne à “sintaxe” do pensar certo ele é um verbo cujo sujeito é sempre partícipe de outro. Todo entendimento, se não se acha “trabalhado” mecanicistamente, se não vem sendo submetido aos “cuidados” alienadores de um tipo especial e cada vez mais ameaçadoramente comum de mente que venho chamando “burocratizada”, implica, necessariamente, comunicabilidade”(FREIRE, Paulo. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.)

Nessa mesma linha de pensamento, trago minha experiência ambígua de em um período do dia sou Professora de treinamento e desenvolvimento para jovens aprendizes e no segundo período, professora na Fundação Casa, duas situações se contrapõem, entre um grupo que luta para construir e o outro em desconstruir achando que está construindo para si. Amar a educação está além do que se ensina, tal quanto às matérias ofertadas e sim em fazer com que ambos os públicos entendam que as questões do que se aprendeu e apreendeu até hoje ou se defende uma determinada ideia, religião, valores como certo ou errado está além da auto escolha e que o se permitir entender como foi construído pode sem dúvidas mudar seus horizontes de sentido, já que ninguém escolhe nascer na periferia ou nem mesmo em uma mansão, logo, trazer a reflexão sobre o todo do que se compreende diferente, entregando através de provocações e na sequência, convidando a pensar nas diferentes identidades tem me tornado uma pessoa melhor.

Concluindo

Minha missão como educadora é proporcionar através da provocação das diversas formas de pensar, o quanto é possível criar possibilidades para que as oportunidades se adequem as suas realidades e assim eles possam ir além do que acreditavam que era possível se tornando pessoas extraordinárias e sem dúvidas medindo seu sucesso não até onde chegaram, mas sim de onde saíram. Segundo Paulo Freire "...ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, Paulo. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.) Referências FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia . São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia . São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.



A DOCE ARTE DE ENSINAR: DA ALEGRIA AO DESAFIO

Sônia Couto Ramos



10.47247/MR/6063.035.2.3



Acredito que ensinar seja um dom, mas para aqueles que não nasceram com este dom, tem a oportunidade de aprender, treinar, aprimorar e ensinar tão bem quanto aqueles que além de ensinar com maestria, estimulam e incentivam a reflexão, são verdadeiros mediadores, formadores de indivíduos melhores, críticos e pensadores.

Como tudo começou – O desejo

Desde a adolescência, gostava muito de ensinar, quando estudava para as disciplinas era sempre com lousa improvisada, giz e apagador, adorava estudar explicando para minha irmã que estava no mesmo nível de aprendizado. Admirava todos os professores e alguns eu tinha verdadeira paixão, todas as disciplinas voltadas para as ciências biológicas eram as prediletas, sem ter noção ainda, a área da saúde já estava escolhida.

Tinha o desejo de crescer, fazer faculdade, mas não sabia bem como, precisava definir, pois o ginásio, hoje fundamental II, estava terminando, precisava trocar de escola e tinham aquelas que formavam para o vestibular e outras que além disso, formavam professores de ensino fundamental I. Os inspetores de alunos eram amigos, bem próximos, acolhedores, aqueles que os alunos confiavam seus desejos profissionais, mas que de certa forma sem intenção, destruíam os sonhos, fazendo com que os alunos aceitassem a dura realidade que não conseguiriam chegar ao ensino superior, pois este era reservado para os adolescentes que tiveram o privilégio de estudar em escolas particulares. Eu era uma aluna aplicada e os professores reconheciam, uma forma de me homenagear foi deixando minha mãe entregar o “canudo”.



Consegui entrar em um colégio disputado por muitos adolescentes, através de vestibulinho, pois não havia vaga para todos, no segundo ano precisava definir, continuar estudando para o vestibular ou seguir para a formação de professora de fundamental I, pensei nos conselhos do inspetor de alunos lá do ginásio, mas segui meu instinto, meu desejo de cursar a faculdade e assim foi, cheguei na faculdade.



Escolhi o curso de Enfermagem, foram anos difíceis, pois além de estudar período integral, trabalhava à noite. Mas valeu a pena cada final de semana que não me divertia, cada festa que perdia, os feriados e datas festivas que trabalhava para folgar durante os dias de aula, cada mês de férias que tirava em período estratégico para estudar para as provas.



Digitizado com CamScanner



Digitizado com CamScanner



Digitizado com CamScanner

A Residência em Enfermagem

O primeiro desafio estava concluído, a faculdade terminou, a felicidade era muito grande, mas eu sabia que este era o primeiro de muitos desafios. Meu desejo agora era fazer residência em Enfermagem, a concorrência era grande, o Brasil inteiro pleiteando uma vaga, naquela época não tinham tantas opções como hoje, era Dante Pazzanese, Hospital Israelita Albert Einstein que era vinculado à faculdade e a UNIFESP, na USP era aprimoramento e não residência, mas meu desejo mesmo era a UNIFESP.

Novamente, quase sem acreditar, lá estava iniciando a residência na UNIFESP, o curso mais concorrido do Brasil, foram dois anos mais duros do que os quatro da faculdade, pois, a carga horária era muito grande, nos dois anos foi maior do que os quatro da faculdade, mas posso dizer que foi a escolha mais acertada para a minha vida profissional. Além da turma que era uma delícia de conviver!

Neste momento já começava informalmente a ensinar, fazia parte do R2(segundo ano da residência) acompanhar os alunos do quarto ano de enfermagem e do quinto ano de medicina nos procedimentos, adorava explicar e quando observava aqueles olhinhos atentos, interessados no que eu ia dizer era muito prazeroso. Entendi aí que gostava de explicar para alunos interessados em aprender, talvez que fossem parecidos comigo, sedentos de vontade de conhecer cada vez mais.





Atuando com enfermeira – os treinamentos

Foram 11anos trabalhando em UTI adulto, minha primeira paixão, 4 anos em unidade básica de saúde, que aprendi a gostar e entender que precisava cuidar das pessoas ali para não as admitir na UTI, dois anos em ambulatório de especialidades, auxiliando os usuários da saúde nas suas dificuldades mais diversas, como acesso, assistência direta, planejando a melhor forma de contribuir para atender a todos com acolhimento e equidade, 8 anos no SAMU, minha paixão mais recente, atendendo os mais diversos casos, presenciando a dor e a preocupação de forma imediata, diferente da UTI, onde as pessoas iam de certa forma se adaptando àquela situação de ter um ente querido muitas vezes graves ou que inspiravam cuidados e agora mais recentemente ainda no SAMU, trabalhando na regulação, com diversas funções, supervisionando uma determinada região de São Paulo, supervisionando as equipes, atendendo os usuários, respondendo por todo plantão.

Em todos estes locais, sempre novos funcionários entraram, alunos estagiários, residentes de enfermagem e medicina passaram, nos dando a oportunidade de ensinar e novamente aquele brilho no olhar, a sede de aprender cada detalhe do que eu falava me encantava, então eu percebi que além de ter acertado na área da saúde, meu desejo era ensinar formalmente para estudantes que escolheram esta área.

O início do sonho – professora universitária, cheguei aonde queria

Comecei há muitos anos lecionando para o curso técnico, acompanhando oficialmente estágios para alunos de graduação, mas até aí bastava que eu fosse enfermeira, meu desejo era maior.

Fui me preparando, especialização em educação em saúde do ensino superior, mestrado e consegui finalmente me tornar professora universitária, o que faço há 08 anos. São aulas em campo de estágio, laboratório, sala de aula,



orientações de TCCs com trabalho de campo, associando o ensino com o atendimento do usuário no serviço de saúde.

E novamente mestrado na UNIFESP, que não se limita apenas a parte acadêmica, mas ao ensinamento nos atendimentos dos diversos ambulatórios, atuar nos ambulatórios é uma obrigatoriedade durante a pós-graduação, mas a coisa é tão boa, que foram 12 anos de voluntariado ensinando pessoas com diabetes, principalmente tipo 2, contando com os dois do mestrado, que se não fosse a pandemia ter acabado com o ambulatório, talvez estivesse lá até hoje, sigo no doutorado, agora no ambulatório de diabetes gestacional, que tenho minhas dúvidas se vou conseguir abandonar quando findar o doutorado.

Aprendizado que levo para os alunos, o ser aluna e professora se misturam, é uma sintonia boa, consigo ter empatia pelos alunos, pois estou na mesma situação que eles, apenas em outro nível.

Ser professora – a preparação

Ensinar foi uma constante em minha vida, era a minha irmã na adolescência, os funcionários recém contratados, os alunos de enfermagem e medicina, os pacientes e as pessoas com diabetes. As vezes penso que nunca estamos totalmente preparados, cada etapa é um novo desafio, o desafio agora é fazer o que o inspetor de alunos do melhor jeito que ele conseguia fazer, acolher, incentivar, aconselhar, mas com muito cuidado para não destruir os sonhos, mesmo sem a intenção, como o inspetor fez comigo lá na adolescência.

A preparação nunca cessa e nem meus sonhos, agora o desejo é ser pesquisadora, ensinar os alunos que a vida cotidiana do enfermeiro é um laboratório de pesquisa, através delas, podemos melhorar muito a vida dos nossos pacientes, salvar vidas, prevenir doenças, melhorar a qualidade de vida, instrumentalizar nossos usuários e pacientes a autonomia, as melhores escolhas para uma vida longa e saudável. E uma alegria, talvez um reconhecimento seja quando os alunos entre tantos professores me escolhem, como paraninfa ou professora homenageada, me sinto feliz e até emocionada.

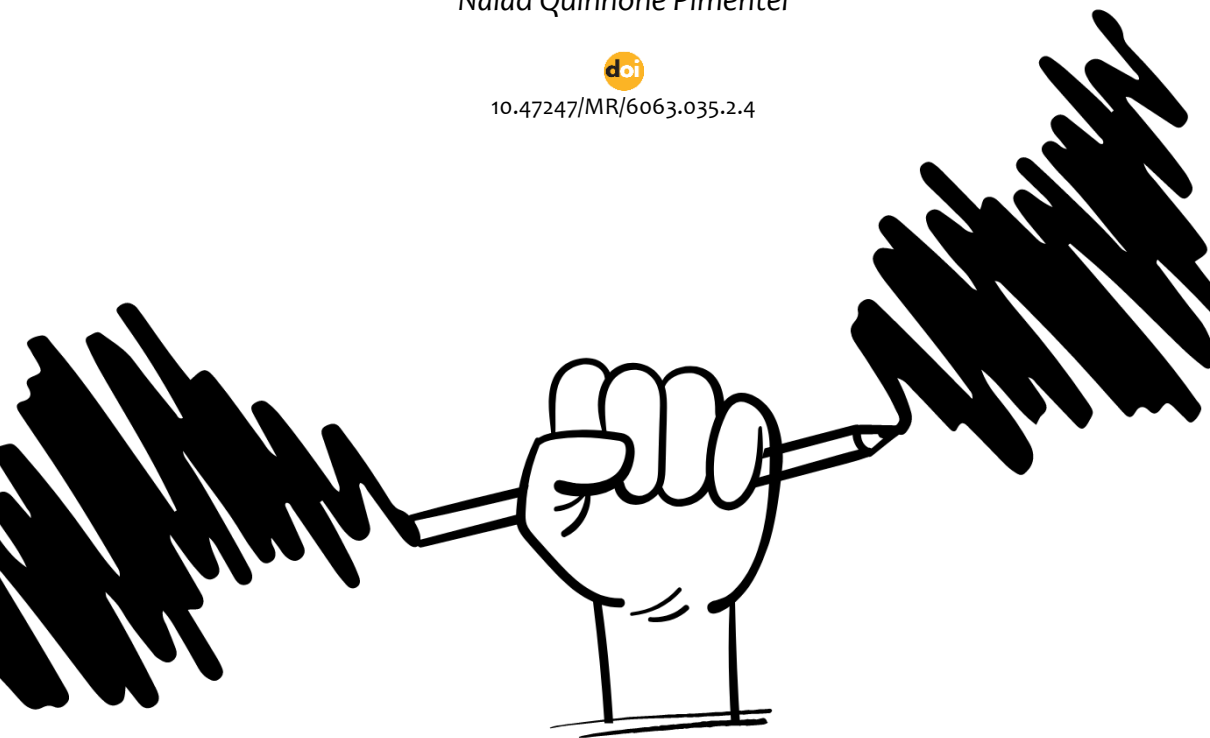


A IMPORTÂNCIA DAS NARRATIVAS NA CONSTRUÇÃO SOCIOEDUCATIVA DO TERAPEUTA OCUPACIONAL

Naiad Quinhone Pimentel



10.47247/MR/6063.035.2.4



Como as narrativas influenciam a construção socioeducativa do terapeuta ocupacional?

Segundo Gancho (2006) o ato de contar histórias se estende a gerações de pais, filhos, amigos, avós... que podem ser expressas em casos, piadas, mentiras ou romances. Dessa forma, todos são capazes de identificar os elementos necessários para uma narrativa, que são: onde esta história acontece, com quem e por quê. A mesma autora ainda define as cinco principais partes de uma narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

Partindo deste princípio, pode-se concluir então que todos nós já vivenciamos ouvir ou contar uma história ao longo de nossas trajetórias e apesar do homem ter uma vivência individual, pertence a uma construção coletiva, que mesmo com as diferenças, compõe um grupo social, onde sua produção do modo de vida se faz de forma social e histórica.

Squire (2014) afirma:

“As vidas se desenvolvem no tempo, e assim o fazem o ouvir ou ler histórias, e a capacidade das histórias de andar paralelamente ao curso da vida nesta dimensão muitas vezes é entendida como determinante do valor delas. Mas apenas porque elas acontecem no tempo, isso não significa que o tempo seja seu principal princípio organizador.”

Ou seja, as narrativas fazem parte da elaboração do próprio ser, do próprio querer, enquanto o indivíduo constrói sua identidade pertencente ao coletivo. Através da narrativa é possível encontrar significado para aquilo que se pensa, que, quando transportado para um grupo, encontra julgamento de valor, que pode influenciar de forma positiva ou negativa aquilo que o sujeito construiu em sua particularidade.

Muylaert (2014) afirma que aspectos desconhecidos e confusos da realidade social podem ser potencializados a partir de narrativas individuais. Trasponho tal afirmação para minhas memórias de infância, e recordo-me dos casos contados ao redor da mesa, pelos primeiros mestres que a vida me propunha. Lembro-me de quando criança, aprender com minha professora sobre o folclore brasileiro, e ao chegar em casa, compartilhar com minha avó as histórias aprendidas, que pacientemente, ouvia meus relatos sobre as aventuras vividas na escola.

Naquela tarde, contei-lhe as histórias do Saci Pererê e do Lobisomem, que entre tantas entidades folclóricas, foram as que mais impactaram meu espírito de criança, repleto de imaginação, que mergulhava rapidamente no mundo da fantasia, numa viagem delirante.



Lembro-me que a pequena mulher de cabelos brancos gargalhou ao término do meu conto, sentada na cadeira, enquanto eu brincava no chão. Ao questioná-la sobre o motivo do riso, a mesma rebateu: “Vou te contar da vez que o Saci foi na minha casa”. Imediatamente voltei meu olhar para ela e aguardei, com olhos bem atentos. Ela então continuou: “Quando a vó era menina, morava numa fazenda que tinha uns cavalos. Todo fim de tarde a gente guardava os cavalos no curral e depois ia pra casa, pra jantar e dormir. Quando acordava, a crina dos cavalos estava tudo trançada. O Saci passava lá a noite e fazia essa traquinagem...”

Ao ver minha boca entreaberta e meus olhos arregalados de espanto, acrescentou: “Meu pai falava que eram os morcegos, mas eu penso que era o Saci mesmo.”

A mesma criança que ouviu as histórias contadas pela avó é a mesma que hoje ouve as narrativas de indivíduos que buscam a terapia ocupacional e compreende o significado e relevância dos contos em sua particularidade, sendo a narrativa ferramenta para estabelecer a relação dialógica entre o terapeuta ocupacional e o cliente, preenchendo um lugar de reconhecimento, de projeções e de alcance, do que muitas vezes pode parecer distante.

Cunha (1999) destaca que é importante compreender a relação entre narrativa e experiência e que depois de algum tempo, passamos a compreender que a experiência é capaz de produzir o discurso assim como o discurso produz a experiência. A narrativa pode mudar a forma como as pessoas compreendem a si e aos outros e é uma estratégia de formação.

As narrativas ouvidas desde a infância, tanto no ambiente escolar como no social e familiar, podem ser responsáveis pela construção da personalidade de um sujeito, escolha dos caminhos a seguir e conseqüentemente escolha na profissão. É através desta ferramenta que se pode selecionar as melhores e piores partes, e mais do que isso, construir uma assinatura no mundo, pautada em todas as percepções, sensações, conceitos e julgamentos, realizados de forma extremamente intrínseca, individual e particular. Essa coletânea de momentos, cria a narrativa de um coletivo, como um quebra-cabeças, onde alguns conceitos e valores serão aceitos e outros desprezados.

Capozzolo *et al.* (2014) relatam a experiência de utilizar as narrativas na formação de profissionais de saúde, realizada pela Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP, campus Baixada Santista. Os autores descrevem que o uso das narrativas no processo de formação destes profissionais se mostrou uma estratégia potente no exercício da escuta ativa e capaz de sustentar o encontro clínico. Além disso, se mostra como uma ferramenta importante para que o profissional de saúde possa identificar diferentes modos de vida, de produção e manutenção de saúde, além de permitir ao estudante perceber os limites da prática profissional.



A importância do uso das narrativas na prática clínica do terapeuta ocupacional se evidencia ao destacar o olhar diferenciado deste profissional sobre a atividade humana, assim como sua utilização no processo terapêutico.

Segundo Galheigo (2009) por muito tempo, a atividade humana foi vista pela terapia ocupacional como seu recurso, porém, segundo a mesma autora, é necessário que se possa transcender esta visão simplista, e compreendê-la de forma que a atividade humana seja considerada como práxis, social, política e de manifestação cultural.

Beneton (2012) afirma que a Terapia Ocupacional tem seu núcleo numa relação triádica: dinâmica do movimento entre ação e reação entre o paciente, o terapeuta e as atividades, onde o alvo principal é a construção do cotidiano. Dessa forma, o raciocínio clínico do terapeuta ocupacional é narrativo, estabelecendo uma relação com a história do sujeito e seu cotidiano, onde a realização das atividades é o princípio e o fim do objetivo de terapeuta ocupacional, buscando a inserção social.

As narrativas possibilitam ao terapeuta ocupacional olhar para as atividades como algo que está presente em todos os tempos humanos, em toda sua pluralidade, em diversas dimensões e em variados contextos (Galheigo, 2009).

Pode-se concluir que a construção do profissional terapeuta ocupacional é permeada pela criança que ouvia e contava histórias, pelo estudante que aprendeu a ouvir e se conectar com o modo de viver dos sujeitos, para, por fim, compreender a produção de vida, de saúde e de ocupação de um lugar na sociedade, onde a atividade humana ganha valor e significado como base para a construção do coletivo.

Referências

BENETON, Jô. A narrativa clínica no Método Terapia Ocupacional Dinâmica. In: 1º Simpósio Internacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional, Instituto de Psiquiatria HC FMUSP, 2012. n.13. p. 4-8. Disponível em:< <https://ceto.pro.br/wp-content/uploads/2021/03/01-beneton-1.pdf>> . Acesso em: 04 dez. 2023.

CAPOZZOLO, Angela Aparecida. et al. Narrativas na formação comum de profissionais de saúde. Trab. educ. saúde, v.12 n. 2. Ago, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1981-77462014000200013>>. Acesso em: 04 dez. 2023.

CUNHA, Maria Isabel da.Conta-me Agora! : As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev. Fac. Educ., v.23, n. (1-2), Jan.,1997. Disponível em :<<https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>>. Acesso em: 04 dez.2023.

GALHEIGO S. M. Narrativas contemporâneas. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 8-12, jan./abr. 2009.



GANCHO, Cândida Vilares. Capítulo 1: Introdução. In: _____. Como Analisar Narrativas. São Paulo: Editora Ática, 2006, 9ª edição. Disponível em: <https://portalbiblioteca.ufra.edu.br/images/Ebook/letrasportugues/comoanalisanarrativas7ed8implivro.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

MUYLAERT, Camila Junqueira. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. Rev. Esc. Enferm. USP, v.48, Esp2, p. 193-199, 2014. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>>. Acesso em: 04 dez.2023.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? Dossiê: Narrativas - teorias e métodos. Civitas, Rev. Ciênc. Soc., Porto Alegre, v.14, n.2, 2014. Disponível em <<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17148>>. Acesso em > 04 dez.2023.

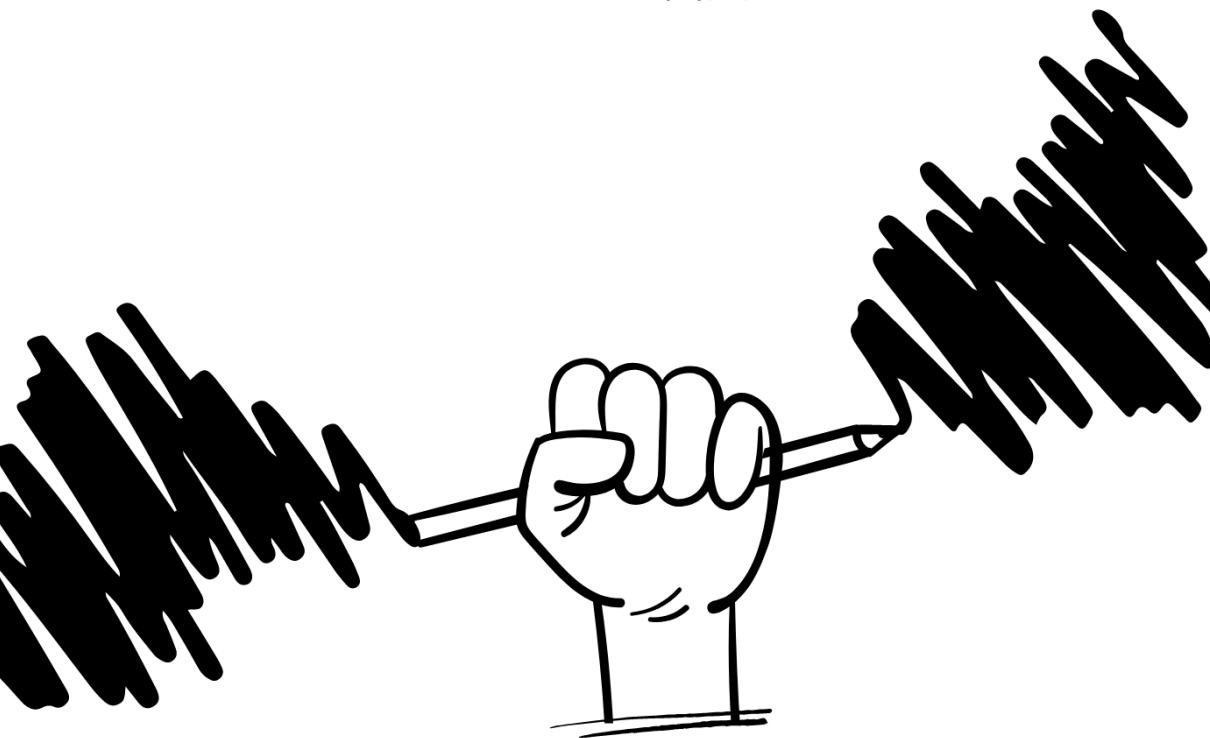


A PAIXÃO POR ENSINAR ENFERMAGEM

Adriana Camilo Leovergilio de Andrade



10.47247/MR/6063.035.2.5



O início

Ingressei no curso de Enfermagem em 2002, depois de dois anos tentando entrar em uma universidade pública, era a realização de um sonho. Mas para que esse sonho se tornasse real, muitos foram os sacrifícios, principalmente dos meus pais. Filha de pedreiro e empregada doméstica, estudei em universidade privada sem bolsa de estudos ou qualquer tipo de financiamento. Essa é na verdade uma realidade de muitos que estudam a vida toda na escola pública e que na hora de ingressar nas universidades públicas não conseguem pela precariedade do ensino fundamental e médio. Tive o privilégio de durante três anos na faculdade não precisar trabalhar, pois meu pai sempre dizia: “Não posso dar bens materiais, mas o que eu puder fazer pelos estudos eu vou fazer”, e assim foi, comecei a trabalhar só no último ano de faculdade e assim, com meu primeiro salário comprei o meu primeiro livro que nem era uma referência, mas encapei com todo cuidado como minha mãe fazia com nossos livros quando éramos crianças.

No último ano da faculdade, os nossos estágios eram individuais ou em duplas e já assumíamos as responsabilidades de um Enfermeiro. Uma dessas responsabilidades foi de criar e ministrar um treinamento sobre feridas para a equipe de Enfermagem de uma Unidade Básica de Saúde. Disse equipe da unidade, certo? Pois é, deveria, mas a gestora da unidade resolveu convidar funcionários de várias outras unidades. Confesso que foi desafiador e desesperador, mas tive uma professora maravilhosa que orientou cada passo desse processo, o treinamento foi um sucesso, todos participaram, tiraram suas dúvidas, confesso que senti algo diferente, gostoso e intrigante ao treinar aquela equipe. Porém, apesar do que sentia, quem faz Enfermagem faz para trabalhar em hospital, pelo menos é assim que muitos pensam inclusive eu também pensava assim.

No dia vinte e dois de dezembro de 2005, minha colação de grau, meu juramento, enfim Enfermeira. Um turbilhão de coisas passando na cabeça, coisas do tipo: acho que não sei nada, o que eu vou fazer agora? Bom, a colação foi linda apesar das fotos terem ficado horríveis, pois é meu pai estava tão feliz que toda vez que me via tirava uma foto, então imagina só as poses.

Virada de ano, estamos em 2006, hora de procurar emprego, pensei que seria mais fácil, afinal, estudei em uma faculdade bem conceituada. Passa janeiro, fevereiro, em março uma amiga me liga perguntando se eu teria interesse em dar aula de Anatomia no curso Técnico em Enfermagem, com um pouco de medo aceitei e comecei naquele mesmo dia. Quando entrei na sala de aula cerca de quarenta alunos me olhando, aquele frio na barriga angustiante, mas que foi melhorando quando comecei a falar, sim senti que ali era onde eu queria estar. Depois daquela turma vieram outras, em 2007 me casei e adivinha? Convidei meus alunos para o meu casamento afinal, eles faziam parte da minha história, e eles estavam lá, foi lindo.



Em meados 2009, passou a ser obrigatória à especialização em docência para dar aula no curso técnico em Enfermagem, iniciei o curso de Pós-Graduação em Docência para o Ensino Técnico e Superior e comecei a entender o mundo da educação, os porquês e as formas de ensinar. Além dessa especialização fiz Gestão dos Serviços de Enfermagem onde o meu trabalho de conclusão de curso tratava de um projeto para criação de cursos de capacitação à distância para os profissionais de Enfermagem.

Preconceito

Como já mencionei acima, quem faz Enfermagem faz para trabalhar em hospital, pois é apesar de me sentir livre e amar o que eu fazia ouvi muitas vezes: “você só dá aula?”, “mas você não vai trabalhar no hospital?”, e por incrível que eu também achava que tinha que trabalhar no hospital para ser mais Enfermeira. Consegui uma vaga para trabalhar no hospital, pensei que me sentiria completa e realizada, mas que bobagem a minha, apesar da experiência que adquiri, percebi que gostava mesmo era de ensinar.

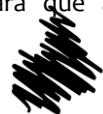
Quando me assumi

Já haviam se passado cinco anos e eu lecionando cada vez mais envolvida e fascinada. Meu marido olhou para mim e disse: “Te vejo mais como professora do que como Enfermeira”, fiquei espantada no início, mas comecei a refletir sobre aquela fala e percebi que sim eu era uma Professora, Enfermeira que optou por trabalhar no ensino da Enfermagem. Foi libertador, lembrei-me de toda a minha trajetória e entendi a profissional que me tornei. Agora ninguém me segura mais.

Passei a me dedicar mais, feliz e sem receio de gritar para o mundo a minha escolha. Trabalhei em várias escolas de ensino técnico por anos, em 2016 assumi a coordenação do curso, área que atuo até hoje. Em 2020, concluí a graduação em Pedagogia e uma Pós-Graduação em Produção de Material Didático para EAD. Hoje além da coordenação, dou aula na graduação de Enfermagem e de Pedagogia, continuo estudando, faço especialização em Design Instrucional e mestrado em Ensino em Ciências da Saúde. Tudo o que faço é para melhorar a qualidade do Ensino na Enfermagem.

A Enfermagem hoje

Em função das mudanças curriculares e metodológicas estabelecidas para o curso de graduação e técnico em Enfermagem, a formação dos profissionais de Enfermagem deve estar voltada para as transformações sociais, onde as propostas e práticas pedagógicas devem dialogar com essas transformações, para que a



formação esteja relacionada à realidade vivida pelos alunos, sendo capaz de incorporar os aspectos inerentes a sociedade globalizada do século XXI. Faz-se necessário repensar os conteúdos ministrados e modos de ensinar bem como, a formação do docente que hoje atua nesse processo.

Segundo Cogo (2009), o papel do professor tem sido questionado neste contexto, pois ele não seria mais um mero transmissor de informações e sim, a gente que organiza, dinamiza e orienta a construção do conhecimento pelo aluno, além de favorecer o posicionamento crítico e ativo frente ao mundo de informações a que este é submetido cotidianamente. No entanto, devido à falta de valorização e estímulo, deve-se considerar que há dificuldades por parte de professores de enfermagem na utilização de novos recursos educacionais nas suas práticas.

Segundo Nóvoa (1992, p14):

Por isso, é importante a criação de redes de (auto) formação participada, que permitam compreender a globalidade do sujeito, assumindo a formação como um processo interactivo e dinâmico. A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.

A formação de um perfil de enfermeiro com abordagem generalista, humanista, crítica e reflexiva só poderá ser alcançada com a adoção de práticas pedagógicas ativas que tenham o aluno como principal sujeito do seu processo de aprendizagem e o professor como mediador desse processo.

Referências

CAMPOS, S.; PESSOA, V. I. F. Discutindo a formação de professores e professoras com Donald Schön. In: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. (Orgs.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

COGO, Ana Luísa Petersen et al. **Objetos educacionais digitais em enfermagem: avaliação por docentes de um curso de graduação**. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 295-299, jun. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000200006>.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e profissão Docente**. 1992, P 14. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>



A PERSPECTIVA ANTIRRACISTA DA DOCÊNCIA

Bianca Yara Pereira Alves



10.47247/MR/6063.035.2.6



O processo sócio-histórico da política de educação no Brasil e no mundo é marcado por diversos atravessamentos, em 1822 após a independência do Brasil para ser assegurado o direito ao voto a educação passa a ser vista não mais como dever do súdito, mas como direito do cidadão e dever do Estado. A ideia de educação pública nacional como direito do homem cidadão teve origem no Brasil em 1759 e se concluiu com a República em 1899. Em 1823 a Assembleia Constituinte do Brasil instaurou uma legislação própria da Instituição Pública com o Tratado de Educação para Mocidade Brasileira e a Criação de Universidades, onde o ensino ficaria dividido entre brancos, índios e negros, com conteúdos específicos para cada uma das etnias.

De acordo com o projeto constitucional de 1823, para os brancos ou supostamente brancos haveria educação escolar formal, conforme o disposto no Art. 250. Para os índios, haveria catequese e civilização e, para os negros, emancipados lentamente, haveria educação religiosa e industrial, nos termos do Art. 254. (PERES, 2005, p.3).

Com o fim do Império fixa a ideia de uma educação primária universal para a maioria da sociedade já uma educação secundária como o acesso a universidades estaria destinada às elites e aos escravizados o foco era a catequização. Já na República Velha de 1889 e 1930 acontecem diversas reformas no âmbito da educação, há a criação do Ensino Médio e o Ensino Superior com o objetivo de organizar o ensino secundário. Em 1920 na República, na gestão de Sampaio Dória, a situação do ensino regular havia apenas 231 mil vagas para uma população de 380 mil crianças, havendo sim uma melhoria no ensino, mas com um acesso limitado.(PALMA FILHO, 2005).

Embora entre 1900 e 1920 tenha havido um crescimento significativo da população que sabe ler e escrever, que saltou de 3.380.451 para 6.155.567, o percentual dos que não sabiam ler e escrever permaneceu o mesmo, ou seja, 65%, passando de 6.348.869 em 1900 para 11.401.715. (FERNANDES, 1966, p. 47).

As escolas pensadas a partir de modelos Europeus destinavam o acesso apenas a parte da aristocracia ociosa com o intuito de criar estratificação social e manter um status intelectual e neste cenário que Getúlio Vargas assume a presidência da República em 1930, com o fim da República Velha há a chamada Segunda República. Em 14 de Novembro de 1930 acontece a criação do ministério da Educação e da Saúde Pública, com o decreto de 19.851 em 1931 o ministro da educação Francisco Campos realiza diversas reformas no ensino secundário e superior com mudanças curriculares para mudar o objetivo, mas o ensino secundário continua a ser preparatório para o ensino superior que continua a servir apenas uma elite intelectual.

No ensino primário, com a forte influência da igreja católica por Vargas está buscando apoio, o ensino volta a ser religioso onde não tinham interesse na criação



de um ensino público. No ensino secundário pela reforma curricular elitista há um método avaliativo mais rigoroso e seletivo

- Por fim, cabe assinalar que o caráter elitista, não é devido apenas ao conteúdo curricular enciclopédico, que obviamente acabava por favorecer os alunos vindos das camadas superiores da pirâmide social, mas também ao sistema de avaliação dos estudos criado pela mesma reforma. (PALMA FILHO, 2005, p. 4).

No Brasil, passa-se pelo regime militar onde há a criação da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM). Todavia, esse modelo institucional, que iniciou no Regime Militar, manteve-se até a década de 1990. Sua crise institucional ocorreu nos anos de 1980, período marcado pela organização popular na luta pelo direito político, social e econômico. As mobilizações quebraram o silêncio de quase trinta, dando voz a uma luta política que chamou a responsabilidade do Estado. É então em 1988 que se apresenta pela Constituição Federal em potência até os dias atuais, onde no Capítulo II a educação se apresenta como um direito social e no Capítulo III como um dever no Estado.

- Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Entre as conquistas desse período ressalta-se a Constituição Federal de 1988. Em seus artigos 227 e 228, a infância e juventude, são assegurados o direito à vida, à saúde, à educação, à alimentação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1988). Por meio destes artigos constitucionais, em julho de 1990, foi sancionada a Lei Nº 8069/1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Esse percurso histórico apresentado buscou demonstrar o quanto a política de educação foi criada e desenvolvida em moldes europeus e segregatórios, tanto em um contexto mundial, quanto nacional. Moldes em que até os dias atuais o ensino básico é lapidado.

Neste momento refletir sobre o trabalho docente e compreender que independentemente do local de sua prática é dever ter em pauta o antirracismo em uma política de educação que excluiu por anos historicamente os alunos pretos e pardos nas salas de aula é um grande desafio que é apresentado na contemporaneidade. Paulo Freire, um grande educador e referência para os educadores já dizia:

- Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer



! discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. (FREIRE, 1996, p. 31)

A prática docente antirracista já transcorreu o meu percurso como aluna, nascida na periferia de Osasco, com todas minhas vivências em um ensino público desde a infância até a adolescência como mulher preta.

Nunca me senti pertencente ao ambiente escolar e ao mundo acadêmico, a escrita e a leitura, isto se dava porque só me era apresentado autores e referências europeias e brancas, foi somente na graduação com a minha inserção em uma Universidade Pública que eu pude ter acesso a uma docência antirracista, com uma perspectiva diferente de tudo aquilo que eu já havia tido contato.

Escolher pensar a perspectiva da docência neste semestre é para mim, escolher pensar no que Paulo Freire diz sobre a prática profissional, é acreditar que ainda há formas de construir uma prática docente antirracista no ensino básico para que outras pessoas assim como eu não precisem chegar até a Universidade para ter esse acesso, é olhar para todo o percurso da política de educação com todos seus desafios e lutar por um espaço melhor e mais acolhedor para os alunos pretos e pardos, é não se deixar levar pelo cotidiano e dar a realidade como intocável.

! Uma das eficácias de sua ideologia fatalista é convencer os prejudicados das economias submetidas de que a realidade é assim mesmo, de que não há nada a fazer mas seguir a ordem natural dos fatos. Pois é como algo natural ou quase natural que a ideologia neoliberal se esforce por nos fazer entender a globalização e não como uma produção histórica. (FREIRE, 1996, p. 65)

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF)**. (1ª. ed.).

Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em

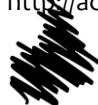
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 17/03/2021.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus Editora, 1966.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PALMA FILHO, João Cardoso. **A Educação Brasileira no Período de 1930 a 1960: a Era Vargas**. Acervo Digital da Unesp , [S. l.], p. 1-19, 6 maio 2010. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/107>. Acesso em: 02/03/2022.

PERES, Tírsa Regazzini. **Educação brasileira no Império**. Acervo Digital da Unesp , [S. l.], p. 1-23, 6 maio 2010. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/105>. Acesso em: 02/03/2022.

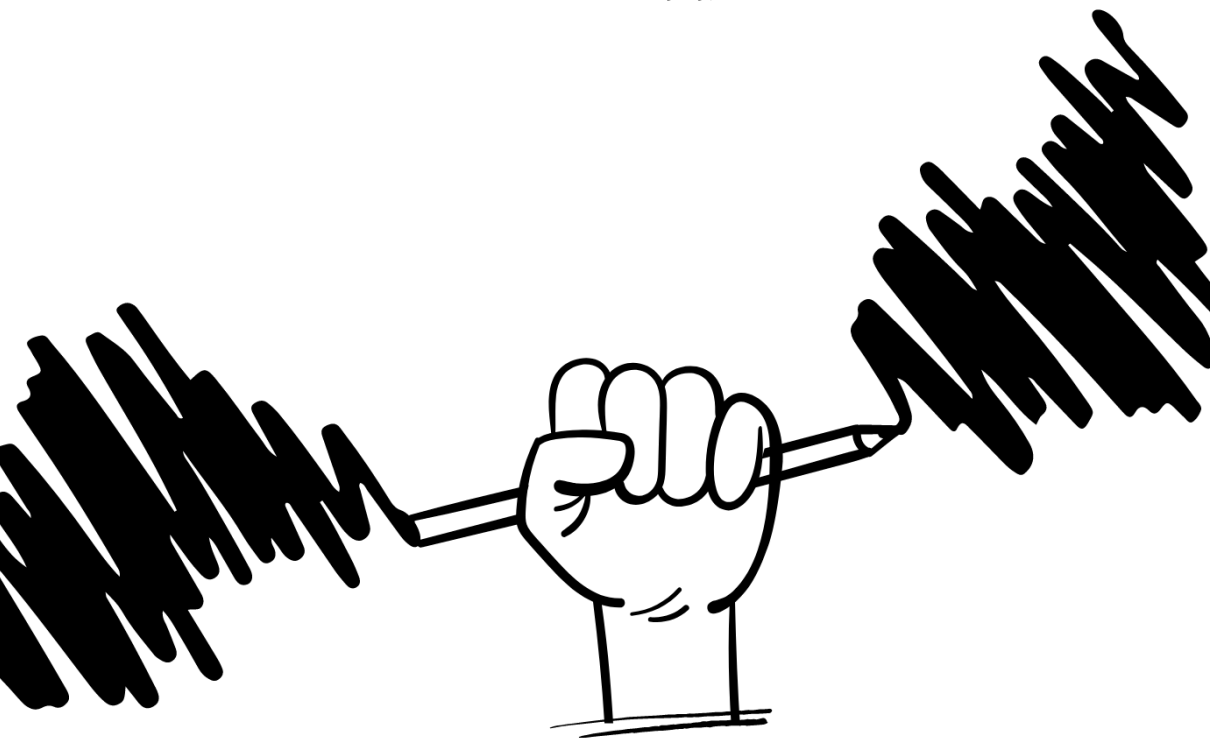


DA TELA AO PRESENCIAL

Bianca Lopes Santos



10.47247/MR/6063.035.2.7



Ser professora

Ser professor vai além de desempenhar uma profissão, é assumir um papel fundamental na sociedade como agente de transformação e facilitador do processo educacional.

Dessa forma, inicio esse capítulo com uma frase de Paulo Freire:

! O professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos (Horton e Freire, 2003).

Freire nos traz uma profunda reflexão sobre o verdadeiro papel do educador, que é criar um ambiente favorável para que os estudantes se desenvolvam como indivíduos únicos e integrais. O professor deve, portanto, oferecer oportunidades orientação e inspiração para que os alunos descubram e cultivem suas próprias identidades, habilidades e potenciais.

Creio que ser professor é abraçar a missão de iluminar mentes, abrir portas para o entendimento e, acima de tudo, semear o terreno fértil do aprendizado, mas esse processo só ocorre se o professor for continuamente formado.

Nóvoa (1992) discute em seu artigo sobre a importância de a formação docente ser uma ferramenta estimulante de uma perspectiva crítico-reflexiva, que dá base para que os professores tenham pensamentos autônomos.

Diante disso, neste capítulo irei me ater às minhas vivências dentro de sala de aula, e fazer uma breve reflexão acerca da minha vivência e como a formação continuada foi essencial para enfrentar os desafios que estavam emergindo.

Uma epidemia e suas consequências

Iniciei minhas atividades docentes em março de 2021, enquanto estávamos na fase roxa da pandemia, em um misto de medo pela doença e ansiedade por ingressar em um território pouco desbravado, fui desafiada a conhecer meus alunos por uma tela de computador.

Eu, que já não me via professora sem uma sala de aula, precisava alcançar diversos adolescentes por uma conversa online. Foram cerca de quinze dias vivenciando conversas de vinte minutos, que era o máximo que conseguimos prosseguir, até finalmente, iniciar o modelo híbrido. Nesse modelo, iam apenas 30% dos alunos, porque precisávamos manter uma distância de 1,5 m.



Foi um momento desafiador, porque eu via os mesmos alunos cerca de duas vezes na semana, o que impossibilitava uma continuidade no processo educacional e no fortalecimento dos vínculos.

Outros desafios apontados por Palú et. al (2020), foram a ausência de uma formação específica para professores, a falta de compreensão por parte da sociedade e a limitada disponibilidade de recursos tecnológicos na comunidade escolar, como computadores e acesso à internet de qualidade.

Ao retornar integralmente para a sala de aula, nos deparamos com desafios no ambiente acadêmico e comportamental, visto que, nossos alunos não tinham rotina de estudos e haviam aprendido pouca coisa nos anos anteriores. Os meses que sucederam foram essenciais para estabelecermos uma rotina de estudos concreta e reaprender a socializar, isso envolvia muitos momentos de fala e de escuta ativa.

A tarefa de escutar o outro foi desenvolvida com muita dificuldade por alguns, ao passo em que, tínhamos alunos que não se comunicavam, pois, atrás da tela do computador, havia um lugar seguro para evitar a exposição.

Portanto, ao escrever esse capítulo, refletir sobre o quanto os educadores, por sua vez, enfrentaram um desafio inédito na adaptação de métodos de ensino tradicionais para plataformas online. O desenvolvimento rápido de habilidades digitais tornou-se crucial, mas a sobrecarga emocional associada ao distanciamento social e as preocupações com a saúde mental adicionam camadas complexas ao ambiente educacional.

Contudo, no caos deste cenário desafiador, emergiram também histórias de resiliência e criatividade, observou-se um florescimento de recursos educacionais online, ferramentas colaborativas e abordagens inovadoras, surgindo como respostas adaptativas. A comunidade educacional uniu-se em esforços coletivos para superar barreiras, compartilhando recursos, melhores práticas e estratégias bem-sucedidas.

Gostaria de finalizar esse capítulo com a mensagem de que ser professor é dançar conforme o ritmo da aprendizagem, uma coreografia que exige não apenas passos ensaiados, ou milhares de técnicas, mas uma habilidade singular de ajustar-se aos ritmos mutáveis do ambiente educacional. É uma jornada de constante mudança, onde a flexibilidade não é apenas uma virtude, mas um instrumento essencial.

Referências

HORTON, Myles; FREIRE, Paulo. **We Make the Road by Walking**. Temple University Press Philadelphia, 2003. Disponível em: <https://codkashacabka.files.wordpress.com/2013/07/we-make-the-road-by-walking-myles-and-paolo-freie-book.pdf>.



NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e profissão Docente.** 1992. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>

PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia.** 1. Ed. Cruz Alta, 2020.

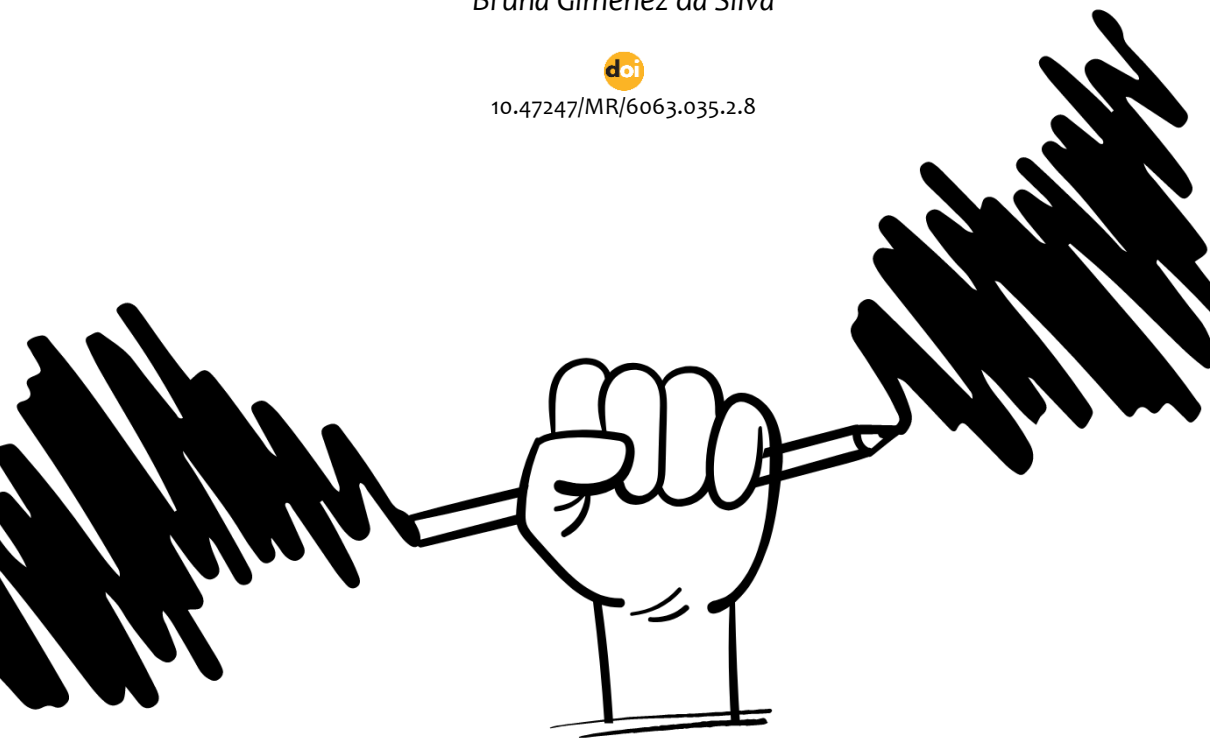


DO CONHECIMENTO AO RECONHECIMENTO: OS APRENDIZADOS CONSTANTES DE UMA PROFESSORA

Bruna Gimenez da Silva



10.47247/MR/6063.035.2.8



Da negação ao conhecimento

Quando reflito sobre minha trajetória na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, recordo-me de sempre ter sido uma aluna centrada, esforçada e apaixonada por estudar. Nas reuniões de responsáveis, os professores frequentemente comentavam com meus pais que eu era uma das melhores estudantes da turma. No entanto, sempre carreguei características que me faziam sentir um pouco excluída e diferente no ambiente escolar: minha introversão e timidez.

Nos dias de hoje, reconheço que essas características não são necessariamente defeitos, mas sim particularidades que indivíduos podem possuir, assim como eu as tenho. Contudo, apesar de não serem negativas, percebo que ambas contribuíram para que eu demorasse um tempo significativo para compreender que meu desejo era me tornar professora. Não foi por não querer ingressar em uma profissão que muitos consideram desvalorizada, mas sim por não acreditar, inicialmente, que eu poderia impactar e transformar tantas vidas.

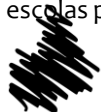
De certa forma, entendo o pensamento que tinha quando era criança e adolescente. Ouvimos frequentemente que algumas pessoas nascem com o dom de serem professores, pois são extrovertidas e têm uma didática naturalmente boa. Todavia, como afirmou o renomado educador brasileiro Paulo Freire em seu livro "Pedagogia da Autonomia":

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluiu na experiência realmente fundante de aprender (FREIRE, 1996).

Em outras palavras, ninguém nasce sabendo como ser professor. São os aprendizados e as experiências que constantemente ensinam como se tornar um bom educador.

Minha jornada para me tornar professora teve início em 2018, quando ingressei no curso de Bacharelado em Ciências Biológicas na Unifesp Diadema. Inicialmente, meu objetivo era me formar e posteriormente trabalhar com animais. Entretanto, como as universidades públicas têm um enfoque voltado para pesquisa, ensino e extensão, no segundo ano de graduação entrei em um projeto que desenvolvia esses três pilares: o PET - Programa de Educação Tutorial.

Participar desse programa me proporcionou a oportunidade de ministrar palestras e conduzir oficinas sobre animais e plantas para crianças e adolescentes de escolas públicas de Diadema. Esse foi o momento em que percebi que, para mim, não



faria sentido aprender tanto sobre os seres vivos no curso de Biologia se não fosse para compartilhar esses conhecimentos com outras pessoas. Foi a primeira vez que comecei a me enxergar e me reconhecer como uma possível professora.

Enfim, o reconhecimento

Em 2020, decidi me transferir de curso, migrando do Bacharelado em Biologia para a Licenciatura em Ciências com Habilitação em Biologia, também na Unifesp Diadema. Meu grande objetivo era me tornar professora e, acima de tudo, aprender a ser professora. Como afirmou o professor Kenneth M. Zeichner em seu livro "A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas":

! Reflexão também significa o reconhecimento de que o processo de aprender a ensinar se prolonga durante toda a carreira do professor e de que, independentemente do que fazemos nos programas de formação de professores e do modo como o fazemos, no melhor dos casos só podemos preparar os professores para começarem a ensinar (ZEICHNER, 1993).

Durante minha formação inicial, aprendi diversas teorias e metodologias educacionais para ensinar da melhor forma possível. Contudo, meu maior aprendizado como educadora aconteceu no chão da sala de aula. Em meados de 2021, por exemplo, tive a oportunidade de ter minha primeira experiência como professora de Ciências em uma escola pública. Inicialmente, acreditava que saber as teorias educacionais ou dominar o ciclo celular seria o suficiente, mas descobri que ser professora vai além de transmitir conteúdos específicos de uma área do conhecimento. É preparar os alunos para a vida.

Acredito que um indivíduo se torna integralmente um educador quando reconhece que está lidando com pessoas. As nossas turmas são particulares, e cada aluno tem as suas características, desafios e potencialidades. Aprender a lidar com as diferenças permite que os estudantes alcancem seu máximo desenvolvimento, não apenas academicamente, mas também em sua formação como cidadãos. Essa compreensão transforma a sala de aula em um espaço de construção coletiva, onde o diálogo e a empatia são fundamentais.

O constante aprendizado para a progressão

Além de auxiliar na formação de cidadãos críticos, reflexivos e conscientes, ser professor é reconhecer que o nosso constante aprendizado é necessário para possibilitar a formação adequada aos estudantes. Como indica Zeichner e Liston:

! Uma das várias sinalizações para detectar a atitude reflexiva do professor é verificar se ao avaliar o seu próprio trabalho ele se submete a questionamentos



mais amplos como “os resultados são bons, para quem e de que maneira” e não simplesmente restringe-se a “os meus objetivos foram atingidos” (ZEICHNER; LISTON, 1996, p. 11).

Assim, ao concluir a minha graduação na Licenciatura em Ciências com Habilitação em Biologia, optei por dar continuidade à formação no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Unifesp Diadema (PECMA). Este curso não apenas proporciona trocas de experiências entre professores, mas também estimula reflexões frequentes sobre nossa prática docente.

Dessa forma, a busca pelo aprimoramento das minhas habilidades é habitual, pois reconheço que, com o término do mestrado, outras formações continuarão sendo necessárias, afinal, na pós-modernidade é essencial nos aperfeiçoarmos, visto que as atualizações e mudanças na sociedade são frequentes. Porém, ser professor permite que vivamos algo imutável: a vontade de fazer uma diferença, mesmo que mínima, na vida de cada aluno.

Conclusões da trajetória até o momento

A partir dos fatos mencionados sobre a minha trajetória na carreira de professora, pude notar que professores enfrentam diversos desafios nos seus cotidianos, desde lidar com a sua timidez até ver que, infelizmente, existem alunos que frequentam a escola para garantir uma refeição no dia, já que em casa não têm acesso a todas necessárias.

Nesse contexto, acredito que a palavra que melhor descreve a essência do que é ser professor é "aprendizado": aprender a ser professor; aprender a respeitar as particularidades dos estudantes; aprender a reconhecer que precisa aprimorar a sua prática; e, acima de tudo, aprender que o seu trabalho é um potencial transformador de vidas.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ZEICHNER, Kenneth M. Formação reflexiva de professores: ideias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.

ZEICHNER, Kenneth M.; LISTON, Daniel P. (1996). Reflective teaching: an introduction. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, pp. 8-20.



O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO
CRESCER? PROFESSORA, COM MUITO
ORGULHO!

Bruna Carolina Lopes Pedraga



10.47247/MR/6063.035.2.9



O que você quer ser quando crescer?

Sempre quis ser professora. Desde pequena, andava com papéis, livros e canetas. Escrevia, mesmo sem saber escrever... Eram rabiscos. Mas, para mim, naquele momento, eram cheios de significados e esperanças. Tentava ler livros quando ainda não sabia ler. Incomodava-me por não conseguir decifrar todas aquelas letras juntas. Pedia ajuda para os adultos lerem para mim. Ainda não tinha nem entrado na escola, mas a resposta para a tão famosa pergunta já era muito clara em meu coração: "O que você quer ser quando crescer?". Minha resposta sempre foi clara: QUERO SER PROFESSORA. Fazia meus primos, primas e irmãos de cobaia. Eles eram meus alunos nas brincadeiras de escolinha. Sempre tinha lousa e giz presentes em minha mão. Lições. Mais papéis. Correções. Tentava ensinar para eles o que eu já tinha aprendido. Um quase pré-estágio (risos).

Entrei na escola sendo uma aluna extremamente dedicada. Gostava de estudar. E dessa forma, fui seguindo... Terminei o Fundamental I, o Fundamental II, o Ensino Médio. E então, cheguei na parte tão decisiva: a escolha do que fazer na graduação. Mas desde criança, eu já tinha essa resposta, como contei para vocês acima. Mas outras perguntas foram surgindo, e gostaria de destacar a principal: "Sei que quero ser professora, mas professora do que?". Lembro-me que, durante o ensino médio em uma escola estadual de São Paulo, tinha aulas de biologia com uma professora que sempre dizia que eu precisava seguir para a área de biológicas. E não é que era verdade? Dessa forma, segui. Prestei vestibular para o curso de Licenciatura em Ciências. Chegou o resultado: Aprovada na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)! E então, dei início ao que cultivava desde pequena na teoria. Foram 5 anos de muitos estudos, descobertas, vivências e experiências. Didática, história da educação, estágios... Muitos desafios! Realizei todos os meus estágios em escolas estaduais e em regiões periféricas. Ia para as escolas cheia de energia. Mas algo me incomodava quando chegava na sala dos professores. Alguns diziam: "Tão novinha e escolheu ir para a sala de aula?", "Tem certeza de que é isso que você quer?". Minha decisão já tinha sido tomada há tanto tempo que aquelas perguntas não faziam sentido para mim. Concluí minha formação e ingressei na sala de aula, passando por prefeituras, estado e escolas particulares. Em todas essas experiências, mantive um desejo constante: de que maneira poderia impactar positivamente meus(minhas) alunos(as)? Como ser uma educadora que deixe um legado, sendo lembrada por eles?

A importância de ensinar no ato de aprender

Como marcamos nossos alunos? Que professores queremos ser quando nossos alunos se recordarem de nós? Ou melhor... Seremos professores que seremos lembrados? Como atingir nossos alunos? Como demonstrar essa afetividade através das nossas práticas?



Existe uma fábula na educação sobre o menino que jurava que tinha ensinado seu cachorro a falar. Quando um amigo o indagou, solicitando que ele provasse então o que estava dizendo, o menino levou o cachorro ao seu encontro, que apenas latia. O amigo ficou indignado e perguntou ao menino: “Mas você não disse que ensinou ele a falar?”. E o menino respondeu: “Eu disse que eu o ensinei a falar. Mas não disse que ele aprendeu”.

Essa fábula muito me fez e faz refletir sobre o meu papel enquanto professora e enquanto formadora de professores. Será que estamos mais para ensinar do que para os alunos aprenderem? O que deveria ser a aprendizagem dos estudantes, quando pensamos na pergunta inicial que norteia essa escrita, deve ser pensando que ensino, da maneira que ensino, para os meus estudantes, pelos meus estudantes, por meus estudantes. Dessa forma, nossas escolhas; estratégias; planejamentos; avaliações; e tudo o que compõe nossas atribuições e responsabilidades enquanto professores e que, através de todas elas, vamos compondo nossa identidade docente, precisam ser voltadas e pensadas para o aprendizado de nossos alunos. Para atender às necessidades deles e do contexto no qual estou inserida para lecionar. Então, a minha prática necessita entender a realidade em que estou para fomentar uma aprendizagem significativa para os alunos.

Peço licença poética para citar Paulo Freire: "Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática" (FREIRE, 1991, p. 58). Não nascemos professores. Somos formados enquanto professores. E essa formação acontece constantemente através da prática, da vivência, da reflexão sobre a prática, dos desafios, do contexto, do repertório, das trocas e compartilhamentos com os pares, das experiências com os alunos. É uma formação diária. Ser professor é estar em constante busca, aperfeiçoamento e reflexão. Nossos alunos nunca serão os mesmos. Nossas aulas nunca serão as mesmas.

Ser professor é desafiador

Quando falamos da identidade profissional da prática docente, sabemos que ela é única, pois cada professor(a) possui conjuntos de saberes específicos que estão ligados ao seu repertório de vida e ao contexto em que está inserido. Quando falamos de um professor(a) de Ciências que leciona no Ensino Fundamental II, ele não pode ter apenas saberes específicos da sua área, logo, Ciências da Natureza. É necessário que esse profissional tenha também outros saberes além destes, inclusive saberes que foram adquiridos durante sua formação pessoal, na criação familiar. Segundo Tardif & Raymond (2000), existem cinco grandes áreas que constituem esse profissional. Essas áreas dizem sobre os saberes pessoais, da formação anterior;



inicial e continuada; programas e livros didáticos e principalmente da própria experiência.

Dessa forma, cada professor é único. Cada prática docente é única. Essa função transcende as paredes da sala de aula. Ser professor é desafiador. Diante de tantas variáveis, de que forma os professores desenvolvem estratégias eficazes de ensino e promovem um ambiente de aprendizagem significativo para seus alunos? Segundo Shulman (1987), alguns fatores são primordiais, sendo o primeiro deles a compreensão, que se refere à capacidade do professor de identificar os propósitos e a estrutura do conteúdo. É fundamental que o docente tenha um conhecimento especializado na disciplina que ensina, o que lhe permite criar condições para que a maioria de seus alunos aprenda. Quando um professor compreende profundamente o objeto de conhecimento, ele é capaz de transmitir de forma mais clara e coerente, tornando o aprendizado mais acessível aos estudantes. Após a compreensão, que diz respeito ao professor, temos a transformação, que é onde acontecem a elaboração de estratégias de ensino eficazes.

Pensando em todos os itens descritos acima, compreendemos também que o professor precisa ser inclusivo e equitativo. Que a escolha de suas estratégias favoreça a participação de todos os estudantes de forma justa. Quando pensamos em inclusão, não devemos preparar novos materiais específicos para o grupo de estudantes em questão. Na verdade, desde o planejamento da aula esse grupo precisa ser considerado. As estratégias, o planejamento, a representação e a seleção precisam ser pensadas para todos, planejando para que todos sejam capazes de realizar a tarefa. Assim pensamos em inclusão. Ser professor é desafiador. É ser arquiteto do pensamento crítico e da criatividade, colocando os alunos em uma jornada que os convida a refletirem sobre o mundo ao seu redor, a compreenderem as estruturas de poder e a se tornarem agentes de transformação social. Mas diante de toda essa responsabilidade, como os professores podem planejar visando que os alunos aprendam sem entender de fato o que é aprender? O que é aprendizagem? Trazemos à luz os conceitos da neurociência. É fundamental que, diante de tantos avanços desse campo, os professores de todas as áreas e de todas as modalidades estejam pautados em suas descobertas.

De acordo com Amaral e Guerra (2020), o cérebro é o órgão da aprendizagem. Compreender como este importante órgão aprende de forma mais efetiva é fundamental para a sua aplicação na educação. Aprender é reorganizar os circuitos e redes de neurônios, denominados sinapses. Apoiando-se nos conceitos da neurociência, o docente tem a oportunidade de adquirir maior confiança, autonomia e habilidades criativas ao escolher estratégias pedagógicas. Além disso, ele pode aprofundar sua compreensão sobre seu papel como mediador da aprendizagem e dar mais importância ao estabelecimento de um vínculo significativo com os estudantes. Ser professor é desafiador.



A formação do estudante

Quando pensamos na formação dos estudantes, é muito mais do que apenas treinar um respectivo objeto de conhecimento. Essa formação depende de uma abordagem centrada no diálogo, na ética, na solidariedade e na valorização dos conhecimentos dos estudantes. A educação deve ser um ato de comunicação constante entre professor e aluno, onde ambos são ativos na construção do conhecimento. Essa abordagem pedagógica centrada no diálogo não apenas fortalece o envolvimento dos alunos, mas também os capacita a desenvolverem pensamento crítico e autonomia. É fundamental que os educadores reconheçam e respeitem o conhecimento prévio que os alunos trazem consigo, integrando-o ao processo de aprendizagem. De acordo com Ausubel (2003), a aprendizagem adquire significado quando a nova informação é relacionada a um conhecimento prévio.

Em suma, não existe aluno sem professor e não existe professor sem aluno, pois, citando Freire (1996) novamente, “quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Ser professor é uma profissão. E todas as outras profissões, seja qual for, vão depender de um professor para se consolidar. Peço licença poética novamente para finalizar, dizendo então que ser professor é a profissão mais importante que temos. E por isso é tão desafiadora. Porque estamos lidando com a formação integral dos nossos estudantes. E mesmo com tantos desafios na profissão de ser professor, seguimos firmes. Por nós, por nossos estudantes e principalmente pela educação.

Referências

Ana Luiza Neiva Amaral, Leonor Bezerra Guerra. **Neurociência e educação: olhando para o futuro da aprendizagem** / Serviço Social da Indústria. Brasília: SESI/DN, 2020.

AUSUBEL, David P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. Portugal: Paralelo Editora, 2003.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

SHULMAN, L., **Those who understand: knowledge growth in teaching**. Educational Researcher, 15(2), 1986.

TARDIF, M. & RAYMOND, D. **Saberes, Tempo e Aprendizagem do Trabalho no Magistério** in Educação e Sociedade, n.21, 2000.



TESTONI, L.A., ABIB, M.L.V.S., **Caminhos Criativos na Formação Inicial do Professor de Física**. Editora Paco, 2014.

WIGGINS, G. J. ; MCTIGHE, J. **Planejamento para a compreensão: alinhando currículo, avaliação e ensino por meio da prática do planejamento reverso**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2019. 364 p.



CONSTRUÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DO SER PROFESSOR: RELATO E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE EM SAÚDE

Suzana Cristina Almeida



10.47247/MR/6063.035.2.10



Introdução

Ao iniciar a disciplina “Perspectivas e reflexões contemporâneas da docência” fui confrontada com a seguinte pergunta: “O que é ser professor para você?”. Eu, sendo uma profissional da área da saúde, que se formou em bacharel e nunca estudou sobre a formação da educação, agora no mestrado, prestes a me tornar uma professora, não pude responder de forma assertiva este questionamento.

Após a realização de toda uma disciplina, muita leitura, discussão e reflexão sobre a educação e a formação docente, me aventurarei em responder essa pergunta. E não apenas isso, tentarei apontar, com base na minha percepção e experiência, como temos sido preparados para exercer essa função após concluir o mestrado acadêmico em saúde, que é um curso de formação docente. Penso que para refletir sobre isso, precisamos inicialmente entender sobre o contexto educacional e as bases para uma boa formação docente, compreender como está a formação docente em saúde através do relato de experiência e por fim, quais os requisitos necessários para a construção do papel e significação do ser professor.

Contextualizando a formação docente

O contexto educacional é um processo complexo, que se mantém em contínua construção, sendo importante considerar todos seus constituintes, tais como: econômico, social, político, textual e pessoal de todos os envolvidos (CAMPOS E PESSOA, 1998). A formação docente deve ser pautada no conhecimento de todos esses contextos e na compreensão de que dentro de um mesmo cenário poderá existir variações, pois cada indivíduo possui necessidades e especificidades diferentes.

No capítulo sobre a formação de futuros professores para a diversidade cultural, Zeichner (1993) defende que todos os professores devem ser, saber e ser capazes de fazer para trabalhar com a diversidade. Por vezes o professor fica preso em sua experiência e não consegue transpor as barreiras para uma educação pluralista e multicultural. Assim, a formação docente deve preparar esse profissional para o diferente, se pensando não em uma educação que busca a igualdade, mas sim a equidade. Os principais aspectos de um ensino bem-sucedido, são descritos por Zeichner (1993): acreditar que todos os alunos podem aprender; criar contextos durante o ensino onde os alunos se sintam valorizados e capazes, empregando um programa de ensino rigoroso, inovador e estimulante; respeito pelas tradições culturais e idioma, incluindo elementos culturais dentro da aprendizagem, mantendo a identidade étnico cultural do aluno; conhecer as particularidades dos alunos e suas comunidades e usar este na organização curricular; garantir a autonomia e emancipação do aluno, mantendo uma interação recíproca entre aluno e professor.



Pensando nestes aspectos, Zeichner (1993) traz algumas abordagens para a formação de professores: autobiografia, reflexão, imersão, construção de um saber cultural e estratégias de ensino que busquem aproximar as experiências do aluno ao processo de aprendizagem. Ressalto a importância da narrativa dentro da formação docente, é a partir da compreensão de suas percepções e ideias sobre o mundo que o professor irá refletir e reexaminar suas atitudes e valores demonstrados para com o diferente, respeitando a heterogeneidade do ser humano.

Relato de experiência e reflexão sobre a docência em saúde

Assim que me formei em fisioterapia, entrei para a residência em Saúde da Criança. A fisioterapia é uma área muito ampla e durante toda minha formação na universidade, nenhum tema pode ser aprofundado. É por esse motivo que as residências em saúde são essenciais para aprimorar os conhecimentos do aluno sobre a especialidade escolhida. Logo no primeiro semestre da residência tive preceptores muito autoritários, que esperavam que o aluno já chegasse com toda a bagagem de conhecimento, não tinham paciência para ensinar e chegavam a destratar e humilhar quem não tinha esse conhecimento prévio da área.

Durante os primeiros meses, em que estive em uma área específica, o ensino era baseado no medo e na repreensão. Experienciava muito nervosismo e ansiedade, repercutindo em erros durante minha prática e por consequência mais represálias. Devido a tamanha pressão, lembro que cogitei desistir. Porém, para ser sincera, minha posição social e econômica não me dava outra opção a não ser continuar.

Precisarei fazer uma pausa do meu relato para dizer que esse comportamento autoritário, hierárquico e rígido, é bastante comum nas residências. Esta atitude se estende para as diversas áreas da saúde, principalmente a médica, sendo até considerado um comportamento normal para o estímulo ao aprendizado. Marques et al, 2012 em seu estudo, aplicou um questionário para avaliar a ocorrência de assédio moral na residência médica de um hospital escola, tendo como resultado uma prevalência de 41,9% de assédio moral.

Voltando à minha experiência, apesar de ter tido um começo bastante perturbador, consegui me formar na residência. Após trabalhar por um tempo na área, acabei sendo convocada em um concurso de um hospital Universitário. Logo na palestra do primeiro dia, algo me chamou a atenção. A empresa responsável pelos funcionários disse com clareza que o objetivo primordial do hospital escola não eram os atendimentos aos pacientes, mas o aprendizado, e que todos que estavam assinando o contrato de trabalho concordavam com o fato de que seriam preceptores.

Não estou fazendo uma crítica ao posicionamento do hospital universitário em priorizar o aprendizado, pois é necessário a ênfase na educação como via de entregar profissionais mais preparados para a população. Porém o que me angustiou



foi que a maioria dos profissionais que estavam naquela sala e incluindo eu, tínhamos apenas formação e experiência para atuação prática e não formação em docência. Durante toda minha formação e experiência na área, nunca havia sido ensinada a ensinar. Tinha em mente o que não queria ser devido minha experiência ruim na residência. Confesso, que foi muito desafiador, principalmente nos primeiros meses, pois não sabia como despertar a curiosidade e ao mesmo tempo deixar fluir a prática, tendo paciência com o processo de aprendizagem que é diferente entre cada residente. Tive também dificuldade de alcançar o equilíbrio entre a autoridade e a liberdade da forma como Paulo Freire (2022) propõe.

Após alguns meses tentando entender por conta própria como ensinar na prática, ter equilíbrio e agir de maneira ética, foi disponibilizado um curso de preceptoría para alguns profissionais do hospital. Pela primeira vez, pude entender melhor sobre estratégias de avaliação, de feedback, e de ensino prático. Mas ainda assim sai do curso sentindo que precisava aprender mais. Foi então que entrei para o mestrado, um curso de formação docente propriamente dito. Em uma aula da disciplina de docência um professor disse que não estava lá para ensinar a dar aula, ele nos conduziu a estudar sobre as metodologias de ensino e de avaliação. Aprendi bastante, porém com essa disciplina, me surgiram questionamentos sobre como estava sendo a formação docente dos profissionais da saúde.

Será que a formação docente em saúde rege os componentes básicos de uma formação docente? Os professores estão preparados para ensinar? Muitas dúvidas pairavam na minha cabeça. Até que tive uma ponta de esperança quando uma amiga me chamou para participar de uma disciplina de docência em um programa de pós-graduação em educação. Esta disciplina me colocou em contato direto com muita leitura e reflexão sobre a docência, me esclareceu sobre os requisitos básicos para um bom ensino, bem como me conduziu a escrever sobre minhas experiências.

Escrever este relato e colocar no papel minhas impressões foi bem desafiador. Percebi que nunca havia transcrito minhas reflexões, ideias ou experiências. Desde que entrei na faculdade, foi orientada a sempre seguir as evidências e a sempre referenciar tudo que escrevo. Não vejo isso pelo lado ruim, visto que, é importante basear minha prática nas melhores evidências, mas essa atitude me fez refletir sobre algo que me chamou muita atenção no livro autonomia do Paulo Freire. Em minha interpretação de suas palavras percebo que o professor precisa primeiro compreender quais suas crenças, ideais, entender o que ele defende e acredita e transmitir isso em seu ensino. Como poderei saber minhas convicções se, em nenhum momento, me foi dada a oportunidade de o fazer?

No mestrado, desenvolvemos além das atividades de docência, a pesquisa, produzindo assim, o conhecimento de alguma forma. Será que estamos produzindo a ciência sem refletir profundamente sobre nosso posicionamento social, político, econômico e de saúde? Toda essa reflexão me abriu os olhos para como tenho desenvolvido meu raciocínio sobre minhas pesquisas e sobre como busco ensinar.



Isso não seria possível se não me tivesse sido proposto parar, refletir e colocar no papel a minha voz.

Construção e significação do ser professor

Através do meu relato, pude ver o quanto a narrativa é fundamental na construção e significação do docente. É por meio da compreensão do seu ambiente, das suas experiências e entendimento do todo que se faz professor. Como Paulo Freire (2022) já dizia: “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar”. Portanto, o autoconhecimento é essencial na construção e significação do papel do professor. O docente precisa se assumir dentro de um contexto cultural e político, entender suas motivações, convicções, e propósitos, compreender o contexto do aluno para, assim poder proporcionar situação favorável ao aprendizado.

Mesmo após construído e significado seu papel, o professor deve lembrar que é um ser em constante transformação. Assim como o profissional, a educação também é um processo contínuo de mudança, tendo como principal ferramenta a reflexão. Assim, a prática docente deve estar pautada no saber profissional, tendo como ponto de partida a reflexão na ação, focando no processo de desenvolvimento. Portanto ensinar, exige constante reconstrução e reconstituição da experiência caminhando para a eficiência individual.

Neste sentido, ensinar é complexo, vai muito além do que transferir conhecimentos. Como Paulo Freire (2022, p.24) já dizia: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, e vai em consonância com as ideias de Stephen Hawking (2018, p.228), o qual estava lendo quando fiz a disciplina e contribuiu para minhas reflexões sobre o papel do professor: “A base para o futuro da educação deve residir em escolas e professores inspiradores”.

Agora, sabendo toda minha história, minha base cultural, meus propósitos e ideais com relação à docência, posso com certeza dizer que quero ser o profissional que inspira, que promove a curiosidade, que pesquisa, que aprende e oferece ferramentas adequadas para auxiliar no processo de aprendizagem do outro. Quero ser o agente que promove a emoção e o espanto, assim como inspira Stephen Hawking (2018, p.236). Penso que as reflexões realizadas durante as discussões da disciplina e todo o aprendizado gerado deva se estender a mais profissionais. Só iremos mudar o cenário atual da formação docente em saúde, quando criarmos espaços de discussão entre saúde e educação, e viabilizarmos que o docente na saúde tenha a oportunidade de discutir sobre a docência, narrar suas experiências, se entender histórico e culturalmente, refletir sobre sua prática e assim, construir seu eu professor.



Conclusão

Após toda essa explanação, penso que ser professor é instigar curiosidade, é entender que cada ser humano é um universo em construção, é despertar interesse, vontade, prazer em conhecer e criar. Ser professor é conhecer o outro com base no olhar social e cultural deste, é compreender as fragilidades e as facilidades do aprendiz e usar este para a construção do conhecimento. Ser professor é construir e desconstruir o saber, é ser cientista e ao mesmo tempo pensador.

Ser professor não é apenas transmitir algum conhecimento pré-estabelecido e determinado pela escola, faculdade, ou coordenação, é construir o conhecimento e a estrutura escolar como um todo. Parte de nós professores, ou futuros professores como eu, fazer a diferença na estruturação de uma formação docente realmente eficaz, que busca a construção do ser professor através da reflexão- ação, da elaboração das narrativas e da compreensão do seu papel e de sua significação no espaço educacional.

Neste sentido, após refletir sobre a formação docente e expor minhas interpretações sobre o tema, desafio você caro leitor, a responder à pergunta me feita no início da disciplina. “O que é ser professor para você?” Penso que construir juntos essa reflexão, trazendo esse debate para os mestrados e doutorados, trará mudanças profundas na formação docente em saúde.

Referências

CAMPOS, Silmara e PESSOA, Valda I. F. Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Schön. In: GERALDI, Corinta M. G.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete M. A. (Orgs). Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas, SP: Mercado de Letras e Associação de Leitura do Brasil (ALB), 1998, p. 183-206.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 74.Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022.

HAWKING, Stephen. **Breves respostas para grandes questões.** 1.Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MARQUES, Rodrigo; MARTINS FILHO, Euclides; PAULA, Guilherme; SANTOS, Rondinneli. Assédio Moral nas Residências Médica e Não Médica de um Hospital de Ensino. **Rev. Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v.36, n.3, p.401-406, set 2012.

ZEICHNER, Kenneth M. **Formação reflexiva de professores: ideias e práticas.** Lisboa: Educa, 1993.



DESAFIANDO LIMITES: A PROFISSÃO
DOCENTE NAS PERIFERIAS E A EDUCAÇÃO
COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO EM
MEIO ÀS ADVERSIDADES SOCIAIS E
ECONÔMICAS

Luiz Eduardo Melo Weisheimer



10.47247/MR/6063.035.2.11



Ser professor transcende as fronteiras convencionais da sala de aula; é um chamado para alcançar, nutrir e inspirar até mesmo aqueles que estão à margem da sociedade. Nas escolas das periferias, onde as adversidades sociais e econômicas são palpáveis, a missão docente assume um papel ainda mais crucial. Ser professor nessas circunstâncias significa estender a mão para os alunos que muitas vezes enfrentam desafios que vão além dos livros didáticos. É estar presente não apenas como um transmissor de conhecimento, mas como um guia compassivo que reconhece a resiliência dos alunos diante das adversidades. Ser professor, nesse contexto, é ser um catalisador de esperança e oportunidade, construindo pontes educacionais que alcançam os cantos mais remotos da sociedade, onde a luz da educação pode dissipar as sombras da marginalização. É uma jornada repleta de desafios e, ao mesmo tempo, de recompensas extraordinárias. Nesse contexto, a paixão pelo ensino se torna a bússola que guia cada passo, mesmo quando os obstáculos parecem intransponíveis.

Nas periferias, a marginalização social e econômica é uma realidade diária para os jovens. No entanto, a educação surge como uma espécie de antídoto para enfrentar essa realidade desafiadora. Nas salas de aula, o professor deve buscar criar um espaço de empoderamento, fornecendo ferramentas que não apenas transmitam conhecimento acadêmico, mas que capacitem os alunos a desafiar as limitações impostas por uma sociedade muitas vezes indiferente aos seus anseios e necessidades. Estabelecer uma comunicação eficaz com estes alunos é um desafio constante. Para muitos desses jovens, a batalha diária pela sobrevivência e as complexidades emocionais acabam, muitas vezes, obscurecendo as oportunidades de educação. Nesse contexto, a empatia não apenas transcende as palavras, mas também se torna um instrumento vital para a construção de pontes de entendimento. Muitos desses alunos são privados da presença de exemplos positivos e da motivação necessária para dedicarem-se aos estudos. Em ambientes onde as oportunidades muitas vezes são escassas e a realidade socioeconômica impõe obstáculos, a figura do professor assume um papel crucial, onde a empatia do educador se torna um farol de esperança, iluminando um caminho que, para esses jovens, pode parecer repleto de obstáculos intransponíveis.

Ao não apenas compreender, mas verdadeiramente se conectar com as experiências e desafios únicos que esses alunos enfrentam, o professor se torna um modelo inspirador. Em um cenário onde a falta de exemplos positivos pode ser desanimadora, a empatia oferece um suporte emocional e incentiva a busca pelo conhecimento. Esses jovens encontram na relação com o professor não apenas um guia acadêmico, mas um defensor de suas capacidades, alguém que acredita nas suas potencialidades, muitas vezes antes não reconhecidas.

O incentivo ao estudo, que brota da empatia do professor, atua como um catalisador para o despertar de um desejo de aprendizado e superação. Essa luz de esperança não apenas indica a possibilidade de um futuro mais promissor, mas também desafia a noção anteriormente internalizada de que o acesso à educação era



uma perspectiva distante e inalcançável. O professor, ao se tornar esse farol de esperança, não apenas ensina, mas também capacita esses jovens a enxergarem para além das circunstâncias adversas, permitindo-lhes vislumbrar um horizonte educacional antes considerado inatingível. A empatia do professor não é apenas uma ferramenta de compreensão, mas um agente transformador que impulsiona os alunos em direção a um futuro de possibilidades antes inimagináveis.

Paulo Freire (1996, p. 13) diz que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção." e ressoa de maneira profunda o compromisso do professor de criar ambientes educacionais que capacitam os alunos a se tornarem construtores ativos de seu próprio conhecimento. Nas periferias, onde as limitações socioeconômicas são acentuadas, essa abordagem ganha uma relevância ainda maior. Ser professor nessas circunstâncias é, portanto, criar as condições propícias para que os alunos possam construir suas próprias narrativas educacionais.

A visão de uma educação crítica, inspirada na pedagogia da autonomia de Paulo Freire, torna-se mais do que uma abordagem pedagógica; é uma filosofia de empoderamento. O desenvolvimento de habilidades críticas não apenas fortalece a capacidade de pensamento dos alunos, mas também os capacita a questionar, desafiar e transformar as estruturas que perpetuam a marginalização. É um convite à reflexão e à ação, transformando a educação em uma ferramenta não apenas de conhecimento, mas de libertação.

Em conclusão, ser professor nas periferias é uma missão que transcende a mera transmissão de conhecimento; é uma missão de impacto social, uma jornada que busca não apenas ensinar, mas também libertar. A educação, como instrumento de transformação, desafia os limites impostos pela realidade, criando oportunidades onde antes predominava o desespero. Neste percurso, a pedagogia da autonomia, inspirada em pensadores como Paulo Freire, não se limita a ser um guia; ela se revela como uma força motriz que impulsiona a construção de uma educação emancipatória. Ao adotarmos essa abordagem, não apenas redefinimos o papel do professor, mas também afirmamos a esperança que a educação oferece para aqueles que historicamente estiveram à margem da sociedade. Em sintonia com a mensagem de uma música, do grupo de Rap Fação Central, que proclama "O sistema tem que chorar, mas não com você matando na rua, o sistema tem que chorar vendo a sua formatura", percebemos que o verdadeiro impacto da educação vai além da resistência individual nas periferias; ele reside na conquista coletiva de sonhos, na formação de mentes críticas e na transformação do sistema a partir das bases, evidenciando que a insurreição ao sistema deve ser provocada pelo sucesso educacional, não pela perpetuação da violência nas ruas.



Referências

Facção Central. (2001). **Apologia ao Crime**. A Marcha Fúnebre Prossegue. [Arquivo de áudio MP3]. Gravadora independente.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. 25a ed. Paz e Terra – São Paulo, 1996, p.13.



DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA
EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE :
PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO
INTERPROFISSIONAL E PRÁTICA
COLABORATIVA NA APS

Caroline Freire



10.47247/MR/6063.035.2.12



“Não vês que somos viajantes? E tu me perguntas: Que é viajar? Eu respondo com uma palavra: é avançar! Experimentais isto em ti que nunca te satisfaças com aquilo que és para que sejas um dia aquilo que ainda não és. Avança sempre! Não fiques parado no caminho”. (Santo Agostinho)

A atuação docente na educação permanente em saúde (EPS) transcende a mera transmissão de conhecimento. Assume-se como uma vocação intrinsecamente ligada à construção de saberes que ultrapassa a esfera do conhecimento técnico, abraçando uma abordagem holística para atender às reais demandas da sociedade.

Ser professor nesse contexto implica não apenas transmitir habilidades técnicas, mas também compreender profundamente as necessidades intrincadas que moldam a realidade social de cada indivíduo. É mais do que um guia na jornada do aprendizado; é um arquiteto de competências, desenvolvendo habilidades práticas em conjunto com uma visão global das complexidades que permeiam a saúde e o bem-estar biopsicossocial.

A EPS requer uma abordagem que vai além da acumulação de conhecimentos técnicos. Ser professor nesse contexto envolve inspirar a busca constante pelo saber, fomentando não apenas a autonomia intelectual, mas também a capacidade de aplicar esses conhecimentos de maneira significativa no âmbito prático.

Nessa jornada, o professor atua como um facilitador do desenvolvimento crítico, encorajando a reflexão sobre as práticas de saúde. A formação técnica se entrelaça com a formação de cidadãos críticos e conscientes, cientes não apenas das especificidades técnicas, mas também das implicações éticas e sociais de suas ações.

Ao adentrar o campo da EPS, o professor se torna parte de uma jornada de aprendizado mútuo. A abertura ao diálogo e à diversidade de ideias é essencial, assim como o constante aprimoramento para se adaptar às dinâmicas evolutivas da saúde. Essa postura fomenta uma cultura de colaboração, onde o conhecimento é construído coletivamente para enfrentar desafios específicos da realidade social e da saúde da comunidade.

Partindo do pressuposto de que a educação e o trabalho são práticas sociais intrinsecamente ligadas, o contexto da EPS no ambiente de trabalho surge como um elemento crucial nessa interação dinâmica. Ao considerar a formação de trabalhadores na área da saúde como parte integrante do processo de trabalho, torna-se evidente que a educação é não apenas um complemento, mas uma extensão vital das atividades laborais.

No âmbito da atenção primária a saúde (APS), a assistência prestada apresenta características singulares, marcadas pela complexidade inerente ao processo de trabalho e pelas diversas dimensões de intervenção. A educação no trabalho em saúde, como componente da EPS, não apenas reflete sobre esse processo, mas também se destina a abordar as necessidades de saúde da população,



reconhecendo o trabalho como uma articulação entre atenção à saúde, formação, gestão e controle social.

A EPS, com sua meta de constituir uma rede de ensino-aprendizagem no exercício do trabalho no Sistema Único de Saúde (SUS), visa reconfigurar as práticas de saúde e a organização do trabalho em consonância com as necessidades da população. Essa abordagem destaca a importância de afastar-se do conhecimento técnico concentrado em áreas específicas, que muitas vezes desconsideram as realidades locais em favor de prescrições padronizadas.

A necessidade de ampliar as respostas para além do normatizado é evidenciada, propondo uma abordagem mais ampla, centrada na interação intersubjetiva e voltada para as necessidades específicas de saúde da população. A interação constante e a compreensão aprofundada das realidades locais se tornam essenciais nesse contexto.

A busca pelo conhecimento, livre de perspectivas teóricas ou práticas coercitivas, é central para a EPS. Essa busca está relacionada ao papel fundamental da educação no contexto do trabalho, proporcionando espaços para reflexão, criatividade e inovação, reconfigurando as práticas de saúde em direção a abordagens mais holísticas.

Na visão de Paulo Freire, a educação é um processo emancipatório que promove o pensamento crítico e reflexivo. A postura crítico-reflexiva permite a análise aprofundada dos problemas, especialmente quando aplicada à problematização das práticas de saúde no trabalho.

Feuerwerker destaca o engajamento dos trabalhadores na reflexão sobre práticas e ação positiva por meio do diálogo, reconhecendo seus conhecimentos prévios como essenciais para a EPS. Isso propõe uma integração dos processos educativos às experiências cotidianas dos serviços, promovendo uma mudança nas estratégias pedagógicas e incentivando trabalhadores da saúde como agentes críticos e reflexivos.

A integralidade, como princípio norteador da EPS, possibilita a articulação de saberes e práticas interprofissionais, abraçando um conceito ampliado de saúde que considera a subjetividade do usuário. Essa abordagem, alinhada aos princípios do SUS, busca superar práticas centradas na doença e reorganizar o processo de trabalho nos serviços de saúde, distanciando-se do modelo biomédico fragmentado.

Nesse contexto, a EPS no ambiente de trabalho se configura como um terreno propício para a construção de conhecimento, reflexão crítica e inovação. Além disso, abre espaço para a integração da educação interprofissional (EIP) e prática colaborativa (PC). Ao alinhar-se aos princípios da integralidade, essa abordagem contribui de maneira significativa para uma visão mais holística e centrada nas necessidades da população, promovendo a interação colaborativa



entre profissionais de diferentes áreas, enriquecendo ainda mais o processo educacional e as práticas de saúde.

A EIP e a PC são abordagens essenciais, que vislumbram melhorar a prestação de cuidados de saúde e otimizar os resultados para os pacientes. Essas práticas têm evoluído como resposta à complexidade crescente dos desafios de saúde e à necessidade de uma abordagem mais integrada e centrada no paciente.

A EIP envolve a interação de profissionais de diferentes especialidades no processo educacional, onde o processo de aprendizado ocorre de maneira unificada, promovendo uma compreensão mais ampla das funções e perspectivas de cada profissão. Isso cria uma base sólida para a prática colaborativa, onde equipes interprofissionais trabalham em conjunto para oferecer cuidados holísticos e eficazes.

A prática colaborativa, por sua vez, é a aplicação desses princípios de aprendizado interprofissional no ambiente de cuidados de saúde. Isso significa que profissionais de diferentes disciplinas colaboram, compartilham responsabilidades e tomam decisões de forma conjunta para atender às necessidades complexas dos pacientes. Essa abordagem não apenas melhora a eficiência dos cuidados, mas também aumenta a satisfação do paciente e a segurança.

Ao centrar a atenção no paciente, a prática interprofissional colaborativa prioriza a experiência individual do paciente, considerando não apenas as condições médicas, mas também os aspectos psicossociais, culturais e emocionais. Os profissionais de saúde, ao trabalharem em conjunto, podem oferecer uma gama mais ampla de serviços e abordar as diversas dimensões da saúde do paciente.

Neste contexto, é vital entender como a atenção centrada no paciente se integra à prática interprofissional colaborativa. Profissionais de saúde treinados de maneira interprofissional têm a capacidade de personalizar os cuidados com base nas necessidades e preferências específicas de cada paciente. A comunicação aberta e colaborativa entre os membros da equipe resulta em uma experiência de cuidado mais fluida e efetiva.

Em síntese, a Educação Permanente em Saúde, respaldada pela Educação Interprofissional e Prática Colaborativa, emerge como um catalisador fundamental para enfrentar os desafios contemporâneos na área da saúde. O papel do educador transcende a mera transmissão de conhecimento, assumindo uma dimensão holística que atende às complexas demandas sociais. Ao integrar essas abordagens no ambiente de trabalho, especialmente na Atenção Primária à Saúde, a EPS promove uma visão mais integral, centrada no paciente e colaborativa entre profissionais de diferentes áreas. Essa evolução é essencial para proporcionar cuidados mais eficazes, humanizados e adaptados às exigências dinâmicas do cenário de saúde em constante transformação.



Referências

AGRELI, H.F.; PEDUZZI, M; SILVA, M.C. Atenção centrada no paciente na prática interprofissional colaborativa. *Interface*, Botucatu. v.20, n.59, p.905-916, Jan, 2016.

FEUERWERKER, L. Educação permanente em saúde: uma mudança de paradigmas. *Olho Mágico*, Londrina, v. 12, n. 3, p. 13-20, 2005.

PEDUZZI, M.; AGRELI, H.L.F.; SILVA, J.A.M.; SOUZA, H.S. Trabalho em Equipe: uma revisita ao conceito e seus desdobramentos no trabalho interprofissional. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v.18, n. s1, 2020.



ALÉM DO SABER: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS DE GERAÇÕES

Charles Yea Zen Chow



10.47247/MR/6063.035.2.13



Introdução

O significado do termo “ser professor” sempre me pareceu ser difícil de explicar, mas que representa um constante processo de crescimento e amadurecimento, explorando áreas do próprio professor e do próprio aluno na concepção de criação de vínculos efetivos gerando transformação e impacto na vida de quem aprende. Ministrando uma aula e simplesmente não olhar nem para trás nem para frente, apenas chegar em casa com a “tarefa feita” não significa ser professor e talvez, a pergunta que mais caiba nesse contexto seja: o que a minha aula trouxe de transformação para o sujeito que a ouviu?

Nesse capítulo, a construção desse conhecimento vai muito mais além, é um processo em constante movimento, buscando ser impactado e impactar outras vidas através desse aprendizado cíclico.

A transferência do saber

O professor sempre foi aquele que detinha maior conhecimento da área. Sim, isso é verdade. O aprendizado, a pesquisa, a dedicação, o estudo e a atualização dos conteúdos são, de longe, ferramentas cruciais desse processo de conhecimento, capacitando o professor (discente em constante crescimento) em sua atuação profissional de ensino. Paulo Freire, em um de seus livros, diz que “ensinar não é transferir conhecimento” (REFERÊNCIA). De fato, o discente aprende com o docente, mas o docente, ao ensinar, não transfere só o conhecimento, e sim, auxilia na construção do próprio raciocínio do discente, o que o torna um facilitador, reforçando ainda mais a importância do preparo teórico-prático do professor. Como poderia ele falar com propriedade se não dominar e ter segurança sobre o assunto? Como poderia ele abordar de maneira clara e efetiva se não conhecer os alunos, seus conhecimentos prévios, contextos sociais e expectativas? Para qual lado de raciocínio ou direcionamento poderia ele falar se não estiver alinhado com o projeto pedagógico da instituição que trabalha?

Dominar o assunto em si é fundamental e primordial. Na área em que atuo profissionalmente, ministrando seminários, aulas sobre determinadas doenças, causas, fatores de risco, a doença em si, o tratamento e suas complicações, é comum e importante e, muitas vezes, é dessa forma que nos aprofundamos mais sobre o assunto. Esses conteúdos geralmente têm como público muito específico, como médicos-residentes da sua própria especialidade, pessoas que já conhecem e que estão no mesmo convívio social de trabalho.

As dificuldades surgem quando se ultrapassam esses limites, principalmente quando não se tem o domínio sobre o público-alvo. Como trazer o conteúdo de maneira prática e efetiva para esse determinado público? Talvez não saberia como dizer se não vivenciasse situações em que, ao término da aula que havia participado,



não havia entendido nem 1% do que foi abordado; e o principal motivo era que o professor estava buscando um público de pós-graduandos já com o conhecimento bem esclarecido da aula que foi ministrada, e eu estava apenas na graduação. Dessa forma, talvez a primeira pergunta que precisasse ser feita era sobre o público-alvo dessa disciplina ou desse assunto e, talvez ainda mais importante, qual a mensagem que os alunos precisam captar para a construção do próprio raciocínio e desenvolvimento pessoal.

O segundo ponto que precisamos considerar tem relação com a experiência, maturidade e percepção do professor em relação aos alunos. Acredita-se que um bom professor, não é aquele que apenas sabe sobre o conteúdo, mas sim aquele que consegue captar a atenção dos alunos de tal forma que traga pontos de reflexão e crescimento. É claro, que existem os que já possuem esse talento, outros ainda que desenvolvem com muito esforço, ou mesmo aqueles que precisam de maturidade para entender o que estamos refletindo.

O tipo e a forma de linguagem, o vocabulário utilizado e a tecnologia empregada refletem o quanto o professor busca impactar os alunos de maneira efetiva e positiva. Por exemplo, com o 1º ano da graduação universitária, no contexto modernista e tecnológico de hoje, já não é eficaz ministrar uma aula usando retroprojeter com conteúdo impresso em folhas de acetato transparente, ou slides em programas de apresentação com textos tão extensos que o aluno não sabe se lê o conteúdo do slide apresentado ou se presta atenção no que está sendo falado. Na modernidade atual, com o grande e imenso arsenal de conteúdos disponíveis para qualquer um ter acesso, como poderia o professor trazer de maneira prática e concreta o mesmo conteúdo? Talvez, o maior trunfo seja trazer esse conteúdo para a realidade em que o aluno está inserido.

Qual o perfil dos alunos? Em que condição socioeconômica? Qual o bairro, índice de criminalidade? Quais as dificuldades e pontos fortes, grau de conhecimento e amadurecimento deles? Que tipo de linguagem e o quanto de acesso à tecnologia eles estão inseridos? Essas e outras perguntas vêm diretamente ao encontro quando se fala de realidade do aluno. Entender o contexto do qual ele está inserido auxilia e impacta diretamente no entendimento e efetividade da aula a ser ministrada. De nada adiantaria ministrar uma aula que seria para pós-graduando para alunos do ensino fundamental, pois com certeza eles não entenderiam. Além disso, por mais que o professor necessite ensinar o idioma corretamente, alguns traquejos são necessários para que o aluno entenda e absorva melhor o conteúdo.

O terceiro ponto, não menos importante, envolve troca de experiências e vivências. O professor, ao ensinar, deve passar experiências vividas para os alunos, gerando identificação e melhor assimilação do conteúdo. Não obstante, quem ensina também está em constante aprendizado, principalmente na troca de experiências entre professores. A prática de situações vividas por outros colegas pode incentivar e auxiliar na resolução de dificuldades e desafios que o professor está enfrentando como, por exemplo, como lidar com um paciente autista ou quais outras ideias já



realizadas por outros colegas que tiveram mais impacto e efetividade na compreensão do conteúdo proposto. Não há uma regra específica e rígida sobre qual método de ensino é o mais assertivo para esses alunos; é na troca de experiências que se ampliam ideias, conceitos, atitudes e habilidades que podem ser adquiridas ou melhoradas no ensino.

Devemos sim respeitar a política pedagógica de ensino, as ementas, as ideologias da instituição em que estamos inseridos, muitas vezes até o conteúdo proposto e aprender que estamos debaixo de regras que exigem respeito e cumprimento. Onde está, então, a valorização do professor? Talvez essa valorização comece pelo próprio profissional, entendendo sua importância para si mesmo, para a sociedade e para as futuras gerações. Antigamente, o professor era considerado uma autoridade com profundo conhecimento, status e importância na sociedade, de impacto e respeito; entretanto, com o passar dos anos, pouco se nota o vislumbre de eras passadas. Em muitos lugares, o professor sofre violência física, é desrespeitado com palavras torpes; e a consequência de tudo isso: autodesvalorização do profissional, demissões, doenças psíquicas como depressão, contratações sequenciais de professores para uma mesma série ou turma, além da não construção do raciocínio, da reflexão e do crescimento desses alunos.

Referências

FREIRE, Paulo. A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000.

ZEICHNER, Kenneth M. Formação reflexiva de professores: ideias e práticas. Lisboa: Educa, 1993, 73-112.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão. Docente. 1992.



DIAGNÓSTICO DA DOENÇA CÁRIE E SUAS PERSPECTIVAS EM 2023

Beatriz Tomé Martins de Moraes



10.47247/MR/6063.035.2.14



“Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia.” Clarice Lispector. (Felicidade Clandestina, 1981)

Experiência de cárie na primeira infância

Mas as pessoas ainda têm cárie? Na era da “Selfie”, existem diversos mecanismos com a famosa inteligência artificial, estamos na era dourada dos procedimentos estéticos com a harmonização orofacial, existe cárie ainda assim? Existe dentista de dente? Dentista diagnóstica e trata doenças?

A cárie dental é uma doença multifatorial ainda muito prevalente atualmente. Os pacientes infantis são acometidos frequentemente, pois o consumo de dieta cariogênica e higienização deficiente colaboram para o desenvolvimento da doença (COSTA;SILVA;RANK, et al.2021).

Esse questionamento inicial é respondido diariamente na rotina da minha pesquisa quando examino as bocas das crianças e seu responsável em uma Unidade Básica de Saúde, situada Arujá - SP, em um bairro com uma população mais carente. Sendo como foco da pesquisa o diagnóstico da doença cárie na primeira infância, envolvendo a díade mãe-filho que contempla a idade de crianças de 2 a 5 anos, além dos diversos testes realizados, questionários de práticas de higiene oral e alimentação e/ou amamentação.

Educação em Saúde Bucal

De acordo com Paulo Freire (1996, p. 26):

! Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

É necessário pensar dessa forma também quando vamos trabalhar com educação em saúde bucal: construir hábitos de saúde.

Existe o olhar da educação em saúde para a melhora de hábitos, e a criação de um novo hábito para reduzir ou prevenir a doença cárie. Pois os programas educativos promovem o aumento do conhecimento sobre Saúde Bucal e a redução do índice de placa e que, como é durante a infância que a criança vai incorporando em sua vida os hábitos de higiene e está numa fase propícia ao aprendizado (AQUILANTE; ALMEIDA; MARTINS DE CASTRO, et al., 2003).



Exposição a telas

O nível de conhecimento sobre saúde bucal em crianças na primeira infância pode melhorar quando são utilizados recursos adequados para essa faixa etária (AQUILANTE; ALMEIDA; MARTINS DE CASTRO, et al., 2003).

Vêm se tornando pauta crescente os estudos que observaram consequências significativas do uso abusivo de telas por crianças na primeira infância, tais como: prejuízo no desenvolvimento de memória de trabalho, relação com piora do quadro de pacientes já diagnosticados com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (SOUSA; CARVALHO, 2023), comprometimento de linguagem, déficit cognitivo, dificuldades emocionais, dificuldades psicológicas e comportamentais. Além disso, pode estar associada a um maior risco de obesidade, dificuldades alimentares, distúrbios e alterações nas métricas do sono (ROCHA; BEZERRA; GOMES, et al., 2022; SOUSA; CARVALHO, 2023).

Acesso e uso da informação

As diversas fontes de informação em saúde no espaço virtual e a interação dos usuários traz o desafio de conciliar as suas práticas habituais e os exercícios instáveis de ambiguidade e cooperação demandados pela tradução da informação na internet (BRASILEIRO; ALMEIDA, 2021). Em suma, o uso de rede social se mostra de extrema importância para divulgação de informação em saúde da criança, visto que a internet é um meio de comunicação em massa de fácil acesso à população, que a utiliza para realizar buscas sobre diversos temas (RESENDE; LIMA; SANTOS, et al., 2022).

Um exemplo útil e recorrente do acesso e uso das informações é a problemática ao desmame precoce, que é necessário que as mães recebam orientação e incentivo desde a gestação. Sendo importante haver divulgação com abordagens de diversos profissionais, sendo multiprofissional, sobre as possíveis dificuldades e intercorrências que podem surgir durante o aleitamento materno, bem como orientações sobre a gestação e os procedimentos a serem adotados quando ocorrerem problemas nas mamas, como mastite e fissuras, que estão associadas com a pega incorreta (MACEDO, 2022).

As plataformas de mídia social, embora facilitem o acesso e o compartilhamento de informações sobre saúde para usuários leigos ou pacientes, imprimem dificuldades aos processos de autogerenciamento das informações, autocuidados e tomada de decisões. Essas dificuldades resultam da articulação entre as dificuldades associadas às dinâmicas das plataformas digitais e às dificuldades que emergem dos contextos de transição de saúde (BRASILEIRO; ALMEIDA, 2021).



Considerações finais

A educação em saúde bucal necessita sempre ser priorizada e o dentista que a executar ao longo de sua trajetória desenvolver recursos para a melhor comunicação e elo com o paciente, visando construir conhecimento. Pois existem diversos aspectos quando o profissional de saúde promove educação em saúde, sendo a abordagem pela faixa etária e os recursos a serem utilizados.

Uma limitação que pode ser encontrada é a possível dificuldade na criação de hábitos saudáveis em higiene oral e saúde bucal em crianças na primeira infância que muitas vezes estão intimamente ligados aos hábitos do seu cuidador/mães, e a forma de acesso às informações em saúde dos pacientes, ou seja, esses cuidadores, podem impactar no processo saúde doença.

Referências

AQUILANTE, Aline Guerra; ALMEIDA, Beatriz Simões; MARTINS DE CASTRO, Roberta Francisca; XAVIER, Claudio Roberto Gaião;

SALES PERES, Sílvia Helena de Carvalho; BASTOS, José Roberto Magalhães. The importance of dental health education for preschool children. **Rev. Odontol. UNESP**, São Carlos, v. 32, n.1, p. 39-45, Jan/Jun 2003.

BRASILEIRO, Felipe Sá, ALMEIDA, Ana Margarida Pisco. (2021). Barreiras à informação em saúde nas mídias sociais. **RDBCI: Revista Digital De Biblioteconomia E Ciência Da Informação**, 19, e021030. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v19i00.8667199>

COSTA, Açucena da Silva; SILVA, Chaéle Ferreira da; FRANK, Daiara; MORAES, Nádya Caliny Vieira de; RODRIGUES, Thainá Kauãna Araújo; PACHECO, Aline de Barros Nobrega Dias; CAVAZANA, Thamires Priscila Tratamento Restaurador Atraumático: Técnica Minimamente Invasiva para Lesões de Cárie na Primeira Infância. **ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 297–303, 2021. DOI: 10.21270/archi.v11i2.5591.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transferir conhecimento. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura) 25ª Edição c.2 p.26

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina: contos*. p. 07-10. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MACEDO, Adriana Budelon. Causas do desmame precoce em lactentes: uma revisão integrativa. **Femina**. 2022;50(7):435-43

RESENDE, Isabella; LIMA, Maria Júlia; SANTOS, Paola Maria; ANTUNES, Marija; PAN, Raquel. (2022) Utilização de perfil em rede social para divulgação de informação em



saúde da criança: Relato de experiência, **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, 13(1), p. 125-136. doi: 10.36661/2358-0399.2022v13n1.12432.

ROCHA, Maressa Ferreira de Alencar; BEZERRA, Rebeca Ellen de Alencar; GOMES, Laura de Almeida; MENDES, Alice Lins de Albuquerque Cavalcanti; LUCENA, Alinne Beserra de. Consequências do uso excessivo de telas para a saúde infantil: uma revisão integrativa da literatura. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 4, pág. e39211427476, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i4.27476

SOUSA, Lucas Lopes; CARVALHO, José Bêngue Moreira de. (2023). Uso abusivo de telas na infância e suas consequências. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 23(2), e11594. <https://doi.org/10.25248/reas.e11594.2023>



DA ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA – UMA TRANSIÇÃO DE VALOR

Ligia Maria Oliveira Conte Silva



10.47247/MR/6063.035.2.15



História pessoal

Durante todo meu período educacional, seja em colégio estadual, onde me formei no ensino fundamental, seja no colégio particular, onde me formei no ensino médio, seja ainda na Universidade, onde me formei profissionalmente na área da saúde, fometei grande apreço pela docência que me cercou.

Neste processo educacional, nos primeiros anos de vida, eu me encontrava na Escola Estadual de Primeiro Grau, Dom Benedito Paulo Álvares de Souza. Embora, na época, há mais de 30 anos, o ensino fosse muito diferente do que já encontramos hoje, eu me lembro perfeitamente do profundo respeito e admiração que fui ensinada a ter por eles. Meus professores à época, eram meus verdadeiros heróis. Lembro do prazer que era, chegar no colégio e sentir o cheiro de álcool do mimeógrafo, pois teríamos prova! Que sensação deliciosa de ser testada, quando eu tinha a certeza de ter aprendido em cada aula durante o bimestre!

Todas as vezes em que uma homenagem foi preparada, uma oradora precisava ser designada, lá estava a Lígia. Sempre, sempre. Meus pais se lembram, e algumas videocassete ainda confirmam, do quanto eu escrevia bem, e me emocionada agradecendo os amados mestres da vez. Lembro o nome e a feição de cada um deles, emocionada do alto de meus 41 anos.

Na sequência, com o divórcio inevitável de meus pais, fui transferida para um colégio particular. Segui tendo enorme apreço por esses educadores que, mesmo com muitos percalços diários, foram moldando nosso rumo profissional com muito amor. Ao final da então sétima série, comecei a me questionar sobre meu próprio futuro, e sobre o que eu gostaria de ser. A área da saúde sempre foi uma certeza, e não foi nada difícil chegar na profissão dos meus sonhos: fisioterapeuta. Eu queria reabilitar gente. Sempre quis. Prestei inúmeros “treineiros”, com a ajuda de meus aliados professores, e passei em primeiro lugar nas faculdades onde me propus. Começava então uma nova fase em minha vida, onde eu seria ainda mais grata à docência que me cercava.

Lembro do frescor da manhã que batia no metrô, às 5:00 da matina, quando eu descia na estação da Universidade. Por conta do trânsito, sempre fui a primeira a chegar, e por isso, ficava na sala escrevendo e estudando até que a aula começasse. Sempre recebi um carinho muito grande dos professores nessa jornada, todos passavam a mão pelas minhas costas, me dando um (saudoso) bom dia e agradecendo a minha presença ali. “Sou eu quem devo agradecer” - eu pensava.

Nestes cinco anos que seguiram, de estudo e dedicação integral, fui formada como ser assistencialista. Fui ensinada e inúmeras vezes treinada a ser a pessoa que acolhe, que reabilita, que devolve o movimento à tantos que um dia podem vir a precisar de minhas mãos.



O que eu não imaginava é que, neste processo de aprendizado intenso, eu também me tornaria uma facilitadora de conhecimento – ou uma PROFESSORA.

Meu papel na construção do futuro profissional de outrem

Nessa jornada da faculdade, embora eu ainda estivesse sentada ali como uma aprendiz, senti a necessidade de disponibilizar meu tempo e meu conhecimento já adquirido (incluo nesse conhecimento virtudes como paciência, dedicação e amor genuíno pelo aprendizado) para meus companheiros de sala. Rapidamente me tornei a mentora, a monitora, a ajudante do professor.

E foi então que comecei a perceber que estava assumindo papel crucial na construção do futuro dos meus pares, e no meu, impactando vidas de maneiras profundas e duradouras. Percebi que meu auxílio, ainda que mínimo naquele momento, era parte do processo de moldar mentes e esculpir pedras como um escultor faz com suas obras. Em cada palavra minha, para meus alunos auxiliados de anos anteriores, residia o despertar da curiosidade, o poder da inspiração, e principalmente, o crescer de uma admiração mútua sobre o ensinar.

Como disse o autor Paulo Freire, em “Pedagogia da Autonomia”: Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”, e – puxa! Como isso fazia sentido.

A leitura, nesta fase, me acompanhou ainda mais de perto. Embora eu tenha sido criada com uma proximidade intensa com livros e bibliotecas, nesta fase da Universidade onde fui monitora, mergulhei de cabeça em leituras mais específicas, e muitas delas sobre o poder do conhecimento. Li muito sobre o Estoicismo, e, me identifiquei com os estoicos, que como Sêneca abordaram a educação e o ensino de uma perspectiva centrada no desenvolvimento moral e na sabedoria. Sêneca afirmou: “O principal modo de educar é pelo exemplo; e não somente pela comunicação de ideias, mas por atos e práticas”. Nesta visão, o ensino é uma expressão tangível de virtude e sabedoria, transcendendo, novamente, apenas a transmissão de conhecimento para incorporar uma formação moral e ética.

Quando me vi formada, percebi que minha vivência da Universidade havia sido elevada a enésima potência, graças a esta experiência da monitoria. Eu carregava comigo agora, não só o meu aprendizado, a minha formação como Doutora, mas também, o que aprendi com os que ensinei. E sim, eu começaria então minha jornada na Assistência, de modo extremamente completo.

O assistir ao próximo

Mas, o que significava minha nova missão? O que seria assistir ao próximo, oferecendo tratamento e cuidados aos seres que buscassem a mim para sua



reabilitação? Na saúde, cada cuidado é uma expressão do compromisso humano, um elo vital entre profissional e paciente, onde a compaixão transcende os diagnósticos. Trabalhar é mais que uma profissão, é um compromisso e entrega diários com a vida e a segurança alheia, onde a lanterna que ilumina nosso caminho é a compaixão.

E isso, não era difícil para mim. Mesmo. Entender meu lugar na assistência foi simples, pois sempre estive ali. Sempre fui do auxílio. E no auxílio permaneci por muitos anos. Em todos esses anos, fui aluna em inúmeros cursos. Fiz muitas formações, e segui me aperfeiçoando como uma profissional da Reabilitação. Tenho profunda admiração e gratidão a todos que me formaram, que contribuíram com a profissional que sou hoje, seja nos ensinamentos à distância que concluí.

Tudo permanecia desta forma, com muito trabalho ativo e “mão na massa”, quando fomos todos surpreendidos pela pandemia. Foi neste momento, em março de 2020, que perdi o chão como atuante na linha de frente da Reabilitação. Fui forçada – como todos, por motivos maiores obviamente – a permanecer em casa, sem poder assistir a quem eu deveria assistir. Minha sensação de impotência era enorme. Junto a isso, as questões financeiras que culminaram após a falta de minha atuação diária, dei um basta, e decidi ir à luta, criando uma forma de compartilhar conhecimento e gerar assistência, mas dessa vez, com um diferencial: à distância.

Turn around: a grande virada

Neste momento, o Conselho de Classe de minha profissão ainda não havia regularizado o atendimento online, como muitos médicos fizeram de “bate pronto”. Dentro de minhas perspectivas naquele momento, o que eu poderia fazer?

Resgatei toda minha vivência estudantil. Busquei em infinitos sites e programas como ajudar quem não tinha naquele momento a assistência que eu até então sabia como conceder. Eu só pensava no quanto aquelas pessoas (no meu caso crianças) que sempre dependiam tanto de mim, poderiam continuar recebendo meu auxílio neste momento. Foi quando percebi o óbvio: EU PODERIA ENSINAR.

“Ensinar é acender a chama, não encher um recipiente”. Li essa frase algumas vezes na vida, sendo atribuída ao filósofo grego Sócrates, e foi exatamente pensando nisso que decidi: eu iria acender a chama, mais uma vez, das pessoas com meus conhecimentos. Porém, dessa vez, através de um uso impensado: a INTERNET.

Ao procurarmos na ciência hoje em dia, já encontramos documentos irrefutáveis que mostram: a pandemia da COVID-19 ameaçou a saúde física e mental da população como um todo. Embora as crianças tenham sido menos contaminadas na forma sintomática e grave da COVID-19, essas foram mais afetadas no âmbito do desenvolvimento psicológico por serem uma população vulnerável. Quando tudo acontecia, e todos pensavam apenas em sobreviver, eu estava focada em minimizar este cenário, já existente em minha mente.



Mostrando agora ao mundo, onde olhar, mas não o que ver, comecei minha jornada educacional. Juntei todos meus quase 20 anos de aprendizado e me senti em frente às câmeras, fazendo pequenos vídeos com ensinamentos para milhares de famílias no mundo todo. Eu fui incansável, e todos os dias, forneci material gratuito de ensino para famílias que estavam sem ter como auxiliar seus bebês no processo de desenvolvimento motor, puderam então, ter uma professora ali, ao alcance das mãos.

Assim como nas salas de aula, forneci conteúdo, explicações, suporte para dúvidas e muita paciência. Tal qual como aprendi, desde a época do Ensino inicial na Escola Estadual. Foi assim: fácil como mágica, porque eu sabia o caminho. E então, pude notar que ensinar à distância é apenas isso: ensinar. Comecei a ter alunos do mundo todo, que se interessavam cada vez mais a ouvir o que eu tinha a dizer. Desenvolvi um método de orientação online para crianças com necessidades especiais, e segui atendendo dentro de minha área, exatamente no maravilhoso momento em que o Conselho de minha classe liberou tal atendimento.

Segui vendo muitas e muitas famílias tendo sucesso em casa, comecei a receber mensagens de mãe, pais, professores, médicos, fisioterapeutas, avós e muito mais, que me agradeciam pela dedicação em ensinar, em um momento tão difícil mundialmente. E, conforme tudo foi passando, eu encontrei meu novo lugar. Que na verdade não era novo, era só o lugar onde sempre estive, o de aprendiz que ensina. Escrevi meu Curso, que hoje tem mais de cinco mil alunas. Comecei a dar aula em Congressos, Palestras, Eventos de toda forma, ensinando qualquer pessoa que tivesse sede de aprendizado.

Hoje, mesclando entre a ainda amada Assistência e a igualmente amada Docência, consigo entender o que é ser professor. É muito mais que estar com giz na mão, em uma sala, com alunos olhando para a lousa. Ser professor é conseguir mudar vidas através do poder de seus atos, de suas palavras, de sua explanação carinhosa. Ser professor é estar disponível com seu conteúdo quando ninguém está, é estar disposto a repetir quando o mundo se cala. É apenas SER.

E Eu – sou- professora.

Referencias

FREIRE, P. *Pedagogia Da Autonomia : Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SÊNECA. *Cartas de um Estoico - Volume I*. [s.l.] Montecristo Editora, 2021.

INSEL, T. et al. Research Domain Criteria (RDoC): Toward a New Classification Framework for Research on Mental Disorders. *American Journal of Psychiatry*, v. 167, n. 7, p. 748–751, jul. 2010.

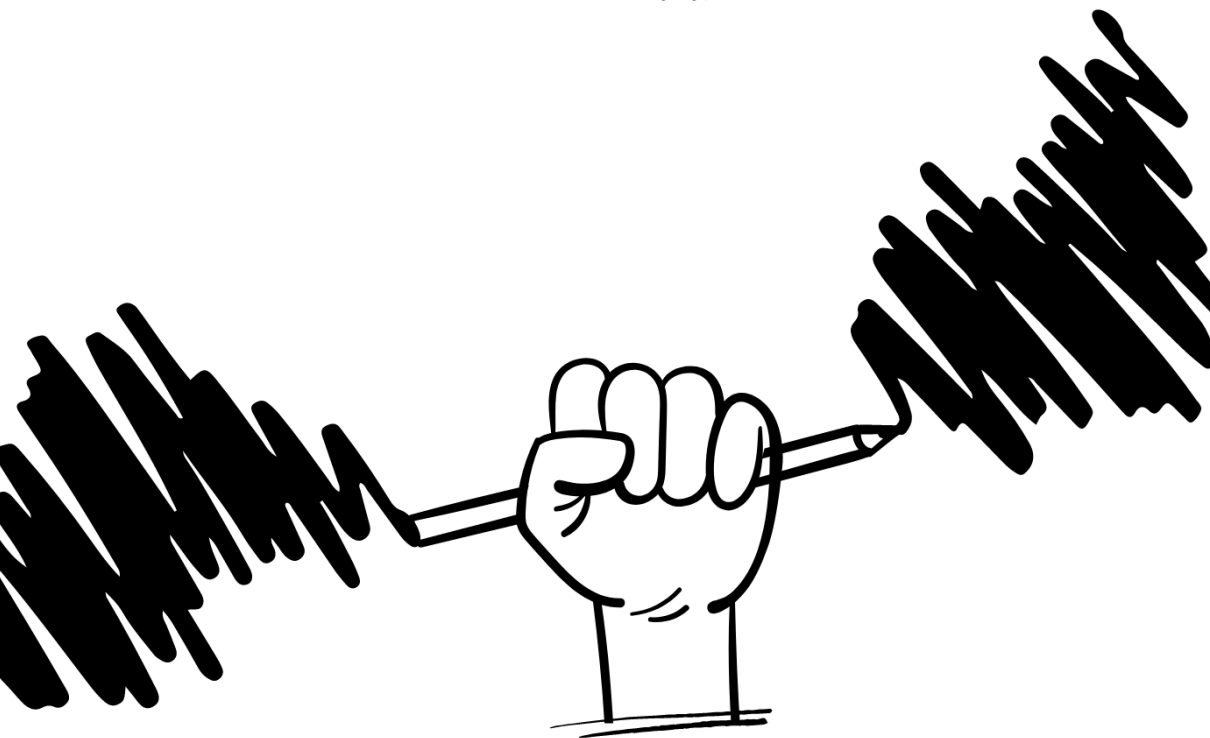


SER PROFESSOR É ESTUDAR SEMPRE

Eduardo Figueiredo Teles Faria



10.47247/MR/6063.035.2.16



Algumas vezes nos deparamos com alguns colegas profissionais, e até alguns professores que fizeram parte da nossa formação, seguindo um mesmo cronograma e uma sequência de aulas e metodologias durante toda a sua carreira. Ainda hoje é comum alunos de séries mais avançadas comentarem com os estudantes que estão chegando na escola sobre as aulas e acertarem nas suas previsões.

Por outro lado, como profissionais, percebemos que a forma como as aulas são conduzidas é diferente em cada turma e para isso precisamos refletir como melhorar nossa prática docente. Uma das formas de melhorar essa abordagem é a partir da pesquisa. Freire (1996), diz na sua obra *Pedagogia da Autonomia* que a pesquisa faz parte da realidade do professor na sua profissão, visto que é por meio do estudo e da pesquisa que o professor poderá melhorar a qualidade do seu trabalho.

Além da pesquisa, uma aula deve sempre se associar à realidade do estudante e esta é diferente em cada turma e a cada ano. Portanto, a escola não pode atuar apenas na transferência de conhecimento, mas sim na sua produção a partir da forma pela qual o conteúdo é abordado. Outro exemplo são as atividades práticas realizadas nas aulas, como o cultivo de microrganismos, construção de hortas e trabalhos de microscopia. Essas atividades podem ser importantes meios de se estudar a efetividade de determinadas metodologias e propor formas didáticas e eficientes da abordagem desses conteúdos, que podem ser publicadas e discutidas em eventos da área. Ou seja, é essencial que um professor se baseie não apenas na sua realidade de trabalho, mas também associe essa realidade às referências bibliográficas existentes sobre o assunto. A partir disso e surgindo a oportunidade de publicação desses dados, a pesquisa científica colabora diretamente para que a realidade possa ser diferente e o processo de ensino e aprendizagem se torne mais eficiente.

Entretanto, o fato de ser professor exigir pesquisa não significa que o profissional tenha a capacidade de montar qualquer aula e desenvolvê-la com propriedade, o que vem acontecendo nas aulas propostas na grade do novo ensino médio, como os itinerários formativos e outras que compõem também o ensino fundamental, que são tecnologia e projeto de vida. Essas disciplinas em algumas situações exigem do professor metodologias e conteúdo que não foram estudados na sua graduação.

Além disso, é importante conhecer a realidade do aluno para aprimorar as suas abordagens em sala de aula. O que acontece em temáticas ligadas à educação é a aprovação de reformas e a imposição de novas metodologias sem uma discussão prévia com os professores e os próprios estudantes. Um exemplo disso é a aprovação do Novo Ensino Médio e a sua implantação nos estados brasileiros. Veremos as consequências ao longo dos anos dessas rápidas mudanças sem o mínimo de reflexão, mesmo que aquele modelo inicial de currículo seja modificado com o tempo.



Ser professor não pode ser interpretado como um dom, mas sim como uma profissão. Como tal, exige um preparo e uma boa formação para ser exercida da melhor forma possível. As discussões sobre essa questão estão presentes há muito tempo na história do Brasil. Durante muitos anos se discutiu como formar os professores para entrarem na sala de aula. A obra a seguir traz um relato a respeito de Portugal, entretanto no Brasil, quando os Jesuítas deixaram de exercer esse papel educacional, essa era uma grande preocupação. Como formar os professores corretamente.

Desempenhando um papel charneira na construção do Portugal contemporâneo, os professores foram submetidos a um controlo muito próximo do Estado. Na 1ª metade do século XIX implementaram-se mecanismos progressivamente mais rigorosos de selecção e de recrutamento do professorado. Mas, quando foi preciso lançar as bases do sistema educativo actual, a formação de professores passou a ocupar um lugar de primeiro plano: desde meados do século XIX que o ensino normal constitui um dos lugares privilegiados de configuração da profissão docente. (NÓVOA, 1992, p.2).

Além disso, o professor é um profissional que deve ser o tempo todo reflexivo para que o seu trabalho seja efetivo. Ou seja, ele deve pensar sobre a sua prática antes, durante e após as aulas. Isso é importante em vários aspectos, visto que a aula ministrada em uma turma de segundo ano do diurno não é a mesma ministrada no período noturno e cabe ao professor estudar e repensar as suas ações de uma turma para outra assim como de um ano para outro.

Muito se discute na realidade escolar em relação aos materiais utilizados, sejam apostilas, materiais digitais ou próprio livro didático e a respeito do interesse dos estudantes nas aulas. Essas questões são uma grande oportunidade para que o professor exercite a reflexão sobre o seu trabalho. Ao preparar as aulas deve-se refletir sobre o que se tem disponível e procurar fazer o melhor conhecendo cada turma em que a aula será ministrada.

Frente a isso, a fim de que o professor possa realizar o seu trabalho de forma efetiva é importante que se tenha uma boa formação, desde a inicial, que envolve a licenciatura, até a continuada, que é caracterizada por cursos de especialização, pós graduação e cursos oferecidos pelas instituições. Para que esse trabalho de formação seja efetivo, é essencial, assim como o trabalho realizado em sala de aula com os estudantes, que haja uma associação entre os dados científicos que comprovem a efetividade das metodologias de formação e a realidade do professor.

Portanto, como ser professor exige uma reflexão constante a respeito da efetividade do seu trabalho, envolvendo um estudo constante, deve-se também ter a consciência de que, como dito por Paulo Freire, somos uma obra inacabada, visto que, os estudantes nunca são os mesmos e cabe ao profissional propor meios para que a aprendizagem se torne efetiva para todos.



Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se.

Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento. (FREIRE, 1996)

As frustrações existem, todavia, a dedicação na realização do trabalho em sala de aula no dia a dia faz com que tudo se torne possível, mesmo diante das diferentes realidades as quais nos deparamos em sala de aula.

Referências

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ZEICHNER, Kenneth M. A formação reflexiva de professores: ideias e práticas. Educa, 1993.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. 1992.



O INÍCIO DA DOCÊNCIA: REFLEXÕES DE UM JOVEM DOCENTE

Alexandre Monteiro de Camargo



10.47247/MR/6063.035.2.17



Escolha da profissão

A escolha de uma profissão é algo tão complexo e amedrontador, já que é uma decisão que tomamos geralmente na adolescência, momento no qual, outras atribuições novas nos assustam e diversas novidades nos bombardeiam. Dessa forma, minha jornada para se tornar docente não foi diferente.

Com 16 anos ingressei na ETEC Júlio de Mesquita, para cursar um curso técnico em química no período noturno. No matutino eu frequentava o ensino médio em uma escola pública de Santo André, a E.E. Oito de Abril. O contato com os professores das duas instituições de ensino me cativou, visto que eu achava muito interessante e prazeroso o ato de ensinar meus colegas de classe. No técnico tive a oportunidade de fazer um estágio, e fazer aulas de monitoria para os estudantes mais novos do curso de química. No ensino médio pude reviver o laboratório de ciências esquecido, produzindo atividades para os alunos do Ensino Fundamental II. Em todas essas experiências de ensinar, eu era o “professor”, todavia, eu fazia meu horário e não precisava me preocupar com o real aprendizado dos estudantes ou com documentos.

Assim, ao finalizar em 2017, com 17 anos, o curso técnico e o ensino médio, cresceu o sentimento em meu coração para prestar uma licenciatura na área de Ciências da Natureza, com enfoque em química. Dessa maneira, prestei nesse mesmo ano o ENEM, e consegui através do SISU, ingressar na Universidade Federal de São Paulo, Campus Diadema, no curso de Licenciatura em Ciências.

Graduação e primeiras decepções

A graduação foi um momento complicado para a minha formação docente, visto que eu imaginava a universidade de uma maneira totalmente diferente. Minhas expectativas da Unifesp eram fundamentadas do senso comum adquirido de filmes e até mesmo de imagens vistos na mídia. Ao ingressar no Campus Diadema, percebi que mesmo sendo uma excelente universidade, com professores muito capacitados, a infraestrutura foi insuficiente.

O curso de licenciatura me agradou bastante, tendo uma carga horária bem condizente com a realidade do ensino básico das escolas brasileiras, todavia, me senti fragilizado como professor, se tratando da discussão dos adolescentes. Durante o início da graduação não consegui ter essa visão descrita, já que não atuava ainda como professor, sendo somente constatado no final do curso, quando comecei a lecionar em uma escola pública estadual da periferia de Diadema.

Início da carreira docente



Minha primeira experiência, e aliás, a única, foi numa escola estadual de Diadema. Consegui em meados de agosto de 2021 iniciar um contrato como docente para substituir uma professora afastada por problemas psicológicos. Nesse momento, fiquei bem curioso e tentei formular teorias e mais teorias sobre o motivo do afastamento dessa docente. Mal eu sabia, que vivenciaria nos meses e anos seguintes diversas situações, que em nenhum momento foram discutidas na graduação.

Para iniciar, eu fui praticamente jogado dentro da sala de aula, pois não tive a oportunidade de ser introduzido e apresentado aos estudantes. Não culpo nenhum funcionário por isso, até porque era época da volta as aulas presenciais, aonde os estudantes vinham de quase 2 anos sem aulas presenciais devido a pandemia de COVID-19. Nesses primeiros meses me deparei com meu primeiro grande problema como docente: **SER O PROFESSOR!** Na experiência como monitor no curso técnico, ou mesmo nos estágios da graduação, eu estava na posição de estudante, interagindo com outros estudantes. Todavia, quando se entra em uma sala de aula, e você é o professor, deve-se ter a postura de professor, ou seja, ser profissional e entender que ali não é o local para se ter amigos. Pode ser confuso compreender esse pensamento, contudo, por demorar a desenvolver esse pensamento, tive diversos problemas de relacionamento com os estudantes e outros funcionários. Essa experiência de amadurecimento profissional e emocional está totalmente de acordo com o que Paulo Freire cita em seu livro “Pedagogia da Autonomia”:

|| Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (FREIRE, 1996, p. 55).

Como docente, cada novo dia fomenta novas experiências que possibilitam o aperfeiçoamento das práticas de ensino. Cada novo dia, permite com que os estímulos da sala de aula façam com que o docente em si, se torne mais responsável e consciente de suas ações.

Desde meu início de carreira como docente, venho vendo que meus maiores problemas não são com o conteúdo e as exigências por parte da coordenação, gestão ou diretoria de ensino, e sim com os outros colegas da unidade escolar. Quando se é novo na profissão, os mais experientes tendem a passar suas experiências e suas frustrações. Essas decepções foram e são a mim transmitidas diariamente, o que me acarreta uma enorme pressão.

Outro ponto que traz consigo um enorme peso é a gestão de sala de aula e cumprimento do currículo, que são cobrados diariamente pelos supervisores e gestores, que por meio das câmeras das salas, sentadinhos de forma aconchegantes



em suas cadeiras, fiscalizam o trabalho dos professores, que ali estão à mercê de 35 alunos. Esses, que em sua grande maioria estão “enjaulados” dentro da sala, contra sua vontade.

Um estudante uma vez mencionou a seguinte frase “A escola é boa, o ruim é estudar”. Eu achei essa fala muito profunda e reflexiva, visto que aborda uma característica presente em boa parte dos estudantes. Em nenhum momento da graduação eu esperava encontrar 35 alunos dentro de uma sala apertada, todos com o anseio de estudar, contudo, fui surpreendido com a realidade daquela unidade escolar, que deve se repetir em outras. Os estudantes em sua grande maioria veem a escola como uma casa, já que em suas “verdadeiras casas” não recebem o carinho e atenção que obtém da escola. Assim, com a fala desse estudante, consegui perceber com clareza o que é “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 1996).

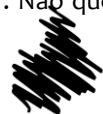
Além das dificuldades de relacionamento com os colegas docentes e com os estudantes, me encontrei confuso no momento de ensinar. Vindo de uma experiência de docência onde os estudantes queriam estudar, já que eram selecionados e “afunilados” pelo sistema de ingresso, me deparei com classes de alunos que ali se encontravam obrigados. Nenhuma disciplina da graduação preparou-me de forma satisfatória para o trabalho com adolescentes, mesmo eu estando totalmente capacitado conceitualmente em relação aos conhecimentos cobrados pelo currículo. Sinto que me faltou, e ainda existe a ausência de disciplinas que abordem mais o adolescente. Na pedagogia existe o estudo da criança e suas características, contudo, na licenciatura, qualquer uma que seja, não vejo o foco no estudo do adolescente.

Outro fator que me deixara demasiadamente aflito é como o docente tem a capacidade de transformar a vida de seus estudantes, tanto para melhor, como para pior. Isso se evidencia quando docentes capacidade instigam e incentivam seus alunos no crescimento, enquanto outros matam os sonhos dos discentes.

Pensamento atual sobre a carreira

Atualmente continuo a trabalhar na mesma unidade escolar, vivenciando diariamente novas experiência e tentando aperfeiçoar minhas práticas docentes. Contudo, sinto-me profundamente desmotivado para com minhas atribuições como professor, visto que não consigo ver muito sentido nas minhas ações. Creio que essa frustração se dá pelo fato de que não trabalho com objetos que tem padrões definidos e que podem me retornar resultados breves, mas sim trabalho com pessoas, que mudam constantemente, e que no momento, não permitem que eu veja os meus esforços no fruto de suas ações.

Penso que os professores são somente mais uma profissão dentre as diversas que existem na sociedade, todavia, considero essa profissão a mais honrosa e importante para o desenvolvimento e construção de um futuro melhor. Não que



ela seja melhor que as outras, mas sim que junto as demais, possibilita que o indivíduo seja formado por complexo, com suas crenças pessoais e seus pensamento, aliados ao conhecimento científico desenvolvido durante muitos séculos.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 146 p. (Coleção Leitura).



SALA DOS PROFESSORES: CONVERSA SOBRE O ADOECIMENTO DOCENTE

Daiane Carvalho da Silva



10.47247/MR/6063.035.2.18



Para começo de conversa...

Para começo de conversa minha existência necessita que no decorrer deste diálogo o leitor tenha a clareza de que em momento algum tenho a intenção da desesperança, quem me conhece sabe que sou esperançosa por natureza otimista, mas só a esperança não basta para mudança, como disse Freire (1997):

! Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. (FREIRE, 1992: 14-15).

No encontro da proposta em refletir sobre as “Perspectivas e reflexões Contemporâneas da docência” e sobre “O que é ser professor”, pensei em tantas possibilidades de registro, no quanto o caminhar na educação proporcionou-me experiências, vivências significativas e reflexivas sobre o caminho, o percurso de quem assim como eu, vive a sala de aula há muitos anos.

Pensei em escrever sobre práticas educativas que por si só dariam um livro, afinal são quase 20 anos de docência e se pensar bem 35 anos dos meus 39 anos, que passo mais tempo na escola do que no meu próprio lar...

A motivação para tentar traduzir em palavras um olhar sobre o adoecimento docente e sua relação com as condições de trabalho, parte de uma experiência pessoal, individual e realista de quem fez e faz parte destas estatísticas e presencia cada vez mais seus companheiros afastados por problemas de saúde como transtornos psiquiátricos.

Faz sentido mencionar antes de propriamente discorrer sobre o propósito deste texto, um pouco sobre o contexto ao qual pertencço.

Iniciei na profissão docente muito jovem, no ensino médio nos estágios das últimas turmas formadas no antigo C.E.F.A.M. Tereza Delta na cidade de São Bernardo do Campo; após concluir lecionei alguns meses em uma creche conveniada pertencente a prefeitura de São Paulo, logo em seguida ingressei como professora de educação infantil no município de Diadema (2005), e quase que concomitantemente como professora de educação básica do Estado de São Paulo (2006). Exonerei o cargo do Estado no ano de 2011 para assumir na Prefeitura de São Paulo, como professora de educação infantil e Ensino Fundamental I. Sempre estudei e trabalhei em escolas públicas, neste sentido o olhar ao que proponho dialogar está relacionado ao meu contexto de vivência, apesar do contato direto com professores de escolas privadas que compartilham sentimentos e lutas muito semelhantes.



Sempre trabalhei em tempo integral, realidade comum entre os professores brasileiros, que necessitam acumular cargo devido à desvalorização salarial, para complementar a renda.

Enquanto a média da população tem por jornada padrão legal definida na Constituição Federal, de 8 horas por dia e 44 horas por semana, trabalhando sobre o regime estatutário é permitido acúmulo de cargo, onde a jornada semanal pode ultrapassar as 60 horas semanais, isso falando apenas da jornada remunerada, é sabido entre os pares da quantidade de trabalho, exaurido o tempo da unidade escolar, em que o professor diretamente doa para concluir as exigências e necessidades do trabalho.

É sobre isso que venho falar... sobre o quão complexo é a função docente frente suas responsabilidades e o quanto o contexto Pandêmico (COVID-19) e pós pandemia, com a inserção compulsória e excessiva das novas tecnologias digitais, corroboram para o adoecimento docente, para o “sujeito obcecado pelo trabalho” ou *workaholic*¹. Não necessariamente apresento um documento científico, visto que não se trata de uma pesquisa nas exigências dos métodos, mas escrevo diretamente sobre o olhar de quem presenciou e presencia muitos diálogos e conversas diariamente com os colegas nesses quase vinte anos de profissão.

Um dos poucos momentos em que conseguimos conversar sobre assuntos além dos planejamentos e troca de conteúdos, se passa na hora do lanche ou intervalo, no respiro entre uma aula e outra na sala dos professores. Isso quando é garantido na jornada, visto que em alguns municípios não há esse direito, os professores se desdobram entre as aulas para dar conta de necessidades fisiológicas básicas como ir ao banheiro ou alimentar-se, o que pode tornar-se complicado por não ter um outro profissional para substituição, mesmo que por minutos para garantir a segurança dos estudantes.

Não é preciso ir longe para verificar o quanto condições mínimas de trabalho e garantia de direitos interferem na nossa saúde mental e física. Na sala dos professores esse assunto sempre está em pauta.

Recentemente uma reportagem do site do G1 virou tópico: “112 professores são afastados por dia em SP por problemas de saúde mental; aumento de 15% em 2023”², relatando a quantidade e respectivo aumento de docentes afastados na rede estadual de ensino de São Paulo devido a transtornos e doenças psiquiátricas.

Sem perceber normalizamos o sofrimento e a doença, a ponto de fazermos piadas indicando como “não contaram direito se passassem aqui esse número seria

1 Disponível em: < <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/sujeito-workaholic> > Acesso em: 15 de nov, 2023.

2 Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/05/112-professores-sao-afastados-por-dia-em-sp-por-problemas-de-saude-mental-aumento-de-15percent-em-2023.ghtml> > Acesso em: 15 de out de 2023



bem maior”. Ora, em que momento perdemos o fio da meada? Em que o trabalho suprime nossa existência e saúde e inertes assumimos a condição de normalização de que em algum momento da carreira ficaremos com algum transtorno incapacitante, como se isso fosse inerente a função docente?

Há uma contradição em ensinar para o protagonismo, para um mundo libertador e igualitário, se adoecidos normalizamos trabalhar muito além do que somos remunerados, comprar materiais básicos para trabalhar, em espaços muitas vezes projetados para economia e não para ser um ambiente educador, de silêncio onde necessário, com iluminação e ferramentas para minimizar desconfortos ambientais que interferem diretamente na qualidade do trabalho e conseqüentemente na aprendizagem dos estudantes, na qualidade da educação se precisamos do convencimento para lutar para tal mudança.

Convivo com a realidade de ser professora em uma das cidades mais ricas do Brasil, com maior *PIB nominal*, e que tem como sinônimo de condições de trabalho a normalização do educador comprar folhas de sulfites, microfone, passar horas e finais de semanas elaborando e corrigindo lições, fora do expediente, não exagero em dizer que presenciei colegas levando ventiladores para conseguirem trabalhar e disputando armário em sorteio.

Alinhado a isso há uma política catastrófica que insiste em culpabilizar o docente pelo que consideram fracasso, somos responsáveis por garantir os direitos de aprendizagem sobre quaisquer condições para isso. Aliás seria necessário antes de garantir os direitos de aprendizagem dar condições para tal, não há como relacionar a vida aos meios de produção porque as realidades são diferentes, de oportunidades desiguais, a educação trabalha com a diferença e não com objetos que saíram do mesmo molde.

Engenharias do capitalismo, que enredam os trabalhadores na cultura da meritocracia, do prêmio por mérito em meio a desigualdade, há a retórico de que somos parte, mas não fazemos parte das decisões, somos silenciados e exauridos de culpa numa missão quase solitária de transformação social, mas quando tentamos lutar por esses direitos há uma tentativa veemente de oprimir e desmobilizar qualquer movimento. Nisto o professor se vê trabalhando em duplas e triplas jornadas para poder complementar sua renda e manter seu trabalho vivo. O que nos falta se temos consciência de tudo isso? O que devemos fazer para que não sejamos tentados a desmotivação e quase desistência gradual de sonhos de um futuro melhor em relação a nossa profissão?

Passado a Pandemia da COVID (2019) convivemos com os fantasmas do “reinventar” ... sim o professor se reinventou! Aliás quando não? Mas desta vez o que parecia uma atitude solidaria e emergencial tornou-se obrigação. Passamos a receber chamadas contínuas para participar de grupos e subgrupos no WhatsApp, que vão surgindo ao longo do ano, sem hora, sem dia certo, os comunicados chegam junto com o almoço de domingo.



Abro meu WhatsApp e contabilizo de fevereiro a novembro: 326 arquivos de PDF, 254 mídias e 197 links... ao todo 777 compromissos de leitura extra jornada de trabalho em 200 dias letivos, com detalhes importantes, no meu dispositivo móvel e com uso dos meus dados móveis ou Wi-Fi. Caso não visualize há um grande risco de não saber o que deve ser feito, perder prazos e documentos...mal sabíamos que haveria extinção para os cadernos de comunicado e junto a ele o tempo destinado a leitura e ciência como parte do trabalho.

Todo este contexto me leva a conversa na sala dos professores, a provocação do sistema e a nossa conformidade em conviver com o sofrimento, em todos os dias sentir falta de um colega de trabalho e descobrir que não estava tudo bem.

Segundo Lima et al, 2023:

A centralidade do trabalho também nos alerta contra os equívocos de explicações que tendem a colocar a responsabilidade sobre a saúde exclusivamente nos comportamentos das próprias pessoas, no caso, os professores: eles ficariam afônicos por não saberem empostar ou não repousarem suficientemente a voz em casa; teriam dores lombares por não praticarem ginásticas apropriadas; viveriam estressados por se preocuparem demais com problemas que estão fora de suas competências e alcance etc. Estas explicações são tão difundidas, que muitos professores acreditam nelas e se culpam por não conseguirem se manter saudáveis. O papel do trabalho nem aparece ou, se aparece, é naturalizado, como se fosse normal que causasse sofrimento. Não é. Esvaziar a importância do trabalho na saúde é só mais um sinal do ‘viés ideológico’ (para usar uma expressão em moda), embora travestido de tecnicidade neutra, daqueles que não admitem que se coloque em questão a forma como o trabalho está instituído na nossa sociedade. (LIMA et al., 2023:10).

A qualidade do trabalho docente está diretamente associada as condições que são oferecidas, impactam no desempenho dos estudantes, que com o afastamento docente se veem sem a referência na sala de aula, comprometendo o vínculo, a continuidade, a organização e a gestão do ambiente.

Educar é ter consciência do quão importante e potente é ser professor, do seu papel político, do porquê e para quem é interessante o sucateamento e fracasso da educação, do quanto lhe cabe lutar para que o caminho não seja um fardo e para que os que ainda estão por vir sintam-se motivados a continuar a caminhada.

Como afirma Freire (1995):

A compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação ao seu projeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática. Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação. Não posso



reconhecer os limites da prática educativo-política em que me envolvo se não sei, se não estou claro em face de a favor de quem prático. (FREIRE, 1995: 46).

É preciso ir além de inserir psicólogos nas escolas, é necessário ouvir os professores, dignificar e valorizar o trabalho de forma remunerada adequadamente, estruturar o ambiente, para que ele possa construir um alicerce seguro, que resista e consiga se dedicar a quem vem a servir que são os educandos.

Como manifestado inicialmente, essa reflexão não vem ao encontro da desesperança ou desmotivação, nem tem a pretensão da verdade absoluta, mas da reflexão enquanto docente sobre os processos que estão causando esgotamento, e adoecimento docente, do quanto o pertencimento e consciência do que estamos expostos interferem na nossa saúde e do quanto a consciência de classe poderia ajudar na construção das mudanças, e em novas perspectivas profissionais. Não aceitar tudo que é impositivo, desigual e desleal é um ato político, não há como desvincular a educação da política. Termino, mas não concluo, novamente com as palavras sábias de Freire (2021):

Amorosamente, acrescento.

Mas é preciso, sublinho, que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos. (FREIRE, 2021:73)

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. Política e educação: ensaios. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LIMA. Cleiton Faria (org.). Seminários: trabalho e saúde dos professores : precarização adoecimento e caminhos a mudança [recurso eletrônico] . São Paulo: Fundacentro, 2023.



A PRÁTICA REFLEXIVA NA DOCÊNCIA COMO MEIO DE RESPOSTAS

Vitória Cristina Ferreira Santos



10.47247/MR/6063.035.2.19



A reflexão e suas descobertas

Descobrir-se educador é um processo que envolve experiências distintas para cada pessoa, sendo em alguns momentos gratificante e em outros árduo. Por isso, deve-se dar o devido destaque a autorreflexão e explanação das experiências individuais.

Antônio Nóvoa (1988) já destacava, dentro do método (auto) biográfico o viés do duplo estatuto do professor investigador, que não somente é depósito de conhecimento a partir de referências, mas também, construtor de suas próprias ideias, que podem estar nas experiências de vida.

Não obstante, pela falta de hábito de voltarmos o olhar sobre nós mesmos ainda é relativamente incipiente a realização dessa prática, de maneira que, urge o incentivo para a propagação dessa temática.

Tendo em vista os pontos supracitados, o presente artigo tem o intuito, por meio de relatos e referências refletir sobre “o que é ser professor?” dentro do contexto de uma docente e suas experiências pessoais.

Minha trajetória

Primordialmente, é importante elucidar a minha visão do que eu considerava o que é ser professor antes de me descobrir como uma.

Assim, inicialmente eu compreendia essa questão apenas da posição de discente, bem como, de ouvinte de familiares que eram professores, como minha mãe, minha tia e meu primo. Na visão da minha mãe, que lecionava para crianças até a quarta série da fazenda que morava em Alagoas, na década de 1990, ser professora tinha tarefas múltiplas, até conferir se tinham piolhos nas cabeças dos alunos, lá também muitos alunos tinham uma baixa condição financeira então as refeições como cuscuz e carne seca eram a alegria de muitos, minha mãe conta.

Já nos relatos da minha tia e do meu primo, a primeira docente no interior de Alagoas já aposentada, o segundo professor em São Paulo ainda em atuação, tive contato com a visão do ensino mais hodierno, percebi que muitos pontos mudaram em relação ao que minha mãe viveu como educadora. Nesse sentido, entre essas mudanças está a ampliação do que a educação pode dar acesso, fruto também da ampliação do número de universidades, diversificação de postos de trabalho, entre outros, com isso, a escola e os educadores precisaram ampliar seus repertórios.

Então, enquanto estudante no ciclo básico e posteriormente na licenciatura, apesar de todas essas referências pessoais me ver de fato atuando na área ainda era algo distante.



Em contrapartida, ao adentrar na sala de aula no cursinho como professora de Química e Biologia no ano de 2021, me senti instigada a vivenciar e refletir sobre a atuação, assim como fora elucidado por Dewey:

Dewey argumenta que o processo de reflexão de professoras e professores se inicia no enfrentamento de dificuldades que, normalmente, o comportamento rotineiro da aula não dá conta de superar. A instabilidade gerada perante essas situações leva-os a analisar as experiências anteriores. Sendo uma análise reflexiva, envolverá a ponderação cuidadosa, persistente e ativa das suas crenças e práticas à luz da lógica da razão que a apoia. Nessa reflexão estarão envolvidas, com a mesma intensidade, a intuição, a emoção e a paixão. (SILMARA DE CAMPOS E VALDA INÊS FONTENELE PESSOA, pg. 42, apud DEWEY, 1925).

A partir do que o autor supracitado relata, consigo relembrar o receio imenso de não ser uma boa professora e agora percebo que isso também faz parte do significado do ser educador, esse medo inicial, as descobertas e o aperfeiçoamento ao longo do tempo. Assim como, o entendimento das disparidades dentro da sala de aula, na qual muitos alunos não tinham aprendido o básico das matérias que eu lecionava e me vi tendo que dar conta de uma programação de um cursinho que só tinha aula aos sábados e somado a isso a grande defasagem dos alunos. Nesse âmbito, vi que lecionar é em muitos momentos não poder lidar com um cenário ideal e fazer o melhor dentro das condições que se tem.

Posteriormente, lecionando a disciplina de Ciências lidei com outra faixa etária, que possuíam outros desafios. Nesse lugar, precisei exercer a compreensão e o diálogo perante alunos que por conta de questões como transtorno de déficit de atenção se desesperavam no momento das avaliações, bem como, diminuir o ritmo com o qual passava os conteúdos porque uma aluna relatou dificuldade quanto a isso e percebi que outros alunos também poderiam se sentir prejudicados.

E assim, pude entender com mais clareza a importância da seguinte perspectiva:

As professoras e os professores que se prendem somente nas suas ações práticas, sem uma reflexão mais rigorosa sobre elas, acomodam-se a essa única perspectiva e aceitam, sem críticas, o cotidiano de suas escolas, com ações rotineiras no enfrentamento dos problemas que ali acontecem, sem vislumbrar as inúmeras alternativas dentro de um "universo maior de possibilidades" (Zeichner e Liston, 1996, p. 9, apud SILMARA DE CAMPOS E VALDA INÊS FONTENELE PESSOA, pg. 43).

Outrossim, ser professor carrega muitos pontos significativos, como a relação única que se constrói entre educador e a sala de aula diariamente, o exercício do olhar sobre as necessidades do outro e pessoais, as inseguranças, alegrias,



dificuldades, aprendizados. Portanto, enquanto um microcosmo social a sala de aula é diversa e exala vida e ser professor permeia toda essa diversidade.

Conclusão

Logo, é crucial compreender que as experiências profissionais são distintas e intrínsecas ao indivíduo, dessa forma, questionar-se a respeito do que é ser professor não é diferente, cada profissional terá o seu ponto de vista.

Partindo disso, o presente ensaio também destaca o poder da autorreflexão, que é uma ferramenta primordial quando se diz respeito ao resgate de relatos, que são capazes de trazer um arcabouço significativo de informações para embasar a resposta de perguntas como essa. Sem contar a diversidade de ideias, na construção de pensamentos que tem potencial em se transformarem em referência futuramente.

Dessarte, a perspectiva que aqui é construída parte do ponto inicial de uma ideia sem referências práticas e posteriormente em contato com a sala de aula a resposta em relação à docência é ampliada e aprofundada.

Referências

CAMPOS, Silmara de; PESSOA, Valda Inês Fontenele. **Discutindo a formação de professoras e professores com Donald Schon**. In: GERALDI, FIORENTINI, PEREIRA (Orgs) Cartografia do trabalho docente. Mercado das Letras. Campinas – SP, 1998, p.183-206.

DEWEY, John. (1925). **Comment nous pensons**. Paris: Flamarion.

NÓVOA, A. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CEAP, 1988.

ZEICHNER, Kenneth M. e LISTON, Daniel P. (1996). **Reflective teaching: an introduction**. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, pp. 8-20.



SONHOS SEMPRE VEM PARA QUEM SONHA COM VONTADE

Viviane Gonçalves



10.47247/MR/6063.035.2.20



Que grande desafio falar sobre eu professora, percebi ao iniciar o texto, que o convite para uma busca particular por nossa trajetória pode de início parecer simples, mas durante esta escrita foram se abrindo diversas caixinhas e se misturando tantas informações que percebi neste momento, que estou professora neste formato atual lecionando na creche e no ensino fundamental, porém já fui diversas outras versões e tenho tantas outras para buscar. Somos como colchas de retalhos, daquelas feitas com diversos quadrados cheios de histórias de todos os que cruzaram o nosso caminho e assim segundo Saint-Exupéry em O Pequeno Príncipe “Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”. Ser professor é isso, é se deixar envolver por cada pequena história que nos cerca.

Eu ainda pequena já tinha grande encantamento pelas letras e em especial revistas em quadrinhos, olhava os balões e perguntava para minha mãe o que estava escrito, o som de cada letra, aos poucos fui ficando intrigada com o menino Chico Bento que falava tão errado, mas tão igual as minhas tias irmãs da minha mãe, que sempre queriam um “cadinho” de alguma coisa, e isso cabia a nós sobrinhos resolvermos. Não tive uma infância igual às que eu via na televisão ou até mesmo pelos relatos de algumas amigas. Nasci na Zona Norte de São Paulo e logo nos mudamos para perto da família da minha mãe na Zona Sul da mesma cidade, meu pai tinha momentos em que a doença o deixava bem debilitado, nem sempre ele conseguia dizer não para um convite ao bar e achava melhor dar suporte para a minha mãe morando perto da família. Minha mãe por sua vez fazia milhares de coisas e enfeitava a vida a sua maneira, ela já estava perdendo alguns dos movimentos e sempre falava pra mim e para minha irmã:

! Eu sou a cabeça e vocês são as pernas, vocês vão aprender tudo o que eu puder ensinar nesta vida.

Ela ensinou a cozinhar, fazer crochê, tricô, cuidar do jardim e a sermos pessoas de bem, pessoas que sabiam se comportar e que podiam chegar até o ensino médio. Hoje parece tão pequeno este sonho, mas para a comunidade onde vivíamos e as condições da época era um grande sonho. Meu pai estudou muito pouco, ele falava que tinha estudado 8 anos, quatro deles no primeiro ano e os outros 4 no segundo e depois desistiu e foi trabalhar, ele era um homem generoso e que dominava os números de maneira encantadora, sempre foi do comércio e números era sua paixão, ele falava errado algumas palavras e não gostava muito de escrever apesar de ter uma caligrafia linda.

A minha mãe não era muito boa com números, mas era uma economista de primeira, ela criava receitas incríveis com o mínimo que tinha...e que saudade daqueles sabores de infância. Meus pais tinham uma pequena lojinha de doces na frente da casa, a “Barraca”, por vezes eu e minha irmã comentamos que a Barraca é parte da família e da formação do bairro que apesar de ser na capital era bastante afastado. A balança que meu pai tinha para pesar alguns dos produtos que vendia também servia para pesar as crianças da rua e anotar no caderninho para quando as



mães fossem em consulta poder falar ao médico, mas se a emergência fosse grande o farmacêutico do bairro vizinho resolvia.

Com 6 para 7 anos comecei enfiam a frequentar a escola, como nasci em julho precisei esperar 6 meses para entrar na escola do bairro, E.M Eliza Rachel Macedo de Souza, uma escola com salas de madeira e móveis antigos, a minha escola, cheguei lá encantada com cada pedacinho e achando muito legal tudo o que eu lia, entrei na escola já alfabetizada ganhei um universo de letras e os olhares de todo mundo que achava uma graça a menina da d. Lourdes lendo.

Pensando nesta época, por mais que eu tente não lembro o nome da primeira professora, mas lembro do Professor Renato, um homem magro, desengonçado, barbudo e muito divertido. Ele tocava violão, fazia desenhos explicando as lições e brincava junto com a gente, quando meu pai faleceu eu tinha 11 anos, deu muito medo de tudo e parei por uns meses de gostar de matemática, mas tive o professor Renato que nem mais me dava aula, mas conhecia as crianças da escola e do bairro, ele ia com seu fusca branco na nossa casa só para conversar com a minha mãe e ver se a gente precisava de algo. Outra professora também muito marcante foi a Professora Maria José Forte que trouxe pra comunidade um projeto de educação sexual para adolescentes, a gente tinha momentos de conversas abertas e descobertas, conseguimos levar a informação para as amigas que as mães não deixavam participar porque achavam safadeza. A adolescência chegou, comecei a trabalhar aos 13 anos para poder pagar uma escola em outro bairro e não estudar a noite nos bairros próximos de casa. pois eram realmente perigosos, neste período um turbilhão de coisas aconteceu e tudo acontecia meio misturado, o sonho de ser professora ainda era presente, mas os caminhos se desenharam de outra maneira.

Fiz a prova do CEFAM, mas perdi a data para a matrícula, segue trabalhando e estudando pensando em outras possibilidades e em como ganhar dinheiro e mudar a situação em que vivíamos, foi quando aos 19 anos me vi grávida, reorganizar novamente. Parei de estudar, perdi o emprego e me tornei mãe e dona de casa. Guardei os sonhos e vontades em uma caixinha e me dediquei de corpo inteiro a nova rotina, virei mãe de APM nas escolas das crianças, estava sempre junto como voluntária, todas as atividades deles e dos amigos eu estava por perto, participando, ajudando e me sentindo um pouco professora daquela turma toda.

Alguns anos depois e com os 2 filhos crescendo a vontade de concluir minha formação tomou conta, voltei a estudar e levava eles juntos para as aulas, terminei o ensino médio e enfim estava na UNIVERSIDADE aos 32 anos, seria professora, iniciei a licenciatura e fui desenhando as possibilidades, mas os planos novamente mudaram, casamento em crise, algumas DPs e a necessidade de mudar o rumo das coisas, tranquei a licenciatura e fui para a pedagogia. Alguns desafios depois estava eu me formando e que momento mágico, vi minha mãe chorando e agradecendo por ter uma filha com diploma, por ter uma filha que foi teimosa e não desistiu, chorei junto e agradei por ela ter me dado asas, por me mostrar as letras e ajudar a corrigir o Chico Bento, por ler tanto e comentar comigo suas leituras.



Eu era então professora, minhas asas já não mais cabiam na gaiola a qual estava presa, terminei o casamento, me redescobri e mergulhei na melhor e mais encantadora profissão do mundo. Trabalhei com a educação social, desenvolvi projetos de identidade na comunidade e me aproximei daquelas famílias, cada um era parte de mim e eu parte deles. Cada criança que passa por mim me mostra que a vida pode ser colorida se a gente acreditar, muitas histórias que vejo dos meus pequenos fazem reviver a Viviane criança cheia de sonhos que um dia quis se tornar professora. Hoje sou pesquisadora junto com minhas turminhas, conheço eles e um pouco de suas vidas, procuro fazer dos nossos momentos em sala momentos felizes e cheios de descobertas. Tem aquelas crianças que marcam mais, seja por ter a história parecida com a nossa, por ser o mais agitado da turma, por ser o mais engraçado ou por ser a criança que também alegra os meus dias, meus meninos e meninas que fazem mais quadradinhos na colcha pedagógica de retalhos que sou.

Costumo falar para eles no início do ano que eu posso acabar esquecendo os nomes deles, mas que se um dia eles passarem por mim é só chamar a prô Vivi que o abraço é garantido. Abraço esse que senti quando em uma conversa com a professora dr^a Marilena por uma rede social ela lembrou dos bolos que eu vendia na universidade para custear passagens e xerox, quando ela de maneira tão afetuosa acolheu meus sonhos e falou que eu podia, que eu deveria arriscar mais e acreditar em mim. Juntas organizamos as aulas e sigo voando em busca do mestrado e do sonho de uma educação onde a criança e a natureza estejam sempre ligadas, onde o brincar seja livre e o sorriso garantido.



SER PROFESSOR POR AMOR NÃO DEIXA DE SER DESAFIADOR

Giovanna Augusto Ravazi



10.47247/MR/6063.035.2.21



Caros colegas de profissão, é com muito apreço que lhes escrevo esse ensaio sobre o caminho que percorri para chegar ao status profissional de ser professora.

Formei-me muito cedo no ensino médio, findando com meus dezessete anos, naquele momento, era de suma importância decidir o que ser. Porém, escolher uma profissão para exercer o resto da vida, não é lá uma tarefa muito fácil para um adolescente, não é mesmo?

Por considerar possuir características doadoras, acabei optando por ingressar na faculdade de fisioterapia, onde me imaginava cuidando de pessoas de um modo geral. Entrei, iniciei o curso, mas me sentia extremamente aflita, como se não conseguisse encaixar naquele papel. Foi ao final do primeiro ano dessa faculdade que, ao ter mais contato com casos de crianças, que por inúmeras razões, possuíam necessidades de cuidados permanentes, ou que tinham suas vidas interrompidas por doenças degenerativas, decidi descontinuar o curso. Era triste demais para mim vivenciar tudo aquilo, percebendo aos meus dezessete anos, que não tinha estrutura suficiente para desempenhar esse papel que admiro tanto.

Confesso que a sensação de fracasso me pegou de jeito, foi bastante complicado conseguir admitir que trancaria uma faculdade, a qual eu havia investido tempo e dinheiro. Na época passava por análise terapêutica, o que auxiliou demais na minha tomada de decisão. Foram longas sessões para enfim compreender o que gostaria de fazer a seguir. Nesse momento, comecei a perceber que gostava demais de crianças e que poder vivenciar o desenvolvimento delas, me fazia um bem imenso.

Nesse momento, prestei novamente vestibulares para agora cursar pedagogia. Foi onde aconteceu uma das minhas melhores escolhas na vida. Entrei na UNISAL, uma universidade da rede salesiana. E logo no primeiro ano de curso, surgiu uma oportunidade de estagiar no colégio Salesiano Santa Teresinha, localizado na zona norte de São Paulo. Ali, posso dizer, que me descobri professora.

Iniciei meu estágio com a educação infantil, que foram anos de intenso aprendizado. Onde me apaixonei pela profissão, mas além disso, onde descobri como gosto de agir nessa profissão.

A educação salesiana possui uma particularidade, que se tornou minha particularidade, a Amorevolezza. É considerada a marca salesiana, Dom Bosco, seu grande idealizador, afirma que o sistema preventivo (SOFFNER; SANDRINI, 2012) se “apoiar inteiramente na razão, na religião e na amorevolezza” a qual considera o ato de ensinar, com amor, cordialidade, doçura, ou seja, trata-se de uma relação racional, mas amável entre professores e alunos.

Nesses anos iniciais, me constitui. Criei meu modo operandis nessa profissão. Até hoje recordo-me de ensinamentos que vivi ali e eles me permeiam e guiam minhas ações constantemente. Sou extremamente grata a tudo isso, pois me reconheço e me orgulho dessa escolha todos os dias, o que torna um pouco mais fácil exercer essa função.



Mas é preciso falar um pouco sobre os aspectos desafiadores e trabalhosos que essa profissão nos traz. Ao ler os relatos dos demais colegas, ao ouvi-los contar sobre os caminhos percorridos para chegar até essa escolha, é nítido que em sua grande maioria, essa escolha é regada de afeto. Claro que existe a necessidade de trabalho, de remuneração, todos nós precisamos, mas além disso, trata-se muito de amor, isso é incontestável.

Mas a pergunta que me faço é: será que o alheio sabe que embora sejamos apaixonados e extremamente dedicados ao que fazemos, nós também somos humanos e temos limitações?

A extensa carga de trabalho, as atribuições infinitas, os processos formativos que necessitam de constante atualização... São uma pequena parte de uma longa lista de funções que estão atreladas a nossa escolha. Que embora seja feita com amor, é extremamente desafiadora e posso dizer até desgastante em alguns momentos.

Relembrando os momentos vivenciados durante a pandemia, onde precisamos nos reinventar quase que diariamente. A carga de trabalho se multiplicou de forma difícil de mensurar. Felizmente, o período pandêmico teve fim, mas as tarefas acrescidas com ele, não. Na verdade, o que realizamos durante ele, deu ideias para que esse acréscimo de trabalho se mantivesse posteriormente.

Concordo que algumas ações adotadas dão visibilidade a tudo que fazemos, sempre realizando com muito cuidado. Mas essas novas atribuições não surtiram efeito em termos de remuneração, apenas em aumento de trabalho mesmo. Até mesmo porque o maior medo durante a pandemia era não estar empregada, portanto qualquer nova atribuição era facilmente aceita.

Essa dinâmica se estendeu até a atualidade, onde ainda vemos muitos docentes lidando com perdas conceituais e de desenvolvimento dos alunos após esse período. É um eterno correr atrás de um prejuízo, que sabiamente tentamos colocar em ordem, respeitando as diversas individualidades, particularidades e tempo de aprendizagem de cada um.

Indo muito de encontro com o que Foucault enfatiza:

■ a prática genealógica transforma a história, não mais vista como um julgamento sobre o passado em nome de uma verdade do presente e sim como uma 'contra-memória' que desafia nossos modos existentes de verdade e justiça, ajudando-nos a compreender e a mudar o presente, ao colocá-lo em uma nova realidade com o passado (Foucault. 1977, p. 160).

Ou seja, nossas reinvenções, sempre muito necessárias nessa profissão, são trabalhosas, mas nem assim deixamos de fazê-las. Independentemente dos desafios vivenciados, da quantidade de vezes que precisamos adaptar nossa prática, sempre a fazemos com dedicação. Visando construir e constituir uma nova memória.



Julgo de suma importância investir na formação continuada, para que não se esgotem as possibilidades de aperfeiçoamento de trabalho, porque vontade, certamente há. O que nos falta muitas vezes, são oportunidades, pensando no tempo disponível para e no investimento financeiro nem sempre fácil. É muito necessário pensar nesse professor, olhar atentamente para suas necessidades, assim como ele faz com seus alunos.

Finalizo trazendo minha gota de esperança, pois acredito que mudanças positivas possam acontecer. Até trago a luz a experiência incrível que foi participar as aulas desta disciplina “Perspectivas e reflexões da docência”, onde pessoas que se importam em fazer a diferença, se reuniram para refletir sobre a atuação, as experiências e melhorias que conseguimos fazer, juntos, pensando nessa profissão que, infelizmente, não é vista com o valor de deveria ser. Concluindo com a ideia inicial do texto, de que embora haja muito amor por ela, não há como negar o quão desafiador é exercê-la.

Referências

GERALDI, Corinta Grisolia. Cartografias do Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SOFFNER, Renato Kraide; SANDRINI, Marcos. A pedagogia e a práxis educativa de João Bosco. Revista de Ciências da Educação, Americana, ano 14, n. 26, p. 166-84, jan./jun. 2012.



NARRATIVAS DOCENTES: TRILHANDO FRONTEIRAS CULTURAIS E CONSTRUINDO MINHA IDENTIDADE NA EDUCAÇÃO

Julio Cesar Domiciano



10.47247/MR/6063.035.2.22



As narrativas escritas desencadeiam transformações na maneira como as pessoas percebem a si mesmas e aos outros. Ao se aproximar do momento de criação, o autor da narrativa pode, ao "escutar" a própria história ou "ler" seu texto, desenvolver uma capacidade de teorização sobre sua própria experiência. Esse processo pode ser profundamente libertador, permitindo que o indivíduo molde sua própria formação e determine sua trajetória.

Entretanto, esse entendimento vai além do conhecimento tácito adquirido na prática cotidiana. Em vez disso, representa um diálogo entre a experiência vivida e as construções teóricas desenvolvidas a partir dela e sobre ela. A noção de reflexão-ação, emerge como um dos instrumentos mais eficazes para a aprendizagem. A articulação verbal desse diálogo, seja escrita ou oral, é o que possibilita sua transformação em uma situação genuinamente pedagógica. “A linguagem, aí, é uma poderosa aliada da formação”. (CUNHA, 1999, p. 5)

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade.

Abordar as minhas histórias de vida como método para a construção de uma narrativa própria pode integrar a subjetividade como parte fundamental do autoconhecimento. Explorar minha memória para entender como o passado moldou minha identidade profissional, articulando meu crescimento pessoal, profissional e investigando se isso contribuiu para minha identidade docente. Crenças e práticas direcionadas tornam-se valores sociais e pessoais, e o (re)conhecimento dessas experiências trouxe uma sabedoria única, relacionada ao significado e contexto vivido até os dias de hoje.

Nesse sentido, a partir de uma reflexão constante do processo formativo ao qual me disponho diariamente enquanto profissional da educação pública, penso que ao escrever minha história por meio da narrativa de parte de minha jornada, poderei apresentar os fatores do quanto as minhas experiências se configuram como uma continuidade de uma trajetória que perpassa meu propósito de vida: ser professor. Escrever o capítulo deste livro trouxe a oportunidade de uma leitura e reflexão de uma etapa em minha história para que outras possam continuar sendo escritas.

Assim, declaro que buscar aporte no recurso pedagógico do uso de narrativas como um caminho capaz de possibilitar o resgate das histórias de professores em seu processo de formação é um horizonte possível que pode e deve contribuir com o processo de aguçar a memória de si para pensar no significado da identidade na formação do sujeito.



A narrativa da minha experiência e dos meus objetivos

Sempre tive o sonho da docência. Já transitei por aspirações distintas das letras e dos símbolos, os seus significados e eventualmente de me imaginar trabalhando com outras formas de representação e mediação do conhecimento. Porém, a cultura de um país, as relações humanas, o ensino das manifestações da língua materna na sociedade e como ela nos reconhece como indivíduos foi algo que me encantou e continua me fascinando. Essa apropriação da identidade, na figura da língua e da expressão de um povo, não somente nos caracteriza no contexto social, mas também nos processos coletivos de nossa história.

Minha mãe sempre foi um exemplo em como a valorização de nossa essência e nossas experiências nos constituem em quem somos para nós mesmos, mas também em como nossa existência não está desassociada do outro. Em um espaço de coletividade, a troca e aprendizagem mútua é o que nos determina e nos diferencia como seres únicos. Além disso, ela me ensinou que isso é um parâmetro básico de relacionamento pautado no amor, na cumplicidade, no respeito e como estar disposto e disponível em perceber e ajudar o próximo, pode também ser um caminho para o autoconhecimento. Assim, ao estar mais próximo das minhas próprias raízes e de tudo o que aprendi com ela, pude entender e refletir como a comunicação humana e o entendimento do outro como parte desta construção podem fazer a diferença em uma comunidade e em toda a sociedade. Dentro desses ideais e objetivos, a sala de aula se tornaria o espaço onde isso aconteceria diariamente.

Ao escolher pelo caminho da formação docente, pude entender que nesse percurso, eu poderia me aproximar da perspectiva de um aprendizado diário com os estudantes, com meus pares, com toda oportunidade de crescimento profissional e com minha própria visão de mundo. Após a minha graduação em Letras, estive em contato com processos contínuos de aprimoramento de práticas e metodologias que buscassem além de melhorias em minhas aulas, mas também oportunidades de tornar o aprendizado mais efetivo e significativo para os meus estudantes e para mim como um constante aprendiz.

Durante minha atuação docente, percebi que ao estabelecer que as estratégias de comunicação são uma forma de nos aproximarmos e nos conectarmos, e que as interações de fala e escuta devem priorizar maneiras efetivas de garantir a interlocução e a empatia uns com os outros em um novo contexto de aprendizagem em sala de aula, assim como discorrem as diretrizes da Educação Básica no Brasil:

- No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para



- aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.

Dentro desse contexto, vivenciar as experiências coletivas, por meio das trocas e da mediação do ensino e da aprendizagem, além de fomentar e estimular a participação de todos em minhas aulas me traria a certeza de que partindo dessa abordagem, eu encontraria toda a motivação necessária para acreditar na educação pública e para continuar buscando o aprimoramento de minha condição como educador.

Felizmente, ao entender que esse esforço dependia muito de mim e da concretização de meus próprios sonhos, não medi esforços para buscar incessantemente oportunidades de crescimento e aprimoramento para que minha realidade e a aprendizagem dos meus estudantes pudesse ser transformada. Nesse sentido, o investimento em minha formação, principalmente por sempre estudar e atuar em escolas públicas, me motivou e me condicionou a buscar recursos para a aplicação de projetos de inovação e/ou desenvolvimento de iniciativas que pudessem impactar de forma efetiva a vida escolar dos estudantes e a mediação dos conhecimentos, favorecendo o diálogo, o debate e principalmente, o respeito ao outro.

Eu, como também aluno egresso de escola pública e atualmente como professor da área de linguagens, sempre acreditei nesse processo de renovação. Assim como a língua se modifica e se aperfeiçoa, minhas práticas e metodologias também precisavam de evolução constante. Além disso, se eu me propus a batalhar para a concretização desses objetivos, meu incentivo aos que estão à minha volta não poderiam se esgotar. Desde então, venho buscando oportunidades de capacitação, formação e aprimoramento da língua estrangeira e das metodologias ativas no ensino do Inglês, para atuar e valorizar principalmente o ensino público do Estado de São Paulo:

- A contextualização das práticas de linguagem nos diversos campos de atuação permite aos estudantes explorar a presença da multiplicidade de usos da língua inglesa na cultura digital, nas culturas juvenis e em estudos e pesquisas, como também ampliar suas perspectivas em relação à sua vida pessoal e profissional. Além disso, abrem-se possibilidades de aproximação e integração desses estudantes com grupos multilíngues e multiculturais no mundo.

No caminho desse objetivo, tive o privilégio de participar, por duas vezes, de um processo seletivo para uma bolsa de estudos nos EUA, com oportunidade de aprendizado do Inglês em um país de língua inglesa nativa, com seus falantes e sua cultura. Depois de muito esforço e estudo, fazer esses intercâmbios oportunizou e fortaleceu minha referência de conhecimento dentro de práticas sociais de



comunicação que me deram impulso e encorajamento para continuar estudando. Além disso, atuar dentro de um espaço de referência para minha profissão poderia expandir meu conhecimento e minhas oportunidades de trabalho e formação continuada.

Durante esse período, pude estudar sobre as narrativas que compõem as formas de expressão e de pensamento humano, refletindo sobre os processos contextuais em que pessoas de culturas e grupos sociais diferentes podem interagir e compartilhar significados e o entendimento dos recursos que facilitam o entendimento das culturas que compõem o indivíduo e daquelas que são compartilhadas por valores universais. Tratava-se então da oportunidade de experimentar o aprendizado de práticas sociais da língua inglesa em sua essência, fortalecendo minha prática profissional e minha vivência pessoal em um outro país.

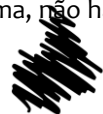
Ao retornar para casa e compartilhar dessa conquista, me senti cada vez mais compelido a acreditar naquilo que sempre foi meu sonho e estar presente nas distintas realidades que compõem os contextos escolares em minha comunidade, no meu estado e no meu país. Com a razão e a emoção em sintonia, articulados com as expectativas das quais são minha referência enquanto profissional da educação, meu objetivo de vida pessoal e profissional continua a ser aquele que garanta “a participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso das linguagens” (SÃO PAULO, 2019).

Últimas reflexões (Ou seriam primeiras?)

Parafraseando uma das autoras referenciadas nesse ensaio, escrever esse capítulo me possibilitou um enfrentamento das minhas próprias crenças e objetivos em uma “necessidade quase palpável de dar sentido àquilo que é sentido, vivido, evidenciado” (RODRIGUES, 2010, p. 184)

Platão dizia que "Todas as grandes coisas se expõem ao perigo". Reitero suas palavras ao afirmar que contar a própria vida representa uma oportunidade (grande) de rever, reorganizar o processo de formação, mas também pode ser o início do ato de interrogar perigosamente os pressupostos que pautaram as escolhas feitas no passado e com isso vislumbrar uma complexa possibilidade de exercício crítico e reflexivo no tempo presente que pressupõe novas possibilidades de futuro.

Fica evidente neste excerto de minha jornada, que os ensinamentos de outrora trazidos pela minha representação materna e pela minha língua materna, se configuraram como o cerne da construção e fortalecimento de minha identidade e autonomia enquanto professor, mas também como um dos requisitos para que minha aprendizagem do inglês e suas manifestações me conduzissem para quem eu sou hoje. Se este sonho vem se tornando realidade, é porque ela, a minha mãe, assim como outros professores em minha vida, acreditaram em mim. Desta forma, não há



limites ou fronteiras que me impeçam de continuar acreditando que a educação pública no Brasil é de qualidade, e se depender de mim, vai continuar transformando outras vidas, despertando outros sonhos em mim e em meus estudantes para a construção de outras tantas narrativas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CUNHA, M. I. Conta-me agora: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista Da Faculdade De Educação*, 23(1-2), 185–195., 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010~>

RODRIGUES, C. F. Narrativas de si: estratégia de formação para (re) pensar a docência articulada ao processo de formação do sujeito. *Revista do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás*, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/12180>.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Currículo Paulista, SEDUC/Undime SP. São Paulo: SEDUC/SP, 2019.



PARA ALÉM DOS MÉTODOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO EDUCACIONAL

Larissa Alves Barros



10.47247/MR/6063.035.2.23



Libertar

Rubem Alves retrata a importância que a ciência dá aos métodos, como parte única e principal de uma construção educacional,

- Pensa-se que produzir conhecimento científico é a mesma coisa que produzir um conhecimento metodologicamente rigoroso, ignorando-se totalmente a significação ou relevância do conhecimento produzido (ALVES R, 2010, p. 92).

Isto significa que os métodos de produção ou de retenção de um conhecimento ultrapassam o valor do conhecimento por si só. Contudo, no processo de construção educacional, há fatores que vão além dos métodos, e são extremamente importantes para o desenvolvimento integral do indivíduo, tais como situações de fome, frio ou calor, doenças, traumas psicológicos, além de fatores sociais e econômicos.

Portanto, o papel do educador não é apenas o de ensinar métodos científicos e de depositar conhecimento, mas sim o papel de abrir caminhos, de permitir construções de pensamentos e de promover experiências.

Não há relevância em ensinar a pensar certo, pois à medida que os indivíduos têm suas próprias experiências, suas realidades se tornam diferentes.

Assim, cada indivíduo possuirá sua curiosidade e seu senso de exploração e poderá direcionar sua atenção a pontos específicos dentro de uma mesma situação, como por exemplo, em uma situação de laboratório um indivíduo poderá se interessar por quem descobriu o microscópio (história), outro poderá se interessar pelo modo como ele foi construído (engenharia), enquanto outros podem se interessar pelo local onde foi descoberto (geografia), pela função de examinar (pesquisador) ou pelo objeto analisado (biologia/biomedicina).

O indivíduo em desenvolvimento possui uma demanda em explorar, conhecer e entender a razão das coisas, logo, o conhecimento pode ser mais bem aplicado onde haja ânsia de saber (MONTESSORI M, 2014, p.37)

- O indivíduo em desenvolvimento possui uma demanda em explorar, conhecer e entender a razão das coisas, logo, o conhecimento pode ser mais bem aplicado onde haja ânsia de saber (MONTESSORI M, 2014, p.37)

Portanto, a condição essencial para a construção educacional é promover acessibilidade para que o educando possa agir em um ambiente preparado e rico em estímulos, onde ele possa ser inteligentemente ativo, livre e criador.

Francis Bacon preconizou que o conhecimento é em si mesmo um poder, portanto ao se disseminar ou produzir conhecimento, se dissemina ou produz, na



verdade, poder. Todavia a primeira tarefa para a construção educacional coerente é ensinar os educandos a ter olhos curiosos e atentos.

Entretanto um dos problemas enfrentados atualmente é que não há investimento dedicado a preparar os educadores, enquanto produtores do saber (ZEICHNER, 1993, p. 27), a atender uma demanda pautada nas necessidades sociais e culturais do educando, como destacado por Jacques Delors (1996) em seu relatório para a UNESCO, ao que afirma que a qualidade da educação depende da formação adequada dos professores e do apoio que recebem durante sua jornada.

Entretanto, geralmente os investimentos são direcionados aos programas oficiais de educação, que oferecem conteúdos engessados e com um objetivo ainda mecanicista, ou seja, que não atende plenamente a realidade dos educandos. Além disso, os programas oficiais exigem que os professores cumpram essa demanda de conteúdos e instituem formas avaliativas tecnicistas aos educandos, portanto,

É um equívoco pensar que com mais verbas a educação ficará melhor, que os alunos aprenderão mais, que os professores ficarão mais felizes. Como é um equívoco pensar que, com panelas novas e caras, o mau cozinheiro fará comida boa. Educação não se faz com dinheiro. Educação se faz com inteligência (ALVES, 2002. p.32)

Os professores, como sendo a voz dos novos dispositivos de escolarização (Antonio Nóvoa) precisam de mais flexibilização com vista a atender plenamente os estudantes com distinções variadas.

Logo, a educação só será eficaz quando as pessoas tiverem a capacidade plena de pensar sobre suas escolhas e ações, pois é ela que abrirá caminhos para melhores condições e novas perspectivas, mas enquanto a educação ainda for concebida como um mero adestramento cognitivo (ALVES, 2020, p.63), a sociedade não será construída por indivíduos participantes e democráticos e os processos de educação e o próprio ambiente educacional se tornarão apenas processos de controle e a educação continuará sendo deficiente.

Referências

ALVES, Rubem. Conversas com quem gostar de ensinar. 12ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2020

ALVES, Rubem. Por uma educação romântica. Campinas, SP: Papirus, 2020

Delors, J. (1996). Learning: The Treasure Within. Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century. UNESCO.

MONTESSORI, Maria. Para educar o potencial humano Campinas, SP: Papirus, (1870-1952), publicação em 2014.

ZEICHNER, Kenneth M. A formação reflexiva de professores: ideias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.



NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33



AS DIFICULDADES E OS APRENDIZADOS DE SER PROFESSOR – MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA

Otávia Patrícia Gomes



10.47247/MR/6063.035.2.24



! Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 2000, p. 13)

Esse trecho do livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire é excelente para dar início a esse texto, pois traduz perfeitamente o ofício de professor não há professor sem aluno e nem aluno sem professor, um depende do outro e nesse processo um ensina aprendendo e o outro aprende ensinando.

Ser professor é uma montanha russa de emoções, às vezes, temos momentos muito felizes, mas, às vezes, partilhamos de momentos não tão alegres.

Lembro-me que quando era criança, em minhas brincadeiras com primos e amigos, sempre tinha um papel de destaque e quase sempre era a organizadora das brincadeiras. Gostava muito de brincar de escolinha, sempre era a professora e quase sempre ensinava Matemática, até parece que estava adivinhando que seria professora e que me formaria em Matemática.

Na escola, me lembro de algumas coisas, mas em destaque, lembro-me muito bem de duas professoras, Eliana da segunda e quarta séries e Rosângela da terceira série do Ensino Fundamental.

Eliana, com seu jeito meigo e carinhoso me cativou bastante e mesmo sem entender muito bem o que era ser professora e todas as atribuições que a profissão exigia, tinha uma admiração imensa por ela e um carinho que sabia que era recíproco. Hoje, tenho contato com ela nas redes sociais e sei que ela está bem, se aposentou recentemente e agora está curtindo seu descanso merecido.

Já a Rosângela, era mais enérgica, mesmo assim, carregava consigo uma disposição para o que fazia que encantava a quem via. Estava sempre pronta a ajudar no que fosse preciso e sempre trazia uma felicidade que cativava quem estivesse ao redor. Infelizmente não tive mais contato com ela depois que saí da escola, mas espero que esteja bem e com saúde que é o mais importante.

Enquanto crescia, sempre ouvia minha mãe dizendo: Vocês precisam estudar, pois é a única coisa que vão levar na vida. E realmente ela estava com a razão, porque hoje sei que sem a educação que meus pais me deram e sem tudo que eu aprendi na escola com meus professores, eu hoje não seria nada.

Um pouco mais velha, tive em casa, um exemplo, que foi imprescindível para me tornar professora. Minha irmã que é mais velha que eu quase 10 anos, tinha se formado em História e começava a lecionar. Lembro que ela vivia correndo de uma escola para a outra, mas, mesmo com toda essa correria, via nos seus olhos um brilho quando falava de seus alunos, quando corrigia as atividades e eu achava um máximo... Ela na mesa da cozinha cheia de livros, trabalhos e mais trabalhos para corrigir e dar devolutiva para os alunos... E quando ela estava preenchendo seus



diários, como eu gostava de vê-la escrevendo e achava tudo maravilhoso, achava que ela deveria ser uma pessoa muito importante.

Continuei estudando e trabalhando, mas sentia que aquilo não era o que eu queria pra minha vida, até que decidi: Vou fazer faculdade! Na época não recebia muito bem, então procurei um curso que pudesse pagar.

Depois de pensar um pouco, prestar vestibular, enfim, ingressei na faculdade de Matemática. No início, cheguei a pensar em desistir... Aquilo não era para mim, muitas contas enormes que me faziam estudar até altas horas... Naquela época, ainda trabalhava no escritório de uma empresa, mas não estava satisfeita com meu trabalho, por conta disso acabei começando a lecionar no segundo ano da faculdade.

Lembro do primeiro dia... Era uma turma de segundo ano do Ensino Médio, do período diurno, eu estava tremendo, morrendo de medo... A diferença de idade não era muita e pensei... Eles não vão me respeitar! Não vou conseguir! Por que eu estava ali? Pensei muito em desistir... Mas, como todo primeiro dia no novo emprego, foi tenso, emocionante e no final do dia, acabou dando tudo certo e comecei a perceber que era aquilo que queria para a minha vida.

Continuei a lecionar como professora substituta durante aquele ano, mas infelizmente o valor que eu recebia não era o suficiente pra pagar a faculdade e nem para sustentar os meus gastos. Lembro que nesta época tinha que optar por ir ou voltar andando num trajeto de quase 40 minutos, pois não tinha dinheiro para pagar as duas conduções. No ano seguinte tive que sair da escola e comecei a trabalhar como estagiária em outro lugar para custear meus gastos.

Me formei no final de 2005 e me lembro muito bem do olhar dos meus pais, era um olhar de dever cumprido. Uma dona de casa praticamente sem estudo, que nem sabia escrever seu nome direito e um mecânico de manutenção que também possuía pouco estudo, quinta série, tinham conseguido formar suas três filhas como professoras. Eu via o orgulho que eles sentiam quando falavam para seus amigos: Minhas filhas são professoras!

Em 2006, já recém formada, retornei em definitivo para a Educação. Passei por várias escolas e tive muitos alunos, sempre com alegrias e desafios.

Trabalhei em duas, três escolas ao mesmo tempo... Manhã, tarde e noite. Me lembro da primeira turma que lecionei como professora regente. O ano era 2007, uma antiga oitava série, aprendi muito com eles, e até hoje tenho saudades daqueles alunos, hoje estão com seus quase 30 anos, tenho contato com alguns, mas a maioria não tive a oportunidade de ver crescer e se desenvolver como pessoas...

Às vezes, fico pensando que a profissão de professor é gratificante, mas ao mesmo tempo, é ingrata, pois fazemos parte da vida de muitas crianças e adolescentes na idade escolar, mas, na maioria das vezes, perdemos o contato e não sabemos o que aconteceu com eles no decorrer da sua caminhada.



Já tive alunos que me encontraram na rua e vieram contar que estão fazendo faculdade, que se casaram, tiveram filhos, enfim que estão caminhando com suas vidas e agradecem o tempo que passamos juntos. Isso é extremamente gratificante saber que fiz parte da vida de alguém e que de alguma forma ajudei essa pessoa a crescer pessoalmente e profissionalmente.

Por outro lado, tive notícia de alunos que não se deram tão bem na vida adulta e isso me entristece bastante, porque penso... Será que eu poderia fazer alguma coisa que modificaria sua trajetória? Não sei responder a essa pergunta, mas sei que fiz o que estava a minha altura.

Segundo Nóvoa, 1992

|| O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor (Nias, 1991). Urge por isso (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida.

Procuo sempre estar estudando e me atualizando, pois sei que como professora não podemos parar no tempo.

Os alunos de hoje não se parecem em nada com os alunos da época que comecei... Eles são mais questionadores, são mais críticos e isso nos impulsiona a sempre querer avançar.

Mas, não foi uma trajetória sempre feliz, tive muitos altos e baixos e muitos momentos que tive dúvidas se realmente queria continuar na profissão.

Pois, muitas vezes, temos que remar contra a corrente, porque infelizmente as escolas públicas, em sua maioria, não tem condições para que possamos atender os alunos da maneira necessária, não possuem recursos para que o aprendizado seja satisfatório.

|| A história social dos docentes é uma arena feita de um conjunto de histórias que se interpenetram: história feita do modo como os professores e as professoras “agem, pensam, sentem, convivem (...) dentro e fora do trabalho, na totalidade dos seus espaços e tempos, de suas relações sociais” (ARROYO, 2000, p.199 apud MADUREIRA, 2010, p.164).

Nesses quase 20 anos na área, posso dizer que vivi momentos muito prazerosos e que me fizeram muito feliz.

Mas, ultimamente a vida do professor não está nada fácil, hoje a carreira do professor está se resumindo a preencher papéis e usar um conteúdo pronto que, na maioria dos casos: não condiz com a realidade do estudante e pior, que trazem conteúdos apresentados de forma errada.



Estão acabando com a autonomia dos professores e fazendo com que a escola se torne um lugar onde os estudantes sejam alienados, pois estão retirando dos professores, fazendo com que a escola se torne um lugar onde os estudantes sejam alienados, pois estão retirando dos alunos e alunas disciplinas que os fazem questionar o mundo em que vivem.

Isso que está acontecendo nas escolas é muito preocupante e faz com que vários professores pensem, muitas vezes, em abandonar a profissão, eu penso muito a respeito disso, mas não me vejo em outro lugar, temos desafios no dia a dia, temos sim e são vários... Estar na sala de aula ainda é o que me faz feliz e por este motivo, gostaria muito de ver a educação como prioridade para nossos políticos, porque só assim teremos melhores condições de trabalho e poderemos ofertar um melhor ensino para nossos jovens.

Referências

FREIRE, Paulo. A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9>. Acesso em: 26. Nov. 2023.

MADUREIRA, Cristiana. O lado oculto da escola: um estudo qualitativo sobre histórias de vida de professoras. Universidade de Vigo, Portugal, V&V Editora, 2023 (no prelo).

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão Docente. 1992. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>. Acesso em: 26. Nov. 2023.



**TRANSFORMANDO VIDAS POR MEIO DA
EDUCAÇÃO EMOCIONAL: A HUMANIZAÇÃO
DA ESCOLA COMO AGENTE
TRANSFORMADOR**

Eubes Alves de Oliveira Santos



10.47247/MR/6063.035.2.25



Ao finalizar meu ensaio para o caderno especial de escredocências 2023 prometo retornar no tema: ser professor dentro da desafiadora, mas principalmente prazerosa prática diuturna de educar, “onde mesmo não tendo direito ao ócio produtivo o professor: cria, realiza e educa o próximo com todo seu potencial criador” (SANTOS, 2023, p. 3).

Irei portando seguir minha linha de raciocínio baseando-me em minha formação como ser humano e como professor para ser um agente transformar em primeiro lugar de mim mesmo e na sequência, transformar o alunado, ou seja, as crianças, por meio das práticas humanizadas e sensíveis, utilizando um olhar atento para com todos e assim possamos ter: uma sociedade cada vez mais, humana e gentil.

Seguimos sempre adiante utilizando-nos uns dos outros para crescermos e nos desenvolvermos em nossa área de atuação e na sociedade como um todo. Sigo, portanto, acreditando totalmente que um olhar gentil, humano e sensível é essencial para o dia a dia na vida e em especial nas salas de aula, onde atuo como professor.

É preciso jamais ficar no automático, uma vez isso acontecendo, não seremos mais capazes de enxergar no próximo suas necessidades de atenção, cuidados e proteção, uma vez que estou tratando aqui da parcela da sociedade, digamos, mais importante para a continuidade de uma nação. Não podemos jamais deixar de lado a questão das crianças, em saber que eles, as crianças, estão em seu direito inalienável a tentativas, erros e acertos, visto que, precisam desse processo para sua evolução plena, até que cheguem a fase adulta, onde tudo precisará de uma certa forma estar sedimentado ou pelo menos deveria estar.

Precisamos compreender que as crianças crescem, que nenhuma de nossas crianças serão: eternos “Peter Pan” na terra do nunca. As crianças crescem e o emocional precisa ser cuidado e desenvolvido desde o nascedouro. É preciso formar as crianças, mas principalmente tratar as questões emocionais para que se sintam plenos e capazes de seguir adiante com mais firmeza e segurança em suas vidas.

Precisamos nesse sentido demonstrar ao alunado por meio de exemplos diários como proceder nas dificuldades da vida, numa troca constante entre professores e alunos.

Conforme Freire (2021, p. 47):

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – de que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica -, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido.

Costumo dizer que as crianças são as flores da escola e assim sendo, precisamos cuidar dessas flores, para que elas, as flores em forma de crianças, se sintam plenas no exercício diário do aprendizado pedagógico, mas também no processo importante do trato emocional, onde tudo ficará facilitado quando o



indivíduo se sente emocionalmente acolhido, protegido e que pertence a um grupo, seja ele: escolar, familiar ou social. O senso de pertencimento é importantíssimo ao ser humano e as flores precisam florir!

Quando tratamos o aluno como um ser pensante, com a devida importância que possui, como alguém importante na vida do professor, pois é assim que vejo meus alunos: cada um é importante. Procuo sempre me aproximar deles para saber sobre suas dificuldades, sobre seus anseios, suas alegrias e tristezas. Indago aos meus alunos, perguntando: Como está esse coraçõzinho hoje? Isso faz com que haja vínculo e troca, conexão e aprendizado. Com uma provocação saudável, sempre humanizada e sensível é possível nos aproximarmos cada vez mais de nossos alunos e então realizar de fato um ensino e aprendizado mais humano, sensível e realizador de sonhos em uma escola cada vez mais humanizada e real.

Acredito totalmente na amorosidade como prática educacional, como uma mola propulsora para todos os demais conteúdos pedagógicos. No exercício da docência, o professor não está desassociado das relações humanas e pode sim utilizar de amorosidade no trato com os alunos. A amorosidade se faz necessária em minha prática educacional, assim como se faz necessário progredir constantemente no entendimento do outro, sejam eles: alunos, professores, gestores escolares, outros profissionais da educação ou os familiares de alunos.

Com a aproximação do alunado, a troca diária, o ensino, se torna algo mais prazeroso e menos árido, auxiliando para que tenhamos na escola ambientes mais leves e assim mais tranquilos para o constante aprendizado. Quando o aluno se identifica com o professor, quando ele, o aluno se sente parte do todo, o pedagógico é facilitado. É preciso encurtar a distância entre a: teoria e a prática. O que estudei na universidade e o que pratico em sala de aula, precisa fazer sentido para todos os envolvidos com a educação. Procuo demonstrar para os alunos que não apenas realizado um discurso sobre a gentileza, sobre atitudes gentis, mas utilizo esses sentimentos na realidade, na escola e na sala de aula.

Certa vez, durante o intervalo na escola, uma aluna de 7 anos me disse: O professor Éubes é o amigo de todos! Isso me encantou profundamente, deixou meu coração cheio de alegria e paz, certeza e felicidade, pois mesmo exercendo a função árdua de professor, posso de fato gerar no alunado pensamentos e sentimentos como esse que foi citado acima por uma aluna em sua mais tenra idade escolar.

Observemos o que nos diz Freire (2021, p. 94):

|| Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deve ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo.



Pauto minha prática pedagógica e emocional por pensamentos e atitudes gentis, uma vez que: “sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo”. (FREIRE, 2021, p. 100). Parafrazeando nosso grande escritor Euclides da Cunha: o professor é acima de tudo um forte e é com essa ideia que acordo todos os dias para levar ao alunado ao qual tenho contato um dia com mais esperança, amor e gentilezas.

“Educar não é modificar a mente dos educandos, mas levá-los a pensar antes de agir.” (CURY, 2019, p. 6). Nessa questão do emocional isso é de fundamental importância, visto que, com o pensar antes da ação, levamos nosso comportamento diário a acertos que antes de uma prática na gentileza, no pensar antes de agir era praticamente impossível; principalmente para os indivíduos que agiam sem pensar, era quase impossível provocar no outro: harmonia e paz. O agir por impulso torna os indivíduos máquinas e pouco humanos. Observo que essa prática do pensar antes da ação é possível ser desenvolvida desde a mais tenra idade, e precisa estar presente em sala de aula. Tenho como exemplo: o contato com um aluno que ao gerar algo de sofrimento em algum colega de sala, sempre dizia: foi sem querer! Então, passei a dizer para esse aluno: que sem querer também machuca! Então, foi possível observar no decorrer do ano letivo que esse aluno ouvirá o que eu disse, e muitas vezes ao nos encontrarmos na escola ele já dizia: sem querer também machuca! A partir de então, começou a pensar mais antes de suas ações.

É preciso cada vez mais haver a participação de todos da educação na prática constante da gentileza, da delicadeza; assim alcançaremos cada vez mais uma educação ideal, que a meu ver sempre será aquela pautada pelo saber, pela troca, mas também pela sensibilidade, pela amorosidade, gentileza e delicadeza e pela formação constante de todos os profissionais da educação.

Vejamos o que nos diz António Nóvoa (1992, p. 14):

■ Não se trata de mobilizar a experiência apenas numa dimensão pedagógica, mas também num quadro conceptual de produção de saberes. Por isso, é importante a criação de rede de (auto)formação participada, que permitam compreender a globalidade do sujeito, assumindo a formação como um processo interactivo e dinâmico. A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.

Observamos nesse capítulo que é possível transformar o outro, a educação e a sociedade por meio de uma cultura de paz, de humanização e gentileza, utilizando as técnicas estudadas e sentidas de: CNV (Comunicação não Violenta). Todos unidos em prol de uma educação igualitária, onde a equidade e o olhar profundo para com os alunos pode e será sempre um agente modificador de vidas. A formação das pessoas, sejam elas, crianças, adolescentes, jovens, adultos, professores ou não, passa pela sensibilidade em agir na gentileza, na amorosidade e na troca constante com o outro, em sentir o outro como um igual, onde as dificuldades e problemáticas são reais.



Existem neles, existem em mim, existe em todos, mas que nos apoiando mutuamente, poderemos construir uma sociedade onde reine cada vez mais: a paz, a gentileza, a sensibilidade e a delicadeza como práticas diárias para nossa evolução como indivíduos pensantes e atuantes que somos.

O tema abordado nesse capítulo está longe de ser conclusivo, mas sempre servirá de parâmetro para novas análises de nossa ação amorosa, gentil, delicada e sensível em prol do outro e de nós mesmos. Ao tocar o coração de alguém com a gentileza, somos automaticamente tocados pelo amor gerado nessa ação; assim finalizo esse capítulo, esperançoso e esperando tocar principalmente o seu coração que realizou a leitura desse capítulo.

Como nos ensinou nosso grande mestre Paulo Freire: vamos esperar e como nos diz também nosso outro grande professor Rubem Alves: Nós não vemos o que vemos, nós vemos o que somos. Só veem as belezas do mundo, aqueles que têm belezas dentro de si, portanto vamos gerar a “belezas” dentro de nós para encantar assim: o mundo todo.

Referências

CURY, Augusto. 20 regras de ouro para educar filhos e alunos – Como formar mentes brilhantes na era da ansiedade. São Paulo: Planeta, 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

MOTA, Flávia Miller Naethe. De crianças a alunos – A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2013.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. 1992. Ano de apresentação. 13 folhas – Texto publicado em NÓVOA, António, coord. - "Os professores e a sua formação". Lisboa: Dom Quixote.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita - A alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, Eubes Alves de Oliveira. António. Ensaio inspirador: Eu na prática pedagógica e a vida como professor. Escredocências – Caderno Especial do Congresso Internacional Movimentos Docentes. 2023. Páginas: 26-27-28-29.

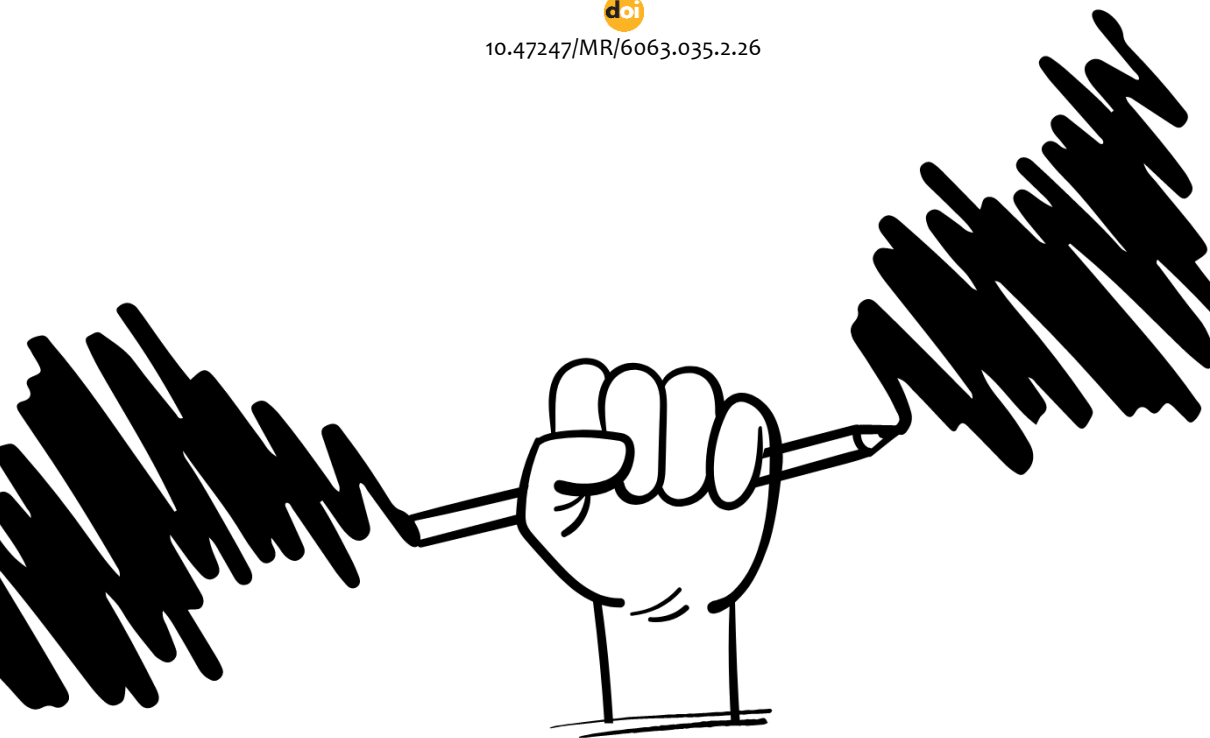


O QUE É SER PROFESSOR? A PEDAGOGIA DO COMPRIMIDO

Joselia Maria da Silva



10.47247/MR/6063.035.2.26



O presente trabalho é baseado no relato de experiências e vivências dos professores do curso PECMA (Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática) da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) – Campus Diadema, colegas de profissão, alunos e bibliografia do curso da disciplina “Perspectivas e Reflexões Contemporâneas da Docência”, e o tema desse trabalho é “O que é ser professor?”, não focarei apenas na questão filosófica da coisa, mas também será problematizada a questão.

Ser professor é algo que transcende os muros da escola, o professor se faz Educador em toda sua conduta, visando ser sempre uma pessoa exemplar para todos que cruzam o seu caminho.

É trabalhar no mínimo em duas escolas para conseguir sobreviver junto a suas famílias, no estado de São Paulo muitos educadores acumulam cargo. O cargo estadual tem salário baixíssimo, porém o convenio médico é muito bom e pode-se adicionar os pais do servidor como agregados, benefício que faz com que professores não larguem o cargo. O cargo de professor municipal oferece bom salário, porém o convenio médico não aceita que os servidores incluam seus pais. Em muitos casos professores acumulam cargo para manter o convenio médico para seus pais, e conseguirem pagar seus aluguéis em lugar melhor, essas duas coisas somente são possíveis mantendo os dois cargos (estadual e municipal).

Ser professor que acumula cargos estadual e municipal, é destinar, todos os anos, dois meses de salário (estadual e municipal) para pagar o imposto de renda, e mesmo assim ainda participar das vaquinhas, para suas confraternizações de final de ano, onde até contribuem com valor a mais, para que as funcionárias da limpeza, inspetores e cozinheiras possam participar gratuitamente.

Ser professor é ser paciente, os alunos nos testam, ossos do ofício, mas ser professor é também ser paciente da ala de psiquiatria ao menos uma vez na vida, por enfrentar problemas com alunos ou com colegas de trabalho.

O professor no Brasil é um guerreiro, luta todos os anos contra perca de direitos, ocasionada em maioria das vezes por governos de direita, ou extrema direita, que acham que a educação tem de gerar lucros, mas educação é lidar com vidas e lidar com vidas não é questão de lucro e sim questão de humanidade.

Muitas vezes ser professor é desanimador, mas o sorriso de um aluno ao alcançar suas conquistas faz o professor saber que o esforço vale a pena, pois ser professor é plantar sementinhas que no futuro darão bons frutos, se tudo der certo.

Ser professor no Brasil é contribuir com no mínimo dois sindicatos e orar para não precisar de nenhum. É ser um reprodutor do status-quo contra sua própria vontade, recebendo os conteúdos que deve passar em slides, como se de nada valesse seu diploma (escolas estaduais).

O professor disputa a atenção com celulares com acesso à internet, liberados a crianças menores de idade e que ainda não sabem discernir o que é certo



e o que é errado. O professor é um lutador, guerreiro das influências positivas, que enquanto diz ao aluno que violência é errado o mesmo ganha mais pontos no joguinho por matar mais.

Ser professor não é ser um transmissor de conhecimentos, é ensinar o aluno a aprender, e ver frustrado que muitas vezes seu aluno aprende errado, por uma série de fatos que não estão na sua governabilidade, mas que o governo sempre dirá que a culpa do fracasso escolar é dele.

Passam normalmente de 4 a 5 anos numa faculdade, depois fazem especialização, mestrado e doutorado, mas são sempre considerados sem formação, e passam todas as suas horas de formações da escola assistindo a vídeos de pessoas que não possuem 1/3 de sua formação, e que nunca pisaram numa sala de ensino público, com 40 alunos ou mais.

Todos querem dar formação ao professor, todos querem examinar a conduta do professor, poucos querem ser professor...

Ser Mestre é ter empatia, é lidar com os diferentes, com os especiais, com os que precisam de cuidado, é ser mãe e pai de muitos, é ajudar os alunos a sonharem e buscarem seus sonhos. É, por diversas vezes, vender sua força de trabalho às instituições que valorizam a competição, enquanto ser professor implica em valorizar a coletividade.

É necessário que a Educação seja valorizada por todos os cidadãos, e consequentemente também o professor. Só assim mudaremos os rumos catastróficos da humanidade, o colapso do clima mundial, os altos índices de violência no planeta, guerras etc.

Todo bom professor é espírito pacífico e visa uma Educação para a paz, é o que o planeta necessita. Todo bom professor valoriza a natureza e a sua conservação, bem como dos povos originários.

Todo bom professor defende um mundo antirracista e mais humano.

Por esses e tantos outros motivos, precisamos valorizar a educação, precisamos valorizar o professor.

Referências

VIESBA, E.; ROSALEN, M. (Orgs). O que é ser professor/a? Reflexões e Perspectivas da docência. Diadema: V&V Editora, 2022.

MADUREIRA, C.P. O lado oculto da escola: Um estudo qualitativo sobre histórias de vida de professoras. Santo André: V&V Editora, 2023.

VIESBA, E.; ROSALEN, M. (Orgs). Histórias de quem faz educação: da Universidade ao chão da escola. Diadema: V&V Editora, 2022.



FREIRE, Paulo. A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000.

ZEICHNER, Kenneth M. Formação reflexiva de professores: ideias e práticas. Lisboa: Educa, 1993 (leitura do capítulo: Formar os futuros professores para a diversidade cultural).

CAMPOS, Silmara e PESSOA, Valda I. F. Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Schön. In: GERALDI, Corinta M. G.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete M. A. (Orgs). **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas, SP: Mercado de Letras e Associação de Leitura do Brasil (ALB), 1998, p. 183-206.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão Docente. 1992.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. In: Ver. Fac. Educ., v. 23, n. 1-2, SP, 1997.

COSME, A. A atividade docente como uma atividade profissionalmente significativa: contributo para uma reflexão. In: AMÉLIA LOPES, F. P., Marinaide Freitas, António de Freitas (Ed.). Trabalho Docente, Subjetividade e Formação. Porto: Mais Leituras Educação, 2015, p. 83-90.

MADUREIRA, Cristiana. O lado oculto da escola: um estudo qualitativo sobre histórias de vida de professoras. Universidade de Vigo, Portugal, V&V Editora, 2023 (no prelo).

Leitura de: RODRIGUES, Claudia F. Narrativas de si: estratégia para (re)pensar à docência articulada ao processo de formação do sujeito. In: Poíesis Pedagógica - V.8, N.1 jan./jun. 2010; pp.172-186.

BRAGANÇA, Inês F. De S. Histórias de vida e formação: diálogos entre Brasil e Portugal. RJ: EDUERJ, 2012 (leitura do capítulo Reflexões (in)conclusivas: a formação como tessitura de intrigas).



PERSPECTIVAS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL

Bianca Santantonio Silles



10.47247/MR/6063.035.2.27



Há um senso comum que defende que a profissão docente é extremamente importante pelo fato de que todos os demais profissionais tiveram, em algum momento da vida, professores e, por isso, esses deveriam ser mais valorizados e mais bem remunerados.

A questão da remuneração, no entanto, é antiga. Em Portugal, por exemplo, a profissão era exercida por pessoas das classes sociais mais baixas, dentre as quais aquelas que necessitavam complementar a renda ou outras que estavam impossibilitadas de exercer demais profissões (Rabelo, 2010). A autora destaca que melhorias no que tange à remuneração docente em Portugal se deram após o período da ditadura, mas, ainda assim, o salário dos professores em início de carreira no país constitui um dos menores salários dentre os países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Considerando que a remuneração dos profissionais aumenta no decorrer de sua carreira, é aterrador que o salário de um professor brasileiro em final de carreira equivale à metade do salário de um professor português em início de carreira quando comparado o poder de compra (Rabelo, 2010). Embora a valorização da profissão não possa ser medida unicamente por sua remuneração, este fator constitui um importante medidor. Assim, fica explícita a desvalorização existente no Brasil quando falamos da carreira docente.

Além da pequena valorização e da baixa remuneração dos docentes no país, há a falta investimento na formação de professores. No Brasil, a formação inicial de professores acaba por ser refém de questões políticas e as universidades brasileiras são obrigadas a moldar seus projetos de formação a partir de diretrizes externas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, impactou a proposta pedagógica da universidade para a formação de professores (Giaretta *et al.*, 2022). Em 2019, a BNCC foi instituída como documento oficial para formação inicial dos professores de educação básica (BRASIL, 2019). Essa unificação visa ao alinhamento da formação desses profissionais a um projeto político-pedagógico fundamentado nos valores do documento, gerando, portanto, uma reforma educacional baseada em uma adestração do corpo docente pela agenda empresarial pela educação (Giaretta *et al.*, 2022).

Outro fator a ser analisado é que atualmente, no Brasil, há pessoas exercendo a profissão sem possuir formação específica. O item IV do artigo 61 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) afirma que “profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica [...]” são considerados profissionais da educação escolar básica. Ou seja, a necessidade da graduação em pedagogia ou outra licenciatura é dispensada. Tal fato é uma desvalorização da carreira pelo próprio Estado e nos leva de volta ao início do século XX, quando as aulas do que hoje seriam os anos finais do ensino fundamental II e ensino médio eram ministradas por profissionais liberais ou autodidatas (Gatti, 2010). A contratação de profissionais sem, necessariamente, a formação adequada também



se deu com a expansão do sistema escolar público durante o período da ditadura militar no Brasil, que possuía o objetivo de universalizar o acesso ao chamado, então, primeiro grau. A fim de garantir escola para todos, foi preciso aumentar o número de vagas, de prédios escolares e, conseqüentemente, de professores — estes, muitas vezes, sem a formação adequada (Ferreira e Bittar, 2006).

Nóvoa (1992) afirma que a formação do professor se dá por meio de processos de reflexão crítica sobre a práxis e, conseqüentemente, de uma reformulação de suas visões e interpretações sociais, não por acúmulo de saberes e cursos. É isso o que a formação tecnicista, balizada por parâmetros que visam alcançar objetivos de uma agenda empresarial promove? Será que a formação baseada em Diretrizes criadas para garantir os objetivos de reformas, como a que criou o Novo Ensino Médio, não promove uma educação bancária?

A educação deve caminhar na direção contrária, deve instigar a reflexão, a experimentação, o diálogo, a investigação e fugir de mecanizações. Nóvoa (1992, P.89) sintetiza essas ideias a seguir:

É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, directamente articulados com as práticas educativas.

Segundo Nóvoa (1992), "estar em formação implica um investimento pessoal" e não há sentido uma pessoa investir em sua formação, seja ela inicial ou continuada, se, ao tornar-se um professor, a sua remuneração chega a ser menor do que as profissões para as quais não são necessários diploma de ensino superior (Gatti, 2010).

Para além desse aspecto, a formação de professores nas licenciaturas tem um foco muito maior na área disciplinar específica daqueles professores (Física, Geografia, Matemática) do que nas abordagens pedagógicas. Isso acontece até hoje, mesmo após a publicação da LDB (Gatti, 2010), que indica uma atuação interdisciplinar e transversal. Isto é, as reflexões sobre a educação e o processo de ensino-aprendizagem são, muitas vezes, desconsideradas ou esquecidas. Sendo assim, é preciso exigir adequações aos Projetos Pedagógicos dos cursos de licenciaturas das universidades brasileiras.

Todo esse contexto de desvalorização social e financeira leva o professor a realizar cada vez menos, apenas cumprindo o mínimo necessário, deixando de buscar uma educação transformadora para seus educandos (Nóvoa, 1992). Ao final, esse ciclo leva à educação bancária criticada por Paulo Freire (1996), uma vez que o professor apenas discutirá conteúdos e conceitos, reproduzindo muitas vezes o que encontra no livro didático e em outros materiais de apoio.



Assim, defendo aqui que é preciso valorizar a função docente, inclusive e principalmente nas questões salariais, pois os professores são agentes de transformação social, e é deles e de sua formação profissional que depende a mudança na educação (Nóvoa, 1992).

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [1996].

FERREIRA JR., A.; BITTAR, M. A ditadura militar e a proletarização dos professores. *Educação & Sociedade*, v. 27, n. 97, p. 1159-1179, set. 2006.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25 Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação & Sociedade*, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out. 2010. em 02 dez. 2023.

GIARETA, P. F. .; ZILIANI, A. C. M.; SILVA, L. A. da. A BNC-formação e a formação docente em cursos de licenciatura na Universidade Brasileira: a formação do professor intelectual em disputa. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023031, 2022. DOI: 10.20396/riesup.v9i00.8670364.

NÓVOA, Antonio. *Formação de professores e profissão Docente*. 1992. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>>. Acesso em 01 dez. 2023.

RABELO, Amanda O. A remuneração do professor é baixa ou alta? uma contraposição de diferentes referenciais. *Educ. Rev.*, Belo Horizonte , v. 26, n. 01, p. 57-87, abr. 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 dez. 2023.



O QUE É SER PROFESSOR: UM ENSAIO SOBRE A VIDA

Lucas Zenni Salomão



10.47247/MR/6063.035.2.28



Na trajetória de qualquer profissional que dedique sua vida à docência existe o questionamento de se a direção está correta. Todo esse esforço para diariamente ensinar está sendo adequado? Há efetividade nas minhas atitudes? Na realidade essa dúvida está (ou deveria estar) presente em todas as profissões. Cada professor tem uma didática diferente. O processo de promover reuniões, discussões com outros pares ou colaboradores tem justamente o objetivo de causar uma reflexão sobre o que estamos construindo. Todos os grandes educadores em algum momento da vida se depararam com essas questões.

A ciência busca encontrar modos positivos de tornar o ensino agradável, menos complexo e mais eficaz. Estar em contato constante com o ambiente acadêmico, seja por especialização, cursos ou educação continuada é uma das grandes possibilidades de testar o sucesso das nossas atitudes em sala de aula. Os recursos atualmente são inúmeros e estão disponíveis a todos. A globalização por si só facilita esse processo através dos meios digitais. Não obstante todas essas ferramentas, as atitudes aliado à criatividade são o que realmente importam no desempenho final.

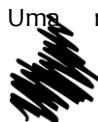
O sábio educador e psicanalista mineiro Rubem Alves (2000) compreendeu que a motivação é pilar fundamental na arte equilibrada do professor contemporâneo. Em seus 14 capítulos de *A alegria de ensinar*, o autor discorre de modo filosófico sobre o processo de ensino e aprendizagem. O ensino é um exercício constante de imortalidade, pois perpetua a felicidade e mantém vivo os sonhos daqueles que aprendem a aprender. O professor precisa aprender a melhor forma de mostrar ao aluno como ele pode decolar e ser livre.

O reconhecido patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1996), afirma que a docência exige luta, sabedoria, tolerância, respeito e muita reflexão crítica acerca do mundo. Não se trata de enxergar o professor como mero transferidor de conhecimento, mas sim um criador de novas grandes oportunidades. Assim o educador se eterniza em cada indivíduo que o cerca, desse modo um professor exemplar liberta esse aluno, liberta, portanto, uma sociedade.

O processo educacional é construtivo e depende de muitas variáveis. Não é matematicamente exato, mas demanda raciocínio lógico para a formação de um pensamento coerente. Na linha de ensino de qualquer nível educacional há de se estabelecer uma ordem, uma prioridade.

O que claramente não é visto hoje no nosso país. Como uma nação deseja um crescimento e desenvolvimento sem investimento maciço na educação básica? Como se tornar uma nação próspera economicamente sem educação financeira nas escolas? Como mudar uma cultura educacional se não há priorização no estímulo das habilidades específicas e individuais dos alunos? Estamos a uma galáxia de distância do sucesso na educação.

Uma nova forma de pensar a educação é sem dúvidas um nobre começo. Uma reformulação das antiquadas estruturas curriculares, discussões



fundamentadas em ciência robusta e muita ação proativa pode trazer grandes resultados. (Oliveira, 2002).

Um filho segue os exemplos do pai, o atleta confia em seu treinador e o aluno admira e busca ser similar ao seu educador. Portanto, ser professor é, acima de tudo, fazer bem-feito seu trabalho, com zelo, paciência e prazer. Não é necessário um sorriso diário ou falsa animação. Entretanto, o grande professor deve ter coragem.

Segundo Nóvoa (1991), para que haja viabilidade no processo educacional, é fundamental uma contínua crítica e reflexão pelos professores. O desenvolvimento desta habilidade torna o docente muito mais preparado para enfrentar os desafios diários e as mudanças do processo pedagógico. Há de se ter uma originalidade no ato de ensinar, mas com constante percepção de se aquele projeto está fluindo de modo adequado com os alunos.

Para concluir, enfatizo essa postura carregada de dualidade no que é ser professor: sendo paciente, porém dinâmico, sendo conciso, mas reflexivo, sendo firme, mas não autoritário. Longe de romantizar essa árdua tarefa de ensinar, essa profissão exige muito mais do que o amor.

Talvez seja muito mais sobre a esperança, sobre compreender a importância de formar uma nação mais consciente, menos corrupta, mais tolerante e fervorosa por sua cultura. A arte de ser professor é isso, uma experiência infinita em busca de novas vidas, um verdadeiro ensaio sobre a vida.

Referências

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. Ars Poética, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OLIVEIRA; Adrião (Org.). Organização do ensino no Brasil: Níveis e modalidades na Constituição Federal e na LBD – São Paulo: Xamã, 2002.

NÓVOA, Antônio. Concepções e práticas da formação contínua de professores: In: Nóvoa A. (org.). Formação contínua de professores: realidade e perspectivas. Portugal: Universidade de Aveiro, 1991.

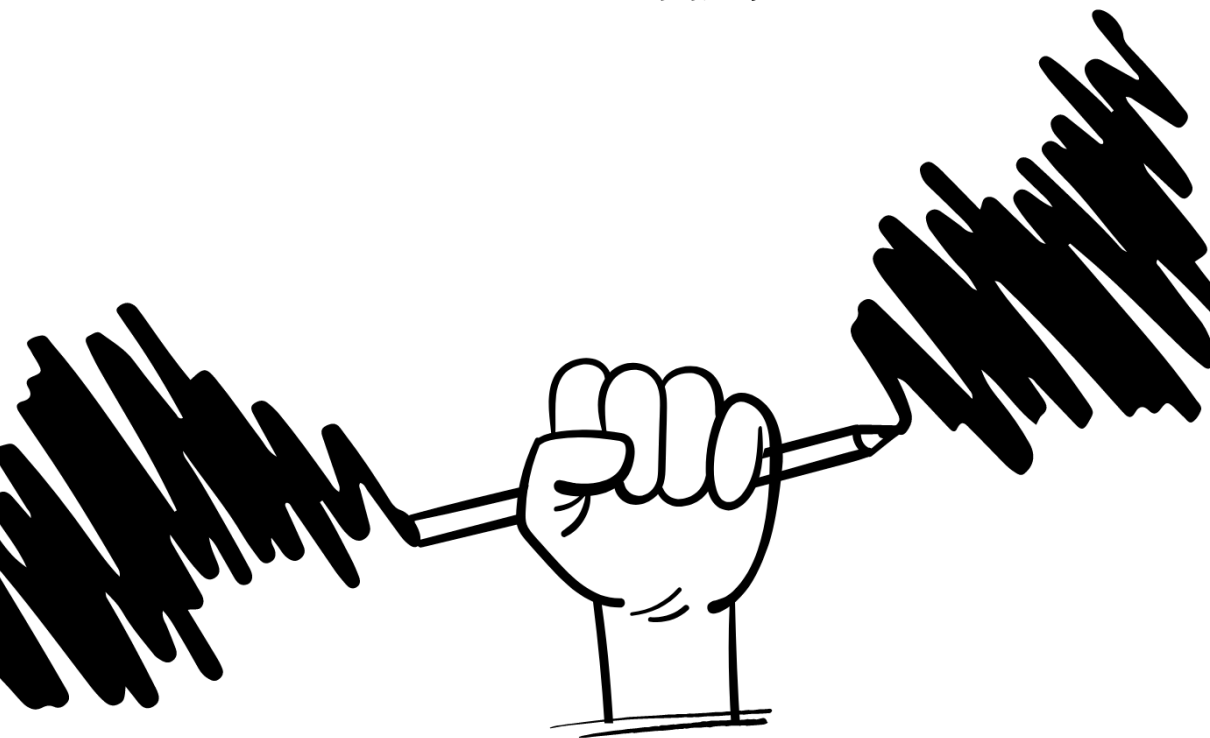


POR QUE ME TORNEI PROFESSORA?

Mariana de Almeida Medawar Tavares



10.47247/MR/6063.035.2.29



Essa história começou quando me formei médica aos 24 anos no ano de 2005. Nesta época, a princípio, eu achava que isso era tudo o que eu sonhava para a minha vida profissional.

Ainda estava indecisa sobre a especialização que eu ia fazer, mas não vislumbrava nenhum caminho diferente da assistência médica.

Durante a faculdade eu tive algumas experiências com seminários e apresentações de casos, e as pessoas comentavam que eu tinha “jeito para dar aula”, mas naquele tempo isso não me afetava. Queria fazer a minha especialização, casar e ter filhos.

Mas a vida de tão maravilhosa que é sempre dá um jeito de nos redirecionar o caminho, mesmo não estando dentro do que havíamos planejado.

Fiquei um ano estudando para prestar prova de residência médica para Dermatologia, pois meus pais atuam nessa especialidade e eu gostava bastante da matéria. Mas, como a prova era muito concorrida, resolvi tentar também uma outra área, talvez Clínica Médica ou Pediatria.

Enquanto eu estudava, trabalhava também num ambulatório de Clínica Médica e isso foi fundamental para eu entender que eu queria conhecer uma visão diferenciada da minha profissão, pois já naquela época tinha dúvidas sobre a efetividade de se atender uma agenda com vinte pessoas por período com uma visão bem superficial sobre a sua saúde.

Meu ex-marido na época trabalhava na Estratégia de Saúde da Família e duas grandes amigas minhas estavam fazendo residência médica em Medicina de Família e Comunidade.

Eles me explicaram um pouco sobre a área, o que me interessou bastante e acabei passando na prova. Achei que eu podia encontrar as respostas que tanto procurava sobre a qualidade do atendimento médico.

Fiz a especialização e me apaixonei. Me encontrei. Não me imaginava fazendo outra coisa. É uma especialidade que vê o ser humano como um todo, o que chamamos de integralidade, e atendemos as famílias ao longo da vida, o que chamamos de longitudinalidade. Mas o que mais me impressionou na verdade foi a forma diferenciada de se ver a saúde, o que chamamos de Clínica Ampliada.

Nos primeiros dois anos depois da pós graduação trabalhei apenas na assistência e gostava muito. Com bastante dedicação eu me sentia realizada.

Adorava ir a congressos pois encontrava outros profissionais da mesma área e isso me fazia renovar as energias. Éramos poucos no Brasil, mas muito unidos e ávidos por agregar mais gente para a mesma área.

Comecei a ter contato com estudantes da Liga de Medicina de Família e Comunidade da faculdade em que me formei e fui convidada para dar algumas aulas.



Aceitei e parecia que eu já tinha feito isso por muito tempo, pois eu não ficava ansiosa e adorava estar ali naquele momento, explicando para alunos sobre a minha especialidade.

Como, pelas novas diretrizes curriculares da graduação do curso de medicina, a introdução de estágios de Atenção Primária à Saúde ao longo dos seis anos de faculdade passou a ser obrigatória, cresceu muito a procura por Médicos de Família e Comunidade para serem preceptores de alunos na prática.

Foi aí que me vi pela primeira vez em contato com a docência, quando comecei a receber alunos na Unidade de Saúde da Família onde eu trabalhava na época, em 2010, no município de Praia Grande/SP.

Dois anos após fui convidada para dar aula no ambulatório da faculdade, onde sempre me estimularam a fazer o mestrado, mas passei muitos anos pensando que esse não era o meu objetivo central e deixava para depois.

Em 2017 fui convidada para fazer parte da coordenação pedagógica do programa de residência médica em Medicina de Família e Comunidade e depois de alguns anos trabalhando junto com a secretaria de saúde do município entrei em Burnout.

A minha mente não estava conseguindo mais aceitar algumas coisas.

O sistema de saúde não dá conta da complexidade do adoecimento das pessoas. Os profissionais de saúde, inclusive os residentes que eu ajudava a coordenar, eram cada vez mais cobrados para conseguirem tratar uma população doente, com necessidades cada vez maiores de medicação psiquiátrica e sofrendo consequências a longo prazo da péssima qualidade de vida que escolhemos ter, juntando a isso o adoecimento que os problemas sociais desencadeiam.

Basicamente passamos anos comendo mal, sem fazer atividades físicas, nos escondendo em vícios, com a qualidade do sono ruim, trabalhando muitas horas e sem conseguir lidar com as angústias do sofrimento mental e social. Então, a partir de uma certa idade começamos a colher os frutos disso, com uma porcentagem enorme de doenças crônicas inflamatórias, enxaqueca, fibromialgia, diabetes mellitus, infarto, acidente vascular cerebral, neoplasias, doenças psiquiátricas e muito mais.

Depois disso, os médicos e médicas da Atenção Primária à Saúde precisam lidar com toda essa integralidade em consultas de 15 a 20 minutos.

Foi assim que um dia, quando estava atendendo uma agenda lotada de pacientes adoecidos numa Unidade de Saúde da Família da Praia Grande em 2021 quando recebi uma ligação de um antigo professor fazendo-me um convite para dar aula também na faculdade em que ele está como diretor. Nessa época eu já dava aulas como preceptora de prática em outras duas faculdades.



E sem pensar por nenhum minuto, aceitei, fui até a secretaria de saúde e pedi exoneração de um concurso de 12 anos.

Resolvi virar professora para fazer parte do grupo de profissionais de saúde que está tentando modificar a formação médica e consequentemente a visão em saúde.

Prestei a prova do mestrado e comecei a estudar profundamente sobre a mudança do paradigma da saúde e sobre as novas diretrizes do ensino médico.

O paradigma cartesiano, que estava em voga desde o século XVIII, encara a medicina de uma forma objetiva, relacionando o corpo físico, as células, os tecidos, os órgãos, os sistemas, estritamente com o funcionamento fisiológico ou patológico. Resumidamente, ou a máquina do corpo humano está em bom funcionamento ou não está. E a evolução científica e tecnológica criou equipamentos avançados e medicamentos modernos para lidar com todos os problemas deste conjunto de células e dividiu a medicina em subespecialidades, com profissionais especializados em cada parte do corpo.

Mas, felizmente, desde a reforma sanitária nos anos de 1970, o conceito de saúde passou a ser modificado mundialmente.

O paradigma sistêmico enxerga o ser humano como o resultado de interações internas e externas, sendo que a mente influencia o corpo, este influencia a saúde mental e ambos são influenciados pelo meio.

O que comemos, como nos movimentamos, a qualidade do nosso sono, a harmonia da nossa casa, o local onde trabalhamos, as condições do bairro em que moramos, os acontecimentos na sociedade em que vivemos, a maneira como lidamos com os nossos problemas... tudo isso influencia a nossa saúde.

Em 2010 foi criado o conceito de Clínica Ampliada, que tenta juntar a assistência médica com a visão ampliada do que significa ter saúde.

Nisso, a Atenção Primária à Saúde e a Medicina de Família e Comunidade são os cenários perfeitos para se iniciar essa mudança de visão do que é o cuidado médico.

Mas se não for introduzida essa nova visão dentro das faculdades de medicina, não conseguiremos ver a tão sonhada mudança de qualidade na assistência.

E foi aí que visualizei o meu projeto de mestrado.

Estudar profundamente a inserção dos estágios de Saúde da Família e Comunidade na graduação de medicina.

Durante as disciplinas obrigatórias do meu programa de pós graduação na UNIFESP aprendi bastante sobre a docência e me sinto cada vez mais segura para atuar com meus alunos.



E então me senti presenteada quando escolhi fazer essa disciplina eletiva de “Perspectivas e reflexões contemporâneas da docência”.

No início me senti um pouco perdida por estar rodeada de pessoas de outras áreas e com tanta experiência na docência, mas depois entendi a oportunidade incrível de aprender com profissionais que tiveram a formação de base na pedagogia.

E ao refletir sobre Paulo Freire já me vejo totalmente contemplada com seu pensamento pois é uma visão totalmente diferente do que vivenciei na escola e na faculdade, mas que faz todo o sentido na maneira como eu lido com os estudantes que me acompanharam durante esse caminho já percorrido.

O ensino como uma troca, um compartilhamento, respeitando o conhecimento prévio trazido pelos alunos, visando a transformação de ambos os lados.

O ensino como uma visão crítica do que está sendo vivenciado na prática.

O ensino que questiona a medicalização dos problemas sociais e que entende a influência dos determinantes sociais em saúde.

O ensino visto como ideologia e que estimula não se acomodar com o que não nos faz bem.

E por fim, o ensino como o único caminho para a transformação e liberdade.

Ao longo das semanas fui aprendendo também com a professora, com os textos e com os colegas que a educação de qualidade passa em primeiro lugar pela reflexão de como está sendo a formação de novos professores e como o ambiente de trabalho influencia na garantia do trabalho de qualidade.

A carga horária excessiva dos profissionais, sem tempo livre para planejar e criar, as regras vindas das instituições do que se pode ou não fazer em sala de aula me pareceram também prejudiciais à atuação dos professores.

Gostei muito da reflexão do texto de António Nóvoa, que fala sobre a perspectiva crítico-reflexiva, que valoriza o saber da experiência e a crítica sobre a vida real. E relaciona à docência como um investimento pessoal, com a criação de projetos próprios de ação para assim construir uma identidade profissional.

Vimos também sobre o quanto a compreensão de si próprio e da relação com os outros na nossa história de vida e memória pedagógica ampliam a nossa consciência sobre quem somos como professores.

E que todo o significado que procuramos proporcionar para o estudante também deve nos tocar e atribui sentido a nossa docência.

E assim relaciono todos os textos trabalhados à minha história de vida.



Eu, que nunca tinha sonhado em ser professora, vi minha história sendo transformada justamente por causa daquilo que me faz sentido, que atribui significado à minha profissão.

Escolhi o caminho mais difícil e trabalhoso, pois eu poderia ter feito uma especialidade médica que tem melhor remuneração e estar no meu consultório atendendo já com 18 anos de experiência, mas a vida me mostrou por diversos ângulos que a docência me completa e me faz acreditar num futuro diferente com uma medicina mais sensível à complexidade do sofrimento humano.

Referências

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. 1992.

FREIRE, Paulo . Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.



**“PRÔ, VOCÊ É MENINO OU MENINA?”
VIVÊNCIAS DE UMA AUXILIAR DE
INCLUSÃO TRANSGÊNERO EM SALA DE
AULA**

Jordana de Sena Campos



10.47247/MR/6063.035.2.30



Introdução

Trabalhar com a educação significa imergir em um ambiente múltiplo e diverso, onde as diferenças convivem entre si, mas é possível observar quais delas são mais aceitas e quais não são tão “bem-vindas” em um espaço escolar. É possível observar uma variedade de penteados, casacos, acessórios de cabelo, materiais escolares e brinquedos entre as crianças do Ensino Fundamental I. Cada um conforme suas expressões de gênero fielmente adequadas aos estereótipos da binaridade padrão da sociedade. Isso também se observa entre professores, auxiliares, técnicos, gestores e demais servidores. Porém, quando alguém quebra essa barreira, há um estranhamento seguido de uma série de questionamentos a respeito do porquê disso. Ainda mais quando se trata de uma funcionária da educação inclusiva que, ainda na segunda metade do seu primeiro ano de contrato de trabalho, deu início à sua transição de gênero.

Vivências trans em sala de aula

Quando eu troquei as calças de moletom cinza e os casacos neutros e discretos por saias longas, botas, pantalonas, camisetas estampadas com flores e corações e jaquetas acinturadas, o olhar das crianças veio sobre mim com a maior naturalidade. Não houve qualquer cena de susto, espanto, desentendimento ou confusão em qualquer horário do meu expediente de trabalho com elas. Muito pelo contrário, passei a receber elogios pelas minhas cores e pela minha criatividade, além de falarem:

— Prô, você está tão linda!

São momentos que me fizeram refletir sobre como a aceitação, o respeito e a convivência com as diferenças parecem um paradoxo quando comparamos as regras sociais dos adultos com o mundo dominado pelas crianças. Por parte delas, eu era a mesma pessoa, apenas com uma aparência diferente e um novo nome que, aos poucos (e com muita facilidade) foi introduzido nas salas de aula e nos corredores da escola. Inclusive, houve um diálogo curto que me marcou muito:

— Prô, você é menino ou menina? — Uma criança me perguntou.

— Eu sou uma menina. — Respondi

— E qual é o seu nome?

— Meu nome é Jordana.

— Tá bom, Prô Jordana! — Ela me abraçou e voltou para o cantinho da leitura.



Poucas palavras, muito entendimento. Não houve mais do que uma ou duas perguntas e eu já estava incluída no mundo deles. Os gorros na altura da sobancelha foram trocados por tiaras e presilhas de borboletas cor-de-rosa, meus cabelos foram crescendo e eu parei de usar barba. Segundo Freire (1996, p. 18), “[...] não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.” Seja pelas expressões de gênero ou pelas dúvidas das crianças, o ambiente construído por nós era saudável e livre de qualquer malícia vinda daqueles que não entendem a curiosidade de quem explora a si e a diversidade que existe no mundo. Se por um lado, eu estava feliz e quase completa, por outro eu estava me expondo aos riscos de ser alvo por parte das regras sociais dos adultos, um mundo onde uma auxiliar de inclusão transgênero já não era tão bem-vinda.

Quem determinava quais diferenças eram ou não aceitas dentro da escola eram os adultos e não as crianças. Infelizmente, isso me trouxe sérios problemas durante o exercício das minhas funções e do meu trabalho de acolher, cuidar, acompanhar e lidar com a rotina de crianças com deficiência na escola. Freire (1996, p. 23) dizia que:

■ [...] Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (FREIRE, 1996, p. 23)

O papel de formadora das professoras já não passava por contribuir com uma educação emancipatória e livre, mas com um espaço de manutenção de preconceitos e restrições. Algumas crianças tiveram que manter um certo distanciamento de mim por conta disso. Eu mesma comecei a ter restrições de diálogo, de frequência nos ambientes de conversa e entretenimento entre um horário e outro, senti o desprezo por parte de algumas professoras e de outras profissionais. O peso da transfobia me tornou uma pessoa seriamente desconfiada e insegura quanto ao meu ciclo de amizades e confraternizações. Eu tinha medo de ser ainda mais prejudicada por qualquer uma delas. Afinal, elas tinham algum poder sobre mim, seja nos afazeres ou com a caneta avaliadora de desempenho. Como esperado, o resultado não foi outro: teve professora que não me queria mais na sala de aula dela.

O que mais me deixou triste ao longo de um ano de experiência trabalhando com educação inclusiva foi a falta de maturidade por parte de adultos estudiosos e pós-graduados em lidar com as diferenças, com as minhas diferenças. Eu era só uma professora auxiliar trans que queria continuar trabalhando, estudando e cuidando da própria vida fora dos muros da escola. Embora isso tenha acabado, uma vez que não estou mais exercendo essa função, o medo de voltar a essa vulnerabilidade dentro de uma escola continua me assombrando. É como se mulheres trans fossem impedidas de trabalhar com crianças. Já ouvi que não tenho “perfil” para atender às



necessidades delas. Eu não me sinto mais segura para voltar a exercer esse ofício. É uma pena porque tenho estudado muito para isso.

Considerações

Mesmo não sendo uma aluna participativa, cada discussão em sala de aula me fez lembrar os dias de professora auxiliar de educação inclusiva. Eu sinto que meu trabalho foi uma grande demonstração de força e resistência na educação. As perspectivas sobre o futuro profissional enquanto docente não são tão favoráveis porque ainda há muito o que “melhorar” enquanto sociedade, mas as reflexões contínuas me fazem insistir em manter as minhas contribuições como professora e seguir esse papel de romper as barreiras de gênero e diversidade na escola. Em resumo: vai ter professora trans sim!

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra,1996.

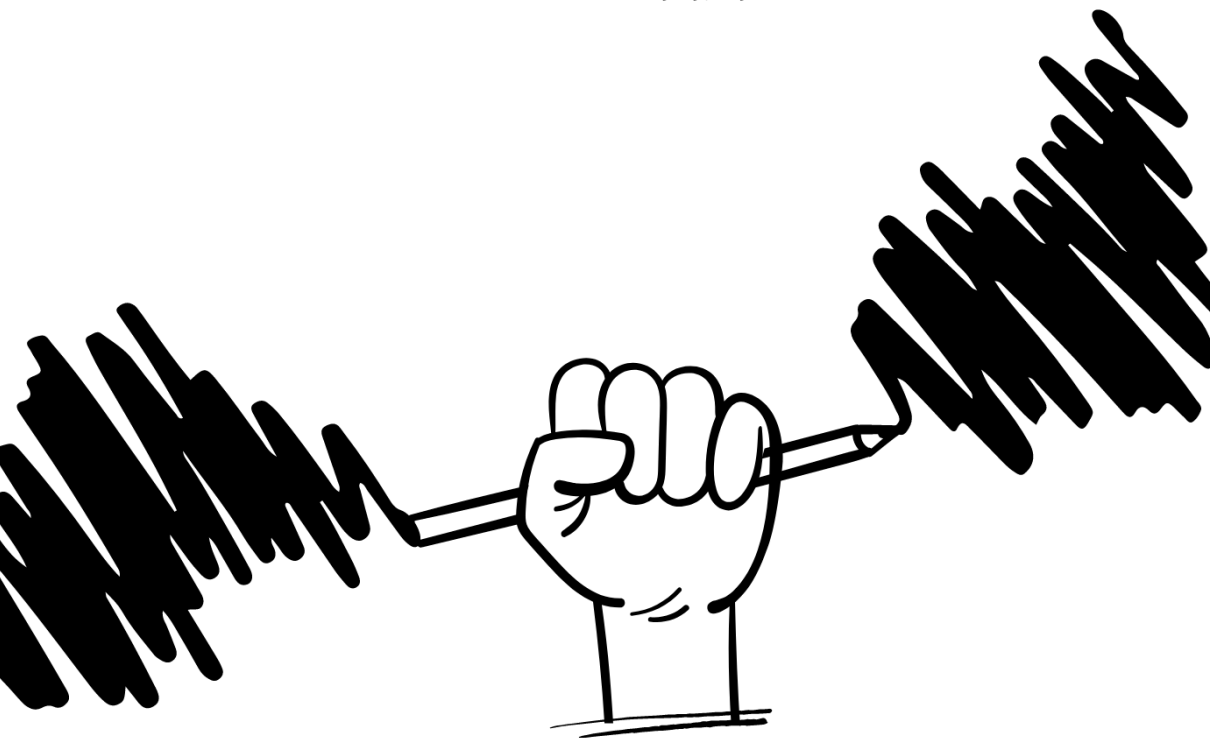


PROFESSOR DO COTIDIANO

Queila Vicente Fonseca Santos



10.47247/MR/6063.035.2.31



Quando comecei a lecionar no ano 2006 na rede privada eu tinha certeza de que iria transformar as pessoas ao meu redor, que o conhecimento nos levava a outros patamares, me esforcei tanto para as aulas. No ano de 2007 ingressei na rede pública como contratada e comecei ver aos poucos nos meus alunos com vontade de aprender, isso me empolgava a cada aula, o dia era exaustivo, era trabalho de manhã, tarde e noite, mas estava mudando a vida daqueles estudantes, oportunizei aulas práticas e teórica, contei minha história de vida para incentivá-los que tudo é possível.

Anos e anos se passaram e achei que além de professora de ciências e biologia eu poderia ajudar ainda mais, começar pelos professores, tornar a vida deles mais agradável, que o dia fosse mais leve, escutar os professores, ser humana, ser parceira e foi onde fui para coordenação pedagógica, me aprimorei para oferecer o melhor aos meus professores e tive resultados interpessoal, intrapessoal dos professores maravilhosos, ao longo das escolas que passei tive verdadeiros heróis de guerra que fazia o melhor que podia com a ferramentas que tinha e o resultado dos alunos surgiu, estávamos preocupados com o processo (humano, dificuldades, habilidades) e assim surgiram coisas boas.

Muitos acham que Ser professor é um dom, mas na verdade é uma profissão como qualquer outra onde você precisa estudar muito para desenvolver as competências e as habilidades necessárias e principalmente participar continuamente de formação continuada, para melhorar sempre seus métodos, estratégias.

A formação do ser professor tem início no curso de licenciatura, e esse processo atravessa sua cultura familiar e social, suas memórias, impressões e questões pessoais. Essa condição tem suas raízes na primeira infância, quando o indivíduo ingressa na escola e tem seu primeiro contato com um professor. Vale ressaltar que nossas memórias escolares influenciam no nosso aprendizado profissional e na nossa identidade de professor. (PÉREZ,1992)

Segundo Freire (1996) diz “*Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*”. Assim, os docentes precisam entender que os conteúdos façam sentidos aos estudantes e que a teoria, a prática se interrelacionam para o conhecimento do aluno e sua evolução no processo de ensino aprendizagem.

É importante frisar que a formação continuada subsidia o professor para que possa estudar e mudar continuamente nossas estratégias e metodologias e que nossos estudantes possam compreender o processo de ensino e aprendizagem.

Ser um educador no século XXI é uma forma de resistência, uma jornada permeada por renúncias.

Segundo Freire (1996) destacou, a prática docente exige simultaneamente a postura de aprendiz, fundamentada no respeito, na reflexão crítica e no bom senso.



Acima de tudo, ser professor significa ser um combatente, engajado na defesa dos direitos dos educadores, na promoção da tolerância e na busca pelo conhecimento.

Nas aulas do curso Perspectivas e reflexões contemporâneas da Docência, foram momentos de muita reflexão sobre a prática, despertou em todos a vontade de ser um professor melhor, fazer a diferença para nossos alunos e com certeza mudar o mundo desses estudantes que muitas vezes devido a tanta dificuldade, perdem seus sonhos ou adiam, seremos aquele que mantém a luz acesa, que não desiste nunca e assim eles irão se espelhar em nós.

A formação deve promover uma abordagem crítico-reflexiva, capacitando os professores com as ferramentas necessárias para um pensamento autônomo e facilitando processos de autoformação colaborativa. (NOVOA, 1992)

Participar de um processo formativo envolve um comprometimento pessoal, um esforço livre e criativo na exploração de trajetórias e projetos individuais, visando a construção de uma identidade que se entrelaça com a identidade profissional. O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor (NIAS,1991).

Buscar reestabelecer interfaces entre as esferas pessoais e profissionais, possibilitando que os professores se apropriem de seus processos de formação e os conectem significativamente às suas histórias de vida. (NOVOA, 1992)

A formação não se edifica por meio da simples acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas; ela emerge, em vez disso, a partir de um processo reflexivo crítico sobre as práticas e da contínua (re)construção da identidade pessoal. Portanto, é crucial investir na pessoa e conferir um status ao conhecimento oriundo da experiência. (NOVOA, 1992)

O desenvolvimento da formação é influenciado por trajetórias educacionais, embora não esteja sujeito ao controle estrito da pedagogia. Ele se nutre de modelos educativos, mas sufoca quando se torna excessivamente "polido".(NOVOA, 1992)

O processo de formação é dinâmico, avançando e retrocedendo, desenvolvendo-se por meio da interação com o saber e o conhecimento, elementos fundamentais no núcleo da identidade pessoal (DOMINICÉ, 1986).

Assim, finalizo que o Ser professor está acima de qualquer processo de formação contínua; é ser transformador da sua própria prática, ser reflexivo, se permitir mudar, ser solidário, ser pesquisador, ser acolhedor, ser amigo, ser educador, ser o exemplo.



Referências

DOMINICÉ, Pierre. "La formation continue est aussi un règlement de compte avec sa scolarité". *Éducation et Recherche*, 3/86, 1986, pp. 63-72.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf>

HYPOLITO, A. M.; VIEIRA, J. S. Reestruturação educativa e trabalho docente: autonomia, contestação e controle. In: Hypolito, A. M.; Vieira, J. S.; Garcia, M. M. A. **Trabalho docente: Trabalho docente formação e identidades**. Pelotas: Seiva Publicações, 2002. p.271-283.

NIAS, Jennifer. "Changing Times, Changing Identities: Grieving for a Lost Self". In *Educational Research and Evaluation* [ed. R. Burgess]. Lewes: The Falmer Press, 1991.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e profissão Docente**. 1992. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>

PÉREZ GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992



ESCOLA: BUSCANDO SIGNIFICADOS ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Ricardo Maciel Lopes



10.47247/MR/6063.035.2.32



Um lugar onde se vive

O papel da escola na vida das pessoas pode ser entendido de várias maneiras e em várias dimensões. Refletir sobre esse espaço e as relações que nele se desenvolvem, na perspectiva do professor, recorrendo às palavras de Paulo Freire (1996), é uma atividade que está "entre o fazer e o pensar sobre o fazer".

A escola constitui-se em um espaço privilegiado nas questões que envolvem, desde aspectos formativos ligados à política pública, até a formação social do indivíduo.

A obrigatoriedade do processo de escolarização, conforme o Art. 208 da Constituição Federal de 1988, que trata do dever do Estado com a educação, estabelece que a “educação básica obrigatória e gratuita” deve atender crianças “dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988). Organiza-se assim, o tempo de escolarização básica de um indivíduo no Brasil.

Os conteúdos trabalhados na escola, buscam garantir o contato com os saberes que culturalmente e politicamente ficaram estabelecidos como elementos que devem compor o currículo escolar. Entende-se que corresponde ao mínimo de conhecimento acumulado e sistematizado que devem ser ensinados nas escolas. Com esses conteúdos, busca-se o cumprimento da LDBEN 9394/96, onde se estabelece que “educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”.

Esses conteúdos são selecionados culturalmente, pois fazem parte do processo de construção da sociedade que o acomoda. Portanto, seu sentido reside na identificação que conecta as pessoas aos conteúdos e aos saberes trabalhados na escola buscando contato com a realidade. Da mesma forma, os conteúdos selecionados politicamente, agregam saberes que são trabalhados em sala de aula e que são resultado de embates para definir como este ou aquele conteúdo deve integrar o conjunto de elementos que serão constituintes do cidadão que tem o papel de garantir a continuidade da sociedade. Essas disputas também se dão na esfera política.

Além do contato com os conteúdos pedagógicos, outro fator que eleva a importância da vivência no ambiente escolar diz respeito à possibilidade de interações que extrapolam os núcleos nos quais as crianças e os jovens estão inseridos. Como destaca Cavaliere (2002, p. 259) a

- escola e suas práticas deixam de ser apenas um instrumento para se alcançar objetivos. A escola passa a ser um ambiente onde se vivem experiências em si mesmas educativas, com significado próprio. Abandona-se assim o sentido prioritário de preparação para algo que virá depois (CAVALIERE, 2002, p. 259).



Situações de convivência em grupo, com crenças e credos diferentes, apresentam para os jovens uma versão mais complexa da sociedade, em muitos casos, forçando a convivência com visões de mundo distintas daquela presente no seu núcleo familiar ou de convivência. Apresentando-lhes uma realidade que só pode ser vivida no ambiente escolar. Essas experiências também se constituem em possibilidades educativas que estão além da interação com os saberes dos componentes curriculares.

A escola, com todos os desafios que se concentram em seu interior e nos debates que a cercam, é um espaço onde se reproduzem os valores de uma sociedade. No caso do Brasil, e falando de uma escola da rede estadual de São Paulo, essa reprodução é revestida das contradições que marcam a sociedade. Diante das diferenças sociais, econômicas e políticas, o ambiente escolar é capaz de reunir diferentes grupos e possibilita o exercício de conviver. Nesse sentido, a escola é um ambiente favorável para o exercício dos princípios democráticos, pois abriga todas essas diferenças e incentiva o compartilhamento de um espaço comum. Esse exercício é o exercício próprio da vida, pois na escola não há apenas uma preparação para o futuro, para o mercado de trabalho e para ser um cidadão. Campos e Pessoa (1998, p. 42) ao refletirem sobre as contribuições de Dewey, destacam que

As finalidades da educação estariam centradas no processo de melhoria das experiências e se confundiria com o próprio viver. Trata-se de aumentar o rendimento do ser humano, seguindo os próprios interesses vitais dele (CAMPOS; PESSOA, 1998, p. 42).

A escola é a própria vida, exercício diário de conviver com as diferenças de um grupo heterogêneo como o que compõe a escola pública.

Nesse ambiente heterogêneo que recebe os representantes de muitos dos segmentos que compõem a sociedade, um grupo de pessoas atua com funções que se dividem entre preparação, organização e coordenação de ações para atender os estudantes. São profissionais responsáveis pela limpeza, pela preparação da alimentação, agentes de organização, coordenadores(as) pedagógicos, coordenadores(as) de organização, direção e professores. É sobre um professor e sobre como este se reconhece no desenvolvimento de sua prática como educador que este capítulo se desenvolve. Afinal, o que é ser professor? E como responder a isso sem a pretensão de uma resposta tão complexa e sem apresentar alguns caminhos percorridos, que ganham relevância a partir dessa questão?

Uma sala só de bagunceiros

A profissão de professor, na perspectiva dos saberes necessários à prática educativa, é um processo que vai se construindo com o exercício cotidiano e prático da docência. Freire (1996) utiliza os exemplos do cozinheiro e do velejador para



demonstrar como a “reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática” (FREIRE, 2020, p. 24). Partindo da comparação de Freire, os saberes teóricos acerca da utilização dos componentes da cozinha e da combinação dos temperos, seriam os saberes teóricos que adquirimos durante a formação, tanto na universidade, quanto aquela decorrente do meio em que estamos inseridos. Semelhante comparação ocorre com o velejador, onde os saberes acerca da embarcação e de fenômenos da natureza serão desafiados ao se lançar no mar, e na “prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes” (FREIRE, 2020, p.24). Assim, durante a formação como professor de história, me apropriei daqueles conhecimentos que o programa do curso, a Base Nacional Comum e o Currículo do Estado estabelecem que devem ser trabalhados nas aulas de cada série e ano, mas a prática docente só foi possível a partir do contato com os estudantes.

Pensando no período da licenciatura, não havia possibilidade de representar o espaço escolar e oferecer uma preparação para a realidade do turbilhão que é uma escola. As discussões nas disciplinas apontavam para desafios da prática docente, mas nunca foram suficientes para promover reflexões que levassem a uma preparação para os desafios da docência.

Quando conheci minha primeira turma, o 6º ano C, de uma escola da periferia de Diadema, região metropolitana de São Paulo, passei os primeiros dias jurando não retornar à sala de aula. O problema da sala era uma combinação de defasagem de aprendizagem com indisciplina, e para completar, a turma havia passado por uma reorganização no início do ano letivo. Alguns professores incomodados com a indisciplina dos alunos, para solucionar o problema, sugeriram que os mais bagunceiros fossem retirados de sua classe e acomodados na mesma turma. Uma turma só de bagunceiros. Com isso apenas o professor que assumisse essa sala teria problema com a indisciplina e os demais alunos e professores poderiam ter suas aulas. Um pecado. Era um espaço onde a autonomia não dava conta, e os saberes necessários à prática educativa, precisavam ser todos mobilizados, todos os dias. Diante de uma situação como essa, o primeiro pensamento é abandonar a turma, mas a última coisa a se fazer é abandonar a turma. Essa compreensão fui desenvolvendo ao longo dos anos, naquele momento as condições eram desfavoráveis.

A prática na vivência

Foi nas conversas com a Sol, minha companheira, professora que atuava na educação pública, que encontrei os maiores ensinamentos acerca de como lidar com aquela turma e com aquela situação.

Cada dia que eu relatava como tinha sido as aulas nessa sala, ela me apresentava estratégias para antecipar o que poderia dar errado. Todo dia eu chegava preparado, e todo dia acontecia algo diferente. Ela tinha sempre bons



ensinamentos, mas a sala sempre me surpreendia. E assim foi até o final do ano letivo. A turma continuou desafiando quem quer que fosse. E nas conversas com a Sol e na convivência com o 6 ° Ano C, fui descobrindo ser professor. Nas conversas, porque era como se a Sol conhecesse os caminhos a percorrer para buscar me encontrar em meio a situação vivenciada na sala. E na convivência, porque descobri que aquelas crianças, eram apenas crianças, sendo crianças.

Refletir sobre os iniciais na docência, permite identificar o que aponta Rodrigues (2010),

recorrer ao processo narrativo como meio de discursividade e questionamento pessoal tem a intenção de articular os caminhos de formação pessoal e profissional e verificar se estes podem indicar processos constitutivos de uma identidade docente (RODRIGUES, 2010, p. 173).

Os caminhos percorridos no convívio com cada turma que conheci, foram fundamentais para a formação de uma personalidade de professor, foi praticando à docência que alguns saberes foram e continuam se confirmando, outros se modificando ou se ampliando, e ainda a formação a partir das vivências, têm contribuído para a constituição de uma identidade docente.

Referência

CAMPOS, Silmara e PESSOA, Valda I. F. Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Schön. In: GERALDI, Corinta M. G.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete M. A. (Org.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado de Letras e Associação de Leitura do Brasil (ALB), 1998, p. 183-206.

CAVALIERE, A. M. V. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira? **Educação & Sociedade**, Campinas. v. 23, n. 81, p. 247-270, dez. 2002.

CONSTITUIÇÃO (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. CAPÍTULO III DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO - SEÇÃO I - DA EDUCAÇÃO. Art. 208.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 63. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

RODRIGUES, Claudia F. Narrativas de si: estratégia para (re)pensar à docência articulada ao processo de formação do sujeito. In: **Póesis Pedagógica**. Catalão, GO, V.8 N.1, p.172-186. Jan./jun. 2010.



**SOBRE A DIMENSÃO POLÍTICA DA
ATUAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE:
REFLEXÕES DE UM PROFESSOR DA
EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE O NOVO
ENSINO MÉDIO**

Anderson Ricardo Júnior da Rocha Silva



10.47247/MR/6063.035.2.33



A atribuição de sentido para experiências que só a distância oferecida pelo tempo é capaz de oferecer, constituem-se como possibilidades privilegiadas para o desenvolvimento de novas formas de compreensão de nossas próprias histórias. No que diz respeito ao meu processo formativo, a participação em programas de iniciação científica e extensão universitária, entre outras atividades como monitorias, estágio em museu de ciências, participação no centro acadêmico e grupos de pesquisa, para além de enriquecer minha formação foram momentos de contatos importantes com o ensino, pesquisa, a extensão e a dimensão política do empreendimento científico e da profissão docente. Nesse sentido a reconstrução de minha trajetória enquanto professor, passa inevitavelmente pelo compromisso político e social de minha atuação profissional, conscientemente reconhecida e assumida como uma dimensão fundamental da atividade docente (Cunha, 1997).

Em 2021 meio a pandemia de Covid-19 concluo a graduação em licenciatura em ciências em uma instituição pública de ensino superior e tenho atribuídas a mim, minhas primeiras aulas na rede estadual de educação do estado de São Paulo, realizadas de maneira virtual nesse momento, dado a necessidade de distanciamento social impostas pela pandemia de Covid-19. O novo ensino médio, instituído pela lei 13.415/2017, aprovado durante o governo de Michel Temer em 16 de fevereiro de 2017, passa a ser implementado e introduz alterações relevantes na composição da carga horária do ensino médio brasileiro. De modo geral são estabelecidas duas grandes alterações nesta etapa de ensino: maior tempo de permanência dos estudantes nas escolas (escolas de ensino integral) e a flexibilização curricular caracterizada pelos itinerários formativos. O currículo foi reorganizado e passou a ser composto por 60% das disciplinas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também denominadas de formação geral básica (FGB) e 40% de itinerários formativos, ou, aprofundamentos curriculares, divididos em cinco grandes áreas, "Linguagem e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais aplicadas e formação técnica profissional. A prerrogativa de escolha do estudante acerca dos itinerários que pretende cursar, já no momento de sua implementação era vista tanto por mim como por meus colegas de trabalho como no mínimo relativa já que essa escolha estava e continua submetida às possibilidades técnicas e de infraestrutura para a oferta simultânea pelo sistema de ensino de determinados itinerários formativos (Lima e Zanelatto, 2023, p.4; Brasil, 2017a, Artigo 36).

A noção de disciplina escolar foi um aspecto de minha formação que entrou em conflito com as mudanças na grade curricular instituídas pela lei nº 13.415/2017. Os itinerários formativos, ainda que possuam elementos das disciplinas clássicas, exigem uma capacidade de adaptação que me fazia recorrentemente flertar com o imprevisto, dado a incompatibilidade entre os subsídios didáticos pedagógicos adquiridos em meu processo formativo frente a essa nova organização curricular. A desarticulação evidente entre o novo ensino médio e o sistema educacional desde os cursos de formação de professores até as disciplinas escolares, entre outras coisas, repercutiram para a acentuação de um certo grau de insegurança, produto



sobretudo, da in experiência de um professor recém formado, mas também por um processo arbitrário de flexibilização do currículo (Lima e Zanelatto, 2023; Brasil, 2017).

A emenda constitucional (EC 95/2016) que estabeleceu um novo regime fiscal, também conhecida como o teto de gastos da União, a reforma trabalhista (Lei 13.467/2017) e a emenda constitucional (EC 103/2019) que trata da reforma da previdência, compõem o esforço da burguesia brasileira para o estabelecimento de uma nova configuração das relações de trabalho, em que a retirada de direitos é a perspectiva imperativa, repercutindo na acentuação do desemprego, da informalidade e da precariedade das condições de trabalho, é nesse cenário em que a reforma do ensino médio se insere arbitrariamente e sem ser devidamente debatida, em uma clara perspectiva de alinhamento incondicional entre o processo formativo dos estudantes, precarizado a favor das demandas do mercado e da ideologia liberal (Lima e Zanelatto, 2023; Brasil, 2016, 2017, 2019). O alinhamento incondicional entre o Estado brasileiro e os interesses da classe dominante tem como um de seus principais reflexos o estabelecimento de maior articulação entre o processo de ensino e aprendizagem e as demandas expressas pelo mercado de trabalho, da articulação entre esses movimentos é definida uma agenda balizada por princípios liberais que comprometem e esvaziam o currículo escolar, dificultando dessa forma a construção de possibilidades reais de continuação dos estudos dos estudantes secundaristas brasileiros, sobretudo, aqueles da rede pública de ensino do país. No último ano do ensino médio, disciplinas como biologia, química, física, sociologia e filosofia, foram excluídas e disciplinas como português e matemática tiveram suas cargas horárias reduzidas impactando assim o ingresso dos estudantes brasileiros no ensino superior, dado que esses conhecimentos, fundamentais para a construção de uma sólida base técnica, científica e humana continuam a compor o processo de seleção para o ensino superior brasileiro (Lima e Zanelatto, 2023). Reduzir o problemas crônicos presentes no ensino médio brasileiro, como baixo desempenho dos estudantes, frequência e taxa de abandono nesta etapa de ensino, a questões relacionadas fundamentalmente a aquisição de competências intelectuais, socioemocionais, metodológicas e tecnológicas, superdimensionadas nessa nova configuração curricular, sem considerar as condições concretas de produção social em que tanto escola como os jovens se encontram bem como, os obstáculos sociais presentes em seu processo formativo, é no mínimo problemático (Ferretti, 2018).

No que diz respeito à carreira docente, um dos desdobramentos da Lei 13.415, é a exclusão de algumas disciplinas obrigatórias como filosofia e sociologia, que ao impactarem na quantidade de aulas existentes na rede de ensino fato que compromete os postos de trabalhos para os professores que trabalham com essas disciplinas. Dado a impossibilidade de oferta simultaneamente de todos os itinerários por todas as unidades escolares, aspecto ainda mais problemático dado o limite de gastos com despesas domésticas do estado nacional instituídas pela emenda constitucional 95/2016 que impacta diretamente a construção das condições



materiais para a implementação dos itinerários (Brasil, 1995; Ferretti, 2018; Lima e Zanelatto, 2023).

As cada vez maiores demandas funcionais e burocráticas da profissão docente, além de comprometer a qualidade do trabalho desenvolvido pelos professores, dado a quantidade de aulas que estes devem ministrar para compor sua renda, comprometem também momentos importante de reflexão, individual ou coletiva, como por exemplo com os colegas professores com os quais compartilhamos poucos momentos de troca nas reuniões pedagógicas ou nos intervalos entre aulas e trocas de turnos, sobre nossa identidade, sobre nossas angústias e inquietações, mas também sobre novas certezas e convicções. Nesse sentido, a pergunta, o que é ser professor? Pode conter uma resposta que não envolva um comprometimento incondicional com a superação das desigualdades sociais crônicas da sociedade brasileira ? Essa dimensão formativa, a meu ver é fundamental dado que a constituição da identidade do professor passa pela consolidação de diversos elementos formativos, que se negligenciados, colocam em risco a qualidade do trabalho docente e do processo formativo dos estudantes dado a falta de subsídios teóricos e metodológicos, de se estabelecer uma postura crítica, fundamental em todos os contextos e especialmente transformadora no contexto educacional brasileiro.

Assumindo minhas inseguranças e minhas convicções procuro refletir sobre o projeto formativo que desenvolvo com os meus alunos, tendo em vista ser o professor que eu gostaria de ser

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos.

Tendo em vista o comprometimento político que atribuo ao meu papel enquanto professor e frente ao processo político em curso no início de minha atuação profissional, me sindicalizo junto ao Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP), por acreditar que somente a luta conjunta entre os trabalhadores e trabalhadoras da educação, da união e do suporte mútuo entre estes, que uma forma de resistência e luta pode ser construída. Dado a impossibilidade de esgotar a totalidade de minhas inquietações e convicções nas poucas páginas deste ensaio acredito que as palavras de Paulo Freire (2000) sintetizam o que talvez seja umas das mais importantes dimensões da profissão docente, a necessária atenção vigilante subsidiada pela postura crítica, teoricamente consistente e comprometida com a construção de uma sociedade e uma educação mais justa



Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas” (Freire, 2000, p. 52).

Referências

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Estabelece o Novo Ensino Médio. Disponível em: . Acesso em 23 fev. 2017.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 95. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2016. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/norma/540698/publicacao/15655553>> Acesso em 18 abr. 2023.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 103. Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias. Diário Oficial da União, Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm> Acesso em 18 abr. 2023.

CORRÊA, S. S; FERRI, C; GARCIA, S. R. O. O que esperar do Novo Ensino Médio. Revista Retratos da Escola. In. Retratos da Escola / Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (Esforce) – v. 16, n. 34, jan./abr. 2022. – Brasília: CNTE, 2007.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. In: Rev. Fac. Educ., v. 23, n. 1-2, SP, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010>

FERRETTI, C. J. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. Ensino de Humanidades • Estud. av. 32 (93). 2018

FREIRE, Paulo. A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000.

LIMA, R.C; ZANELATTO, J.H. O novo ensino médio e o itinerário formativo da educação técnica e profissional no contexto catarinense. SciELO Preprints; 2023. DOI: 10.1590/scielopreprints.6256

SHIRLEI DE SOUZA CORRÊA; O que esperar do Novo Ensino Médio? Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 16, n. 34, p. 15-21, jan./abr. 2022

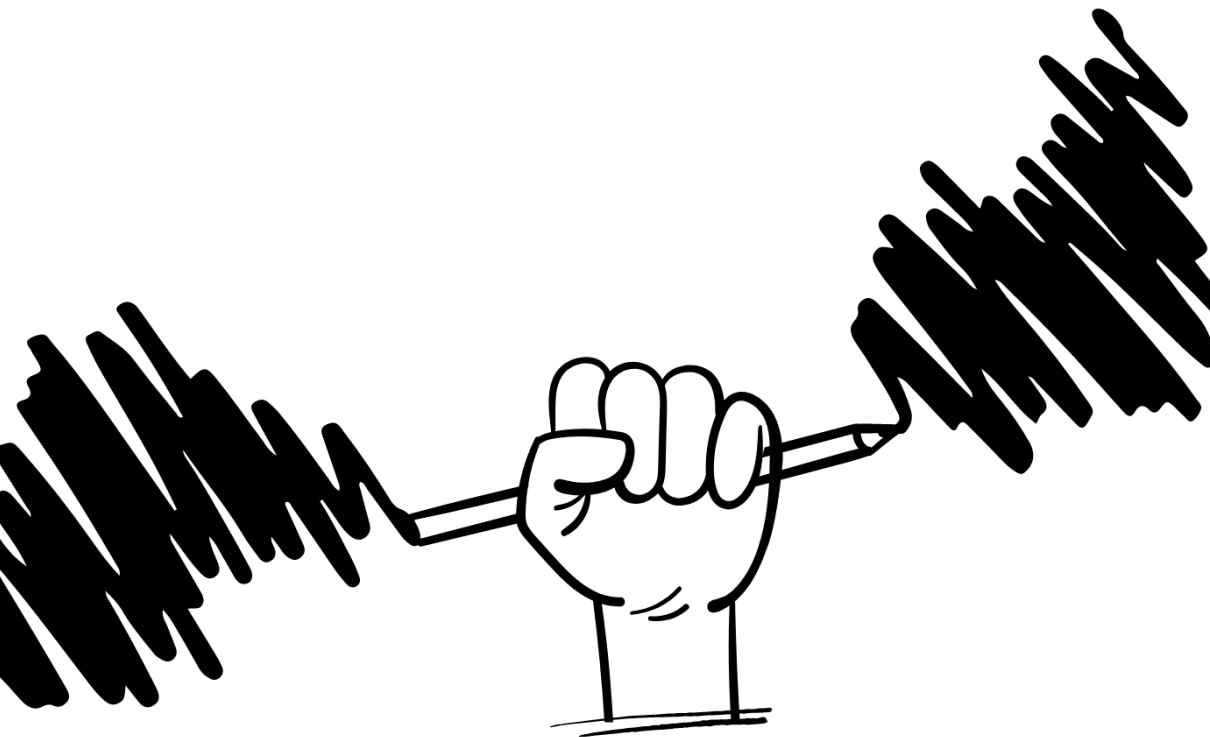


O PROCESSO DE TORNAR-SE PROFESSORA

Bruna Acioli Silva Machado



10.47247/MR/6063.035.2.34



O processo de tornar-se professora/ professor é contínuo e necessita de muita disponibilidade de retomar, acreditar, refazer, recriar, reinventar, relacionar, perpetuar e não desistir. Esse processo de tornar-se professora/professor não se encerra nos títulos acadêmicos alcançados, se constitui no cotidiano e em nossas reflexões, sendo um movimento constante de muito aprendizado e renovações de nossas ações.

Ser professora/professor é um aprendizado constante das relações humanas, com a construção do conhecimento e na convivência em sociedade. Para isso, precisamos reconhecer que para aprender e ensinar diariamente necessita da interação com o outro e que exige de nós muita sensibilidade para compreender o que o estudante precisa aprender, considerando as suas diversas dimensões cognitivas, afetivas e sociais. Sobre isso, Paulo Freire ressalta em sua obra *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura), a importância do respeito aos educandos e sobre a profissão docente:

O meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância. Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento?

Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem. (Paulo Freire, 1996 pág.34)

Desse modo, estar como professora/professor é evidenciar que a profissão docente é um posicionamento político de luta constante para que todos tenham acesso ao conhecimento, pois Equidade é combater as desigualdades educacionais em nossa sociedade.

Escolher ser professora/professor é compreender os desafios da sociedade como parte de suas aulas para que o conhecimento possa ser construído, discutido, repensado juntamente com os estudantes, que são parte integrante dessa construção do conhecimento, das descobertas, das discordâncias e fortalecimento de uma educação democrática.

Ser professora/professor é compreender os aspectos de uma escola educadora com ações coletivas, participando efetivamente da construção de um ambiente que fortaleça a diversidade cultural, social e inclusiva de toda comunidade educacional. Que as autoras Silmara de Campos e Valda Inês Fontenele Pessoa, citam



em sua obra: “Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Schon” sobre os desafios da educação:

■ A experiência concreta da vida, para Dewey, surge sempre ao nos depararmos com problemas, e a educação deve tomar para si essa condição, enfrentando-a com uma atitude ponderada, cuidadosa, persistente e ativa para garantir o melhor desenvolvimento do educando. (CAMPOS, Silmara e PESSOA, Valda I. F. 1998, p. 183-206)

Vivenciar a profissão professor/professora é programar uma atividade e planejar diferentes estratégias para promover a aprendizagem dos estudantes, percebendo que outras possibilidades foram construídas no processo de interação com os estudantes, permitindo a reflexão sobre novos caminhos didáticos. Que António Nóvoa cita em seu texto “Formação de Professores e Profissão Docente” a importância da identidade profissional que deve ser desenvolvida na formação do professor:

■ A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (NÓVOA, Antonio, 1992. Pág.12)

Estar como professor/professora é compreender que o ensino e aprendizagem é um processo complexo, que transcende as relações imediatistas que, por vezes, estão presentes nos discursos sociais sobre educação. É a vivência dessa complexidade que muitas vezes nos deixam exaustos e esgotados, sendo necessária a compreensão para que o trabalho aconteça, respeitando as singularidades dos sujeitos envolvidos.

Persistir como professor/professora é não deixar ninguém para trás, não deixar de sonhar e acreditar em todos os estudantes, com a preocupação com aqueles que ainda não atingimos, procurando formas e maneiras em conjunto com os nossos colegas para alcançar cada um dos estudantes.

Lutar como professor/professora faz parte do cotidiano em uma sociedade que por vezes não valorizam a educação como ato intersubjetivo, considerando que esse processo é semelhante a um processo fabril, esperando resultados imediatos e padronizados, não respeitando os tempos e espaços de aprendizagens.

Diante disso, ser um profissional da educação é um processo constante de estudos, sobre o conhecimento, prática didática, pesquisas bibliográficas, literárias e de campo, com o intuito de refletir a partir da práxis profissional. Vivenciar a escola como teatro da vida traz desafios e conquistas para todos os atores que experienciam o processo educacional.



Referências

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf>

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e profissão Docente**. 1992. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>

CAMPOS, Silmara e PESSOA, Valda I. F. **Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Schön**. In: GERALDI, Corinta M. G.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete M. A. (Orgs). **Cartografias do trabalho docente**: professor(a)-pesquisador(a). Campinas, SP: Mercado de Letras e Associação de Leitura do Brasil (ALB), 1998, p. 183-206. (pdf)



SER PROFESSOR: VOCAÇÃO OU NECESSIDADE?

Sandra Mara Medeiros França



10.47247/MR/6063.035.2.35



Para começo de história

Nunca pensei um dia ser professora.

Eu tinha uma ideia fixa em minha cabeça...sobreviver.

Morando na casa de meus avós, após o abandono de meu pai, era muito pequena para compreender o que se passava ao meu redor. Mas sentia o desespero, a dor e as necessidades que passávamos.

Dia após dia, a única palavra que ouvia de minha mãe era “estude para que possamos mudar a nossa situação”. Minha mãe estudou até a quarta série.

E assim fui crescendo, sabendo que a única forma de mudança de vida seria através dos estudos. Não me vitimizei, pois não havia tempo para isso. Meu pensamento era...lute.

Quando estava no sétimo ano do fundamental II, fiquei sabendo de crianças que precisavam de reforço e que pertenciam a uma comunidade. Eu me ofereci, mas não pensando na realização do sonho de ser professora. Dei aulas de reforço porque me enxerguei nessas crianças, que precisavam de apoio.

E os anos passaram. Saímos de Capivari de Baixo-SC e fomos morar em Florianópolis, já que a universidade fica na capital do Estado.

Minha única chance de estudo em curso superior era em universidade pública. Fui aprovada e no segundo ano resolvi me mudar para São Paulo e continuar os estudos aqui.

De discente à docente

A transição de estudante universitário para professora foi devido a uma oportunidade de trabalho.

Passei no concurso da Prefeitura de São Paulo no ano 2000 para o cargo de professora de ciências. Agora, poderia contar com a periodicidade do salário para ajudar minha mãe.

A palavra “sobrevivência” mais viva do que nunca em minha mente. E com esses pensamentos, fui para a sala de aula.

Devo confessar que no início achei que seria tranquilo.



A responsabilidade de ensinar

Somos o resultado de nossas experiências de vida.

Começo essa reflexão com uma citação de Paulo Freire:

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (FREIRE, 1987, p.23)

Nos meus anos iniciais como professora, comecei a perceber o quanto os alunos sem acompanhamento familiar eram os mais reativos e difíceis de conversar. A dor emocional era visível e os alunos a refletiam em suas ações, muitas vezes violentas.

Foi quando me coloquei no lugar destes e compreendi o que deveria ser falado. O aluno se sente incompreendido e não sabe lidar com a raiva.

Ouvir de um professor que já esteve neste lugar e falar que é possível ter um futuro diferente, foi significativo para muitos dos alunos que encontrei ao longo da minha trajetória. E foi neste momento que me tornei professora.

Porque ensinar vai além de passar os conhecimentos aprendidos nos livros didáticos.

Quando formamos um vínculo afetivo e de confiança com o estudante, abrimos a possibilidade do diálogo.

É levar em consideração tudo o que esse aluno vivenciou e fazê-lo assumir o seu protagonismo dentro dos diferentes espaços, sendo dentro da escola ou fora dela. Incentivar seu olhar crítico e fazer possíveis conexões entre os conhecimentos adquiridos no dia a dia com os livros didáticos.

Assim, termino essa reflexão com outra frase de Paulo Freire:

“Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1987, p.33)



O que falo sobre ser professor

“O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem.” (FREIRE, 1987, p.24)

Ser professor, a partir de minhas experiências, é saber que a cada dia precisamos lidar com as nossas emoções. Precisamos ter o equilíbrio necessário para poder ajudar estudantes que precisam do nosso apoio a lidar com suas próprias emoções.

Apoio que ultrapassa o pedagógico.

Muitas vezes é de um olhar bondoso o que esse aluno precisa. Um simples gesto de concordância com a cabeça pode jogar água no pavio que está prestes a fazer uma bomba explodir.

É perceber o quão complexo pode ser o contexto de violência expressado por esse estudante.

Precisamos ir na contramão das primeiras respostas que vêm à cabeça. Respirar e ter empatia. Porque quem agride foi agredido muitas vezes. Não conseguirá assimilar nenhuma teoria didática ou cálculo matemático. Muitos alunos ficam presos às suas dores e não deixam espaços para aprendizagens.

Muitas vezes questioneei o meu papel em sala de aula. Sou professora ou psicóloga?

A resposta vem de pronto...preciso ser as duas coisas.

Claro que a resposta não é tão simplista assim. Porque não tenho formação para preencher esse espaço no qual o Estado deveria propiciar. Colocar nas escolas apoio psicológico com profissionais capacitados e melhorar a qualidade de vida dessas famílias.

Além disso, ser professor é uma escolha de profissão que para a maioria não se sustenta na remuneração, que por sinal nos obriga a ter dois cargos para ter um mínimo de dignidade financeira.

Nesse pensamento, sobre o que vivenciamos dentro de uma sala de aula, concordo quando António Nóvoa diz:

“Os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais; todos eles comportam situações problemáticas que obrigam a decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores (Schon, 1990). As situações que os professores são obrigados a enfrentar (e a resolver) apresentam características únicas, exigindo



portanto respostas únicas: o profissional competente possui capacidades de auto-desenvolvimento reflexivo. (NÓVOA, 1992, p.16)

É neste terreno de complexidade que valorizo nossos espaços de formação dentro do nosso horário de trabalho.

Trocar experiências com os colegas e estudar novas estratégias são mecanismos que nos ajudam na caminhada docente reflexiva.

Os dias são diferentes, mas a experiência da prática me revelou que não posso estar somente preocupada com resultados acadêmicos. O nosso olhar precisa ir além dos muros da escola. Entender as circunstâncias de vida dos meus alunos me ajuda a planejar as abordagens que preciso ter dentro da sala de aula.

Por fim, encerro meu relato falando que valeu e vale a pena ser professor. Sem a ilusão de tarefa “fácil”. Porque a cada dia me invento e reinvento. Querer ser uma professora melhor se tornou uma das forças geradoras que me move.

Importante refletir sobre o que Paulo Freire escreveu sobre as marcas que deixamos nos alunos:

‘O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. Daí a importância do exemplo que o professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres.’ (FREIRE, 1987, p.34)

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. **Rio de Janeiro: Paz e Terra**, v. 1989/7, 1987.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. 1992.



SER PROFESSOR NA ATUALIDADE:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS DESAFIOS
ENFRENTADOS NO COTIDIANO DA
EDUCAÇÃO

Mauricio Hernandez



10.47247/MR/6063.035.2.36



O professor atual

Ser professor nos dias de hoje vai muito além do que pensamos. Professor não é apenas o responsável por passar conhecimento, ou simplesmente por “educar”. Ensinar atravessa as linhas do horizonte dos nossos pensamentos e ultrapassa as paredes dos nossos olhares. A educação vai além dos muros da escola.

Muitos docentes não se dão conta do quanto interferem, positiva ou negativamente, na vida de seus alunos. Ensinar, vai além de escritas tiradas de livros e acervos de conteúdo, mostra o quão rápido um professor precisa aceitar e solucionar desafios num instante quase que único. Segundo Freire (2022 p. 25), “Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção.”

A educação atual é muito complexa, trabalhar com alunos de uma geração distinta da que fui educado é um desafio e tanto! Os alunos desse momento são condicionados a um aprendizado muito desigual ao de minha época escolar. Lembro-me que estudava horas e horas em bibliotecas, com inúmeras folhas de almoço com cópias das páginas de livros, sem poder levar nada de material para casa, ou ter algum instrumento para fotografar um texto, editá-lo e assim o utilizar. Eram tempos que os estudantes não tinham computador, impressora e muito menos internet para suas pesquisas.

Internet? Como se usa?

A chegada da internet, discada ainda, nos mostrou um mundo novo. Uma internet que, ou se usava o telefone para ligações, ou se usava para navegar em redes de pesquisas virtuais, os dois ao mesmo tempo eram impossíveis. Lembro-me de passar horas e horas esperando para usar os serviços durante o período da noite, pois assim, os custos diminuam na conta telefônica. Hoje em dia é muito comum um aluno ter acesso imediato às informações que estão sendo passadas durante uma aula, diria que um acesso simultâneo. Enquanto o docente escreve no quadro, o aluno já buscou até a resolução dos exercícios que estão sendo explicados pela teoria.

As novas tecnologias são de extrema importância para a educação, um avanço em várias áreas da pesquisa. Utilizá-las é muito válido, desde que seja feito da forma correta. Podemos desenvolver ou ter conhecimento sobre informações para uma novidade na medicina, por exemplo, sem esperar que estudos no campo estrangeiro leve dias, meses ou até anos para chegarem às nossas mãos.



Tecnologia para todos?

Ao mesmo ponto que é positivo o uso de tais recursos, vemos o descaso e a falta de estrutura que algumas escolas enfrentam. Escolas que utilizam um jardim como sala de aula, um local sem condições de saneamento ou até mesmo lugares que levam um trajeto de deslocamento de horas até o local de ensino. É uma situação lamentável e muito triste.

Sabemos que existe, uma desigualdade de classe social enorme, ou até conhecemos pessoas que passam por dificuldades nessas questões. Mas, sabemos que em contraponto, há muitos docentes e unidades escolares que buscam, da melhor maneira possível, transferir o conteúdo com qualidade e com o que possui em mãos naquele momento.

Como docente, ouvi inúmeros relatos em diferentes lugares que trabalhei. Relatos sobre falta de estrutura, sobre falta de comida, sobre falta de material entre outros contextos. O que consegui tirar dessas situações, foi a desenvoltura da equipe de educação para resolver as situações. Acredito que isso que é o “ser docente”. Ser professor atravessa os limites que conhecemos, muitas vezes, como limitadores. Professor é bem mais do que ensinar, transferir ou contar suas experiências, é antes de tudo, ser humano e buscar entender o próximo, da melhor maneira possível.

Quantas vezes escutamos das pessoas que ser professor, não é uma boa profissão. Não dá dinheiro, não tem folga, trabalha em casa nos finais de semana e feriados. Em parte, isso é verdade, mas ser professor é acreditar que podemos mudar muitos pensamentos, mostrando sempre os fatos, incentivando nos estudos de cada um, construindo dentro de cada mente uma caixa de abertura dos sonhos internos.

O papel do professor, além de toda parte burocrática, é mostrar que todo aluno pode ser capaz de realizar seus sonhos. É mostrar os caminhos possíveis para essa trajetória, dentro de todas as condições. Incentivar e idealizar novos pensadores, novos cientistas, novos críticos, para que eles sejam capazes de replicar isso para o maior grupo possível. Como sempre digo aos meus alunos, não consigo entrar na mente de uma sala por inteiro, com 50 ou 60 alunos, mas, se ao menos alguns deles absorverem o que lhes foi ensinado, eu já estou no rumo de atingir meus objetivos.

Uma breve reflexão

Para os colegas docentes, ou não, que futuramente usarem este livro para sua leitura, gostaria que refletissem sobre o quanto é importante a nossa figura na vida dos alunos, seja em qual for a área ou tipo de ensino. Pare e pense o quanto você é responsável e capaz de modificar os pensamentos de alguém. Use sempre o seu melhor para atingir todos os seus objetivos. E não desista! Ser professor é um



caminho difícil, porém muito gratificante, muito válido e muito satisfatório. A educação está dentro e fora da escola e somos nós os responsáveis por dar exemplo e criar pensamentos, independentemente do local e da situação. Sua participação na educação e na formação do aluno é algo que ele levará para sempre em sua memória, por isso, faça bem para ser lembrado de forma positiva.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. **Rio de Janeiro: Paz e Terra**, v. 19897, 2022.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, p. 185-195, 1997.



TRAJETÓRIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA : UMA JORNADA DE ENSINAMENTOS, ARTE E VOLUNTARIADO

Beatriz Oliveira Bezerra



10.47247/MR/6063.035.2.37



De zero a ene

Para o subtítulo, me inspirei em uma peça teatral que assisti em 2023 chamada “O longo caminho que vai de zero a ene”. Realmente, antes de falar como cheguei aqui é necessário percorrer um longo caminho, que mescla educação e cultura. Então, vamos lá.

Em 2009, ingressei no Projeto Guri no Centro Comunitário Castelinho, polo atualmente extinto do projeto Guri, onde iniciei aulas de Canto Coral e Flauta Transversal. Essa minha participação me fez encontrar novas possibilidades, e comecei a me interessar por compartilhar conhecimento. A limitação de idade do espaço, até os 18 anos, fez com que houvesse grande rotatividade, e assim, os estudantes mais velhos ajudavam os mais novos com o repertório a ser ensaiado.

Em 2013, iniciei o curso de Ciências- Licenciatura na UNIFESP Diadema, no qual já me formei. Tive a oportunidade de ser bolsista CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) no subprojeto de Biologia, sob a orientação da Professora Doutora Ligia Ajaimé Azzalis. Nesse projeto, produzimos materiais didáticos e aplicamos nas aulas de Ciências e Biologia para ensino fundamental e médio. Essas atividades, realizadas principalmente na Escola Estadual Maria Carolina Casini Cardin foram experiências práticas na aplicação dos meus estudos e uma rica troca com meus colegas de universidade. Também participei como organizadora do I e II Evento ESC (Encontro dos surdos com as ciências) na UNIFESP - Diadema, como monitora de laboratório acessível em LIBRAS.

Concomitantemente a todo esse processo, desde 2009 faço parte do coletivo RPG&Cultura, como gestora voluntária. No coletivo, realizo ações de vivência de boardgames e RPG, jogos de tabuleiro interativos e colaborativos. As ações são realizadas em escolas públicas, CEUs, SESCs entre outros espaços públicos. Em 2013, fui proponente do Programa Vai com o projeto RPG Aventura & Confusão. As atividades foram concentradas em Cidade Ademar e Grajaú, na Escola Estadual Professor Dogival Barros Gomes, na Escola Municipal Almirante Sylvio Heck e na Escola Estadual Professor Giulio David Leone. Também participei do Programa Mais Educação como monitora de música, com oficinas de flauta doce.

Em 2016, fui bolsista CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) através de Iniciação Científica no Instituto Butantan, no Museu de Microbiologia. A pesquisa que desenvolvi visou conhecer e entender o que o público visitante do museu sabe sobre os microrganismos.

A partir de 2017, comecei a estagiar no Museu do Instituto Biológico, na exposição Planeta Inseto, com atividades relacionadas ao manejo e trato dos insetos, e ao atendimento de público espontâneo e agendado. E desde 2018 trabalho na fábrica de Cultura de Diadema, como Analista Artístico-Pedagógica.



Início essa parte com a citação de Freire, de acordo com Freire (1996, p.24)

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Pois ainda com toda trajetória, mesmo antes da formação em licenciatura, eu já exprimia a vontade de compartilhar saberes, porém com a ideia de que uma pessoa educadora é aquela que *transmite* conhecimento. Somente após conhecer Paulo Freire que compreendi de forma diferente, que os saberes são compartilhados e não transmitidos, isso me fez refletir sobre os espaços de educação formal restritos, no meu caso específico: dentro da universidade. Mas apesar dessa minha trajetória ter cruzado Paulo Freire na Universidade, sabemos que os espaços de aprendizagem não se dão apenas em espaços formais de educação e não deveriam ser, principalmente pelo fator excludente das instituições de ensino superior no Brasil, nas quais se acessa pagando ou o acesso é através de vestibulares com vagas limitadas. Podemos conhecer e discutir ideias como estas em bibliotecas dentro de espaços culturais, em rodas de conversas em espaços de educação não formal ou informal ao longo da vida, de acordo com CASCAIS e TERÁN (2014, p.3)

Sendo assim, a educação formal tem um espaço próprio para ocorrer, ou seja, é institucionalizada e prevê conteúdos, enquanto a educação informal pode ocorrer em vários espaços, envolve valores e a cultura própria de cada lugar. Já a educação não formal ocorre a partir da troca de experiências entre os indivíduos, sendo promovida em espaços coletivos.

Para finalizar minha participação nessa produção, deixo aqui a reflexão sobre como podemos difundir a ideia de educação transformadora e ativa e não sermos somente transmissores e receptores, “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” Freire (1996, p.25).

Referências

- CASCAIS, Maria das Graças Alvez; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. Ciência em Tela, Volume 7, Número 2, 2014. Disponível em <<http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf>>
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa. 57. Ed. Rio de Janeiro/São Pulo: Paz e Terra Editora, 2018.



O LONGO CAMINHO QUE VAI DE ZERO A ENE. Disponível em
<<https://www.sesisp.org.br/evento/61607c02-bdf1-492c-9097-d53b31cdbc4/o-longo-caminho-que-vai-de-zero-a-ene>>

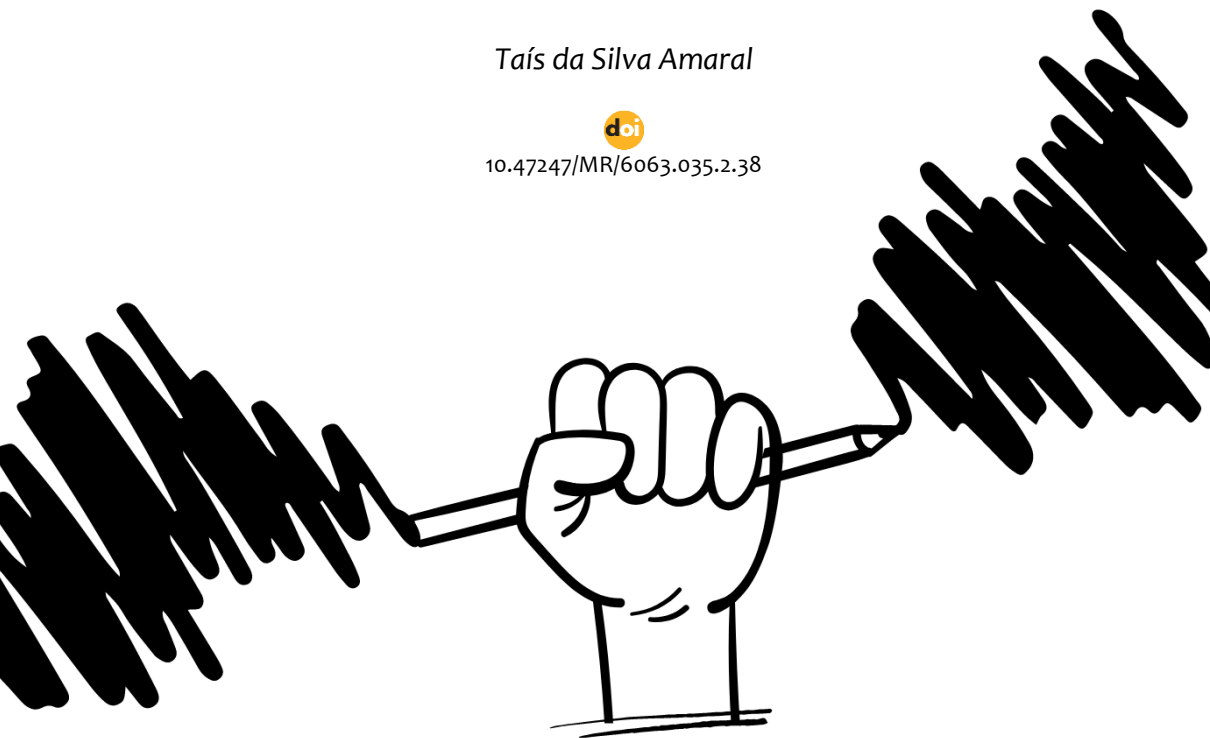


O QUE É SER PROFESSOR? UM SER
INACABADO QUE SE CONSTITUI
DIARIAMENTE ENTRE ENSINAR E
APRENDER

Taís da Silva Amaral



10.47247/MR/6063.035.2.38



Relato pessoal

Aos 17 anos tinha outros planos para meu curso de graduação, já com a matrícula realizada em Nutrição faltando meses para iniciar o curso, começo a trabalhar em uma escola de educação infantil como auxiliar, aos poucos fui me maravilhando com aquele ambiente e compartilhava as vivências sempre que retornava para casa.

Minha mãe ao perceber minha identificação com o mundo escolar e a realização do meu trabalho com prazer, resolve realizar uma conversa na qual a princípio vai descrevendo sobre minha relação com as crianças, minhas falas diárias ao chegar em casa após o trabalho e conclui de uma forma prática, racional e reflexiva, colocando que seria muito válida a profissão de nutrição, porém por ser enfermeira observava que o campo de trabalho para nutricionista não era muito expansivo, mas que o de professor seria como o de enfermagem no sentido de não faltar emprego, pois sempre precisariam de muitos professores e que essa seria uma profissão que jamais se acabaria ou seria substituída pela tecnologia.

Após essa conversa, reflito e resolvo mudar os planos e cancelo minha matrícula em Nutrição e decido iniciar Pedagogia.

Porém eu era uma jovem cheia de ilusões e inexperiente sobre a consciência do que seria ser professora, até que o autor Paulo Freire com a sua obra Pedagogia da Autonomia elucida e passa a nortear a minha consciência do que acredito que é ser Professora até os dias de hoje.

Colaboração da Obra de Paulo Freire na Minha Formação e constituição inacabada do que é ser professora.

Para explicar o que penso hoje sobre o que é ser professora me faz voltar a minha história acadêmica, pois ao entrar na faculdade de pedagogia tinha a ilusão de que sairia formada e constituída em uma professora pronta para lecionar.

Ao final do curso uma professora a qual admirava (tanto que foi a que escolhi como minha orientando do trabalho de conclusão de curso) no decorrer de uma aula expõe um discurso abordando sobre a responsabilidade e o papel do professor, abordagem fundamentada nas obras do autor Paulo Freire deixando “apaixonante” suas colocações, porém finaliza dizendo que naquele momento ainda não estávamos totalmente formados e preparados para lecionar, ao perceber o nosso espanto, conclui sua fala relatando que se recordássemos da leitura que havíamos realizado do livro Pedagogia da Autonomia do autor Paulo Freire compreenderíamos a sua colocação. Procurei naquele instante com bastante emoção compreender e refletir a fala dela com a leitura da obra, porém não encontrei, apenas encontrava pensamento de chateação e uma desconstrução dá até então admiração por aquela professora



Após, me formei e esse relato passou, até que fui realizar o curso de Pós-graduação em Pedagogia Empresarial, um curso no qual não me identificava, porém havia resolvido terminá-lo mesmo que fosse um ano e seis meses de insatisfação. Mas durante o curso tive um professor que suas aulas me encantavam, pois conseguia trazer Paulo Freire de uma forma que se tornava impossível não o admirar cada vez mais. Então o escolhi para ser meu orientador na escrita da Monografia, durante as aulas já havia expressado meu posicionamento sobre o curso, acreditava que era de qualidade, porém não me identificava, entretanto foi fundamental para eu descobrir que o meu mundo e o qual me dava sentido profissionalmente era o chão da escola.

Então esse professor com todo seu olhar Freiriano e sensibilidade trouxe me como opção de tese o assunto sobre os ruídos que acontecem dentro do ambiente empresarial e abordou todos os autores dos quais eu admirava dentro da pedagogia para nortear o meu trabalho e dentre eles estava novamente o livro “Pedagogia da Autonomia”.

Quando comecei a deleitar novamente com a leitura dessa obra automaticamente a fala daquela professora no curso de pedagogia voltou a mente e naquele instante compreendi o que ela queria nos fazer refletir. Conclui que sempre seria uma professora em construção ,pois cada instante, cada turma, cada vivência com os alunos me construiria e me constituiria como professora, ou seja, hoje ainda considero que sou uma professora em construção que aprendo diariamente no chão da escola e quero sempre ter a consciência de que quando eu me achar uma professora totalmente completa o sentido de entrar na sala de aula terá ser perdido e não irá de encontro com o que aprendi com o ilustríssimo autor Paulo Freire e para mim perderá todo o sentido.

É preciso que pelo contrário, dede os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indecisões acomodadas. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem á condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE,1997, p.25).

Desta forma sabemos que nós professores jamais deixaremos de aprender o que torna nossa prática e profissão valiosa para mim.

Vivências

Durante toda a trajetória tive a oportunidade de transitar pela escola da rede privada sendo auxiliar de classe, professora, coordenadora e diretora, escolas com metodologias diferentes todas válidas para adquirir conhecimento e ir me



constituindo professora, porém algumas questões começaram a me incomodar na rede privada, passei a perceber que primeiramente o aluno seria um cliente, no qual muitas vezes mesmo não sendo o melhor era preciso realizar devido ao sistema.

Mas nesse percurso me deparo com uma escola mesmo sendo da rede privada tem um outro olhar, pois vivenciava a pedagogia Waldorf, foi um momento curto, porém com muito aprendizado principalmente para olhar a criança individualmente dentro do seu processo de desenvolvimento e constituição.

Depois desse período na rede privada, passo para a rede pública, primeiramente como professora do Estado de São Paulo e Prefeitura de São Paulo e hoje como Professora da Prefeitura de Diadema e de São Paulo.

Nessa trajetória aprendi muito e sei que tenho muito mais para aprender, mas passei a ser defensora da escola pública e a olhar os alunos como pessoas com grandes potenciais, possibilidades e que eu enquanto professora tenho grande responsabilidade nesse processo, desconstruindo os conceitos preconceituosos sobre as escolas e alunos de escola pública. Freire (1997) diz que:

! Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, deve pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isso exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazer a avaliação do meu próprio fazer com os educandos (FREIRE,1997, p.63).

Conclusão

Com a disciplina Perspectivas e Reflexões com Docência tive novamente a oportunidade de desenvolver a leitura da obra Pedagogia da Autonomia e foi possível novas reflexões e aprendizagens, após colaborações dos outros colegas de turma e da professora sobre o livro. Desta forma posso concluir a importância dessa obra como base e norteadora para nós professores, pois ela nunca será obsoleta e a cada leitura é possível extrair mais aprendizados, reflexões, olhares e reforçar a nossa conscientização do que é ser professor e do nosso olhar durante a nossa prática em sala de aula para que nunca esqueçamos e nunca deixemos de esperar e a cada nova leitura descubro o quanto ainda tenho para aprender e ensinar.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 74ª. ed. São Paulo: Paz e Terra,1997.



Sobre as organizadoras e os organizadores

Marilena Rosalen



Professora e pedagoga, tem doutorado e pós-doutorado em Educação e é professora adjunto da Universidade Federal de São Paulo. Professora do Programa de Mestrado Ensino de Ciências e Matemática e coordenadora de projetos de pesquisa e de extensão em formação e prática de professores. É formada em Química (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e em Pedagogia pela UNIMEP. Mestre em Filosofia da Educação. É avaliadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação - INEP/MEC. Fundadora da Comunidade Movimentos Docentes e do grupo de pesquisa de mesmo nome, tem ampla experiência em projetos e pesquisas sobre formação e práticas docentes.

Everton Viesba



Professor, Gestor Ambiental, Consultor e Editor. É graduado em Gestão Ambiental e Licenciado em Ciências Biológicas. Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade, Formação Docente, EaD e Tecnologias. Também atua como Coordenador adjunto do Programa de Extensão Universitária — Escolas Sustentáveis, que deu origem ao Observatório de Educação e Sustentabilidade da UNIFESP, projeto que idealizou e hoje coordena. É Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PECMA-UNIFESP).





Licenciada em Educação, Mestre em Educação: Sociologia da Educação e Políticas Educacionais e Doutorada em Ciências da Educação. Desde 2000 leciona no ensino superior e é atualmente docente na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, em Portugal. Foi membro da Direção da Escola Superior de Educação Jean Piaget Nordeste, em Portugal, tendo exercido os cargos de vogal e vice-diretora e diretora. Internacionalizou a atividade docente em 2012, desenvolvendo funções docentes na Universidade Jean Piaget de Moçambique e posteriormente na Universidade Católica de Moçambique. Estendeu a sua internacionalização ao Brasil, nomeadamente à Universidade Federal de São Paulo onde teve a oportunidade de apresentar o seu livro “O lado oculto da escola”, publicado pela editora V&V e à Universidade Estadual do Amapá; a Espanha, à Universidade de Vigo e à Universidade de Valência e à Guiné-Bissau, no Instituto de Pedagogia e Administração Educacional. Tem ainda experiência como Mediadora Socioeducativa no Agrupamento de Escolas Dr. Júlio Martins, em Chaves, Portugal, onde criou e coordenou o Gabinete de Mediação, bem como o projeto Parentalidade Positiva e Interculturalidade no âmbito do programa integrado. Plano Pessoal de Desenvolvimento Social e Comunitário. no Programa Nacional de Educação para a Promoção do Sucesso Escolar. Coordenou também a Rede de Escolas de Educação Intercultural deste Agrupamento de Escolas, na sequência da sua participação como coautora na candidatura ao selo Escola Intercultural, que conferiu ao Agrupamento o selo “Escola Intercultural”. Destaca-se ainda o seu trabalho no projeto “O poder da mediação entre pares” na categoria de formação cívica, que valeu a distinção do Agrupamento de Escolas como “Escola Amiga da Criança”. Em dezembro de 2020, enquanto coordenadora do Gabinete de Mediação, foi distinguida com uma distinção da Câmara Municipal de Sintra, em Portugal, com o reconhecimento do projeto de mediação positiva como exemplo de boas práticas para outros agrupamentos de escolas portuguesas. Tem desenvolvido atividades de consultoria em escolas de Portugal e Moçambique para promover a interculturalidade, a inclusão e a convivência pacífica. Colaborou com o Centro Internacional de Ensino e Investigação Fernão de Magalhães (CIEIFM), exercendo funções de coordenadora pedagógica e investigadora. Co-criou e co-coordenou o Centro de Investigação Transdisciplinar em Ciências da Educação (NITCE) no ISCE Douro. Como investigadora, integra o Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» da Universidade do Porto e como colaboradora do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED), da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. É membro da direção da Intervenção – Associação de promoção e divulgação cultural. É revisora ad hoc de artigos em revistas científicas da sua área de formação e pesquisa, e participa de comissões organizadoras e científicas de congressos nacionais e internacionais.



Louise Lima



Alexandre Cruz





Sobre as autoras e os autores

  Adriana Camilo Leovergílio de Andrade

Enfermeira, formada pelo Centro Universitário São Camilo, Especialista em Gestão em Enfermagem pela UNIFESP, Especialista em Produção de Material Didático para EAD pela UFLA, Pedagoga, formada na UnG, mestranda no curso de Pós Graduação Stricto Sensu em Ensino em Ciências da Saúde da UNIFESP, discente no curso de Pós-Graduação em Design Instrucional pela UFSCAR, atua na Coordenação de cursos Técnicos em Enfermagem e como Docente nos cursos de graduação em Enfermagem e Pedagogia.

  Alexandre Monteiro de Camargo

  Anderson Ricardo Júnior da Rocha Silva

  Beatriz Oliveira Bezerra

Mestranda no Programa de Ensino de Ciências e Matemática - PECMA pela UNIFESP, sob orientação do Profº Dr. Rui Viera e formada em Licenciatura em Ciências pela UNIFESP. Integra a equipe da Fábrica de Cultura de Diadema desde 2018, atualmente na equipe Pedagógica como Analista Artístico-Pedagógica. Atua, desde 2009, com jogos de tabuleiro no coletivo “RPG & Cultura”, propondo atividades em diversos espaços como CEUs, SESCs, escolas públicas e privadas, CCAs, bibliotecas e outros espaços, com o intuito de ampliar o repertório de jovens da periferia e difundir a cultura de jogos de tabuleiro, incluindo o RPG de mesa.

  Beatriz Tomé Martins de Moraes

Cirurgiã dentista aluna do PPG Mestrado em Patologia Geral e Investigativa, pela UNIFESP - EPM

  Bianca Lopes Santos

Professora de Ciências e Biologia. Licenciada em Ciências - Habilitação em Biologia pela Universidade Federal de São Paulo.



  Bianca Santantonio Silles

Professora de Biologia da rede privada de ensino na cidade de São Paulo. Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo e mestrando em Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Federal de São Paulo.

  Bianca Yara Pereira Alves

Assistente social pela Universidade Federal de São Paulo e discente do programa de Pós-Graduação de Serviço Social e Políticas Sociais da Universidade Federal de São Paulo no Campus da Baixada Santista.

  Bruna Acioli Silva Machado

Sou mãe de duas meninas, Mariana e Maria Luiza, estudante de mestrado na UNIFESP, possuo Especialização no Ensino de Matemática (2013) e sou licenciada em Matemática (2007). Lecionei Matemática na rede Estadual de São Paulo e na rede particular. Desde 2012, atuo como professora efetiva de Matemática na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Amo viajar e curtir a minha família

  Bruna Carolina Lopes Pedraga

Graduada em Licenciatura em Ciências com habilitação em Biologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), atualmente em processo de conclusão do mestrado em Ensino de Ciências e Matemática também pela UNIFESP. Especialista em Psicopedagogia e Neurociência Educacional. Possui experiência na docência do Fundamental II, Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos componentes de Física, Química, Biologia e Ciências. Além de experiência em formação de professores e mentoria em cursos de pós-graduação.

  Bruna Gimenez da Silva

Licenciada em Ciências com Habilitação em Biologia pela Unifesp Diadema. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PECMA), também da Unifesp Diadema. Já atuei como professora de Ciências, na rede pública e privada. Além disso, possuo experiências como autora e editora de materiais didáticos de Ciências da Natureza para o Ensino Médio.



  Caroline Freire

Mestranda em Ensino em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Graduada em Enfermagem. Enfermeira Sanitarista na Prefeitura Municipal de Osasco. – PMO, Osasco, São Paulo, Brasil. freire.caroline@unifesp.br

  Charles Yea Zen Chow

Médico com residência médica em nefrologia pediátrica e transplante renal em Pediatria, com Título de Especialista em Nefrologia Pediátrica pela Sociedade Brasileira de Nefrologia e Sociedade Brasileira de Pediatria, atualmente com mestrado em andamento. Atua nas respectivas áreas, envolvendo cuidados em nefrologia pediátrica, pré e pós transplante.

  Daiane Carvalho da Silva

Pedagoga, especializada em Neuro psicopedagogia Clínica, Hospitalar e Educacional, Atendimento Educacional Especializado (A.E.E.), Educação Especial e Psicomotricidade e em Inovação na Educação Mediada por Tecnologias, atualmente sou mestranda do programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de São Paulo (PECMA), trabalho na rede pública de ensino dos municípios de Diadema (2005) e na de São Paulo (2011), atuo como professora de Educação Infantil e Ensino fundamental I.

  Edna Munin

Nascida em São Paulo no dia 02/09/1979. Formada em Pedagogia e Administração de empresa com Pós em Neuro psicopedagogia. Instrutora de Aprendizagem no Instituto Saber de Educação na área de treinamento e desenvolvimento de jovens aprendizes e na Fundação Casa no treinamento de jovens infratores em recuperação

  Eduardo Figueiredo Teles Faria



Formado em Ciências Biológicas na modalidade licenciatura e bacharelado na Universidade Estadual Paulista (UNESP) - campus de São José do Rio Preto. Atualmente é mestrando do Programa de Pós graduação em ensino de ciências e matemática (PECMA) pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e professor na rede estadual de ensino

  Eubes Alves de Oliveira Santos

Licenciatura plena em História - Pedagogia - Letras pelo Centro Universitário Assunção – Unifai - FPSJ e FAETI. Pós-Graduado em Alfabetização e Letramento - Educação Especial e Inclusiva - História e Cultura Afro – Brasileira e cursando Educação Infantil pela Faculdade de Educação e Tecnologia Iracema - (FAETI). Atuei por muitos anos como Coordenador de TI, Analista de Crédito e Cobrança e Assistente Administrativo nos Departamentos Financeiros de empresas da iniciativa privada como por exemplo do ramo editorial. Atualmente sou Professor de Educação Básica I pelo Município de Diadema no Estado de São Paulo e aluno Especial de Ensino de Ciências e Matemática - PECMA da Unifesp

  Giovanna Augusto Ravazi

Professora unidocente dos anos iniciais, apaixonada pela profissão, formada em pedagogia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, especializada em ensino infantil pela Universidade Cruzeiro do Sul e mestranda do Programa de Pós-graduação - PECMA pela UNIFESP, Campus Diadema.

  Jordana de Sena Campos

  Joselia Maria Da Silva

  Julio Cesar Domiciano

Professor formado em Letras e Pós-Graduado em Gestão Escolar pela Faculdade Anhanguera. Realizou especialização nos EUA pela Ohio University e Missouri State University. Trabalha na rede pública estadual paulista como Professor titular efetivo na disciplina de Inglês e como Coordenador de Gestão Pedagógica da Área de Linguagens na Diretoria de Ensino de Taubaté. Atualmente cursa o Mestrado em Inovação e Tecnologia na UNIFESP - Campus São José dos Campos. Estuda metodologias ativas e recursos complementares no ensino do Inglês, bem como na



importância do idioma e da língua como manifestação da identidade cultural do indivíduo para a promoção de práticas sociais e humanas de maneira coletiva.



  Larissa Alves Barros

Formada em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do sul. Graduada em Psicologia pela Universidade Nove de Julho e mestranda no programa de Neurologia e Neurociências pela Universidade Federal de São Paulo.

  Ligia Maria Oliveira Conte Silva

Fisioterapeuta formada pela Universidade Cidade de São Paulo. Pós-graduada em Fisioterapia Hospitalar e Reabilitação Cardiopulmonar pela Universidade HIAE, Pós Graduada em Reabilitação Oncológica pelo AC Camargo. Especialista em Terapia Manual Pediátrica Integrativa TMPI, Graduada em Medicina Germânica, dentre outros, e discente do Mestrado no Programa de Pós-graduação em Patologia da Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP na linha de pesquisa: “A RELAÇÃO ENTRE ASSIMETRIAS DE CABEÇA E PESCOÇO, ANQUILOGLOSSIA E DESENVOLVIMENTO MOTOR GLOBALEM BEBÊS”. Atualmente trabalha com desenvolvimento infantil e alterações biomecânicas na pediatria

  Lucas Zenni Salomão

  Luiz Weisheimer

  Mariana de Almeida Medawar Tavares

Graduada em Medicina pelo Centro Universitário Lusfada, formada em 2005 e especialista com Residência Médica pela Universidade de São Paulo em Medicina de Família e Comunidade, formada em 2009. Atuou na Atenção Primária à Saúde de 2007 a 2022. Concursada pela Prefeitura Municipal de Praia Grande de 2012 a 2022, com experiência em Atenção Domiciliar, Saúde da Mulher e Práticas Integrativas. Médica da Divisão de Educação Permanente e Coordenadora Pedagógica do Programa de Residência em Medicina de Família e Comunidade da Secretaria de Saúde da Praia Grande de 2016 a 2021. Professora de Saúde Coletiva da Universidade Metropolitana de Santos desde 2012, docente na UNAERP Guarujá desde 2020 e professora na Universidade São Judas desde fevereiro de 2022. cursando mestrado na UNIFESP



Baixada Santista desde março de 2022. Experiência em Telemedicina por plano de saúde de 2022 até a presente data

  Mauricio Hernandes

33 anos - Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade São Judas Tadeu, bacharel e licenciado. Professor da rede estadual de São Paulo, das disciplinas de Biologia, Ciências, Física e Química.

  Naiad Quinhone Pimentel

Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Paulo. Possui Pós-Graduação em Psicomotricidade e Gerontopsicomotricidade. Mestranda pela Universidade Federal de São Paulo pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano e Reabilitação. Atualmente exerce o cargo de terapeuta ocupacional, atuando na reabilitação com crianças e adolescentes com alterações do neurodesenvolvimento.



  Otávia Patrícia Gomes

tenho 41 anos e sou casada desde 2020. Sou professora das redes estadual e municipal de São Paulo. Sou formada em Matemática desde 2005 e em Pedagogia desde 2020. Durante esses anos, lecionei em diversas escolas do Estado de São Paulo e em 2014 me efetivei na E E Amadeu Odorico de Souza onde leciono, dividindo meu tempo com a Prefeitura do Município de São Paulo, onde ingressei como efetiva em 2017, e atuo na EMEF Professor Paulo Gonçalo dos Santos. Realizei diversos cursos na área da educação e algumas pós-graduações na área da Matemática e na área de tecnologia envolvendo a Matemática. No momento, além do Mestrado estou cursando uma pós-graduação em educação especial.

  Queila Vicente Fonseca Santos

Professora de Ciências e Biologia, pós-graduada em educação ambiental e sustentabilidade, pós graduada em coordenação pedagógica pela UFSCAR, pedagoga, integro o Grupo Movimentos Docentes da Unifesp Diadema e atualmente sou mestranda do programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de São Paulo, atualmente mestranda pela UNIFESP, trabalho na rede de ensino como efetiva desde 2014 e atuo como professora e coordenadora de organização escolar no município de Diadema.



  Ricardo Maciel Lopes

Professor de História na rede estadual de ensino de São Paulo, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - PECMA, da Universidade Federal de São Paulo, Campus Diadema.

  Sandra Mara Medeiros França

Formação em Biologia, Farmácia e Pedagogia. Especialização em Deficiência e Transtorno do Espectro Autista. Mestranda em Educação. Professora de Atendimento Especial da Prefeitura de São Paulo.

  Sônia Couto Ramos

Enfermeira formada pela faculdade de enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein. Pós-graduada em: residência em UTI pela UNIFESP; educação em saúde do ensino superior pelo CEDESS/UNIFESP; mestrado e doutoranda pela disciplina de Endocrinologia e Metabologia da UNIFESP. Professora Universitária na área da saúde

  Suzana Cristina Almeida

Fisioterapeuta formada pela Universidade de São Paulo- USP. Pós-graduada em Residência em Saúde da Criança e do Adolescente pela Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP. Especialista em Terapia Intensiva Pediátrica e Neonatal pela Pontifícia Católica do Paraná- PUCPR. Discente do Programa de Pós-graduação em Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia- UFU, na linha de pesquisa: “Avaliação e intervenção Fisioterapêutica nos Sistemas Cardiorrespiratório e Neurológico”. Atualmente trabalha com estimulação precoce.

  Taís da Silva Amaral

Graduada em Pedagogia pela Universidade Ibirapuera e Licenciada em Letras pela Faculdade Metropolitanas FMU. Pós-graduada em Psicomotricidade, Pedagogia Empresarial e em Educação a Distância. Professora de educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de Diadema e na Prefeitura Municipal De São Paulo.



  Vitória Cristina Ferreira Santos

Docente adjunto e pesquisadora em Filosofia da Saúde – Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo – EPM/UNIFESP, São Paulo, Brasil. candido.viviane@unifesp.br

  Viviane Gonçalves

Pedagoga, professora de educação infantil e ensino fundamental na rede pública de Santo André e São Bernardo do Campo/ SP. Escotista, aluna do PECMA e participante do Movimentos Docentes.



Índice remissivo



Ficha técnica

Título	O que é ser professor/a?
Subtítulo	Perspectivas e reflexões contemporâneas da docência
Org.	Marilena Rosalen, Cristiana Madureira, Louise Lima, Alexandre Cruz e Everton Viesba
Coleção	O que é ser professor?
Páginas	200
Edição	1
Volume	1
Ano	2024
Cidade	Santo André
Editora	V&V Editora
ISBN	978-65-6063-035-2
DOI	10.47247/MR/6063.035.2

REFERÊNCIA

ROSALEN, M.; MADUREIRA, C.; LIMA, L.; CRUZ, A.; VIESBA, E. (Orgs). **O que é ser professor/a?** Perspectivas e reflexões contemporâneas da docência. Santo André: V&V Editora, 2024.



Querida leitora e querido leitor,

Agradecemos por ter comprado a versão impressa desse livro e/ou por ter feito o download do e-book. Decerto que despertar seu interesse pela obra, para nós, é uma alegria imensa.

Por isso, agradecemos.

Caso tenha alguma dúvida ou sugestão,
entre em contato conosco pelo e-mail:

contato@vveditora.com

Publique conosco!

Biografias, poesias e textos literários.

Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses.

Artigos e textos de Grupos de Pesquisas e Coletâneas.

Acompanhe nossas redes, site e nossos eventos.





Neste segundo volume da coleção, continuamos a explorar as profundas e variadas dimensões da docência por meio dos ensaios crítico-reflexivos dos/as estudantes da disciplina "Perspectivas e reflexões contemporâneas da docência". Cada capítulo é único, onde os/as autores/as compartilham suas experiências pessoais, desafios enfrentados e aprendizados adquiridos, respondendo de maneira singular à pergunta que intitula a coleção. As reflexões apresentadas iluminam o cotidiano e a prática docente e oferecem uma visão enriquecedora sobre a importância e o impacto da educação na sociedade contemporânea. Este livro é uma leitura essencial e prática sobre como devemos e podemos refletir sobre nossa própria prática, sobre a formação que recebemos e aquela que oferecemos.

